



**SUSANA  
FÉLIX**  
“Procura-se”  
para que  
o tempo cure

**SPA ELEITA  
EM BRUXELAS  
PARA DIRECÇÃO  
DO GESAC**

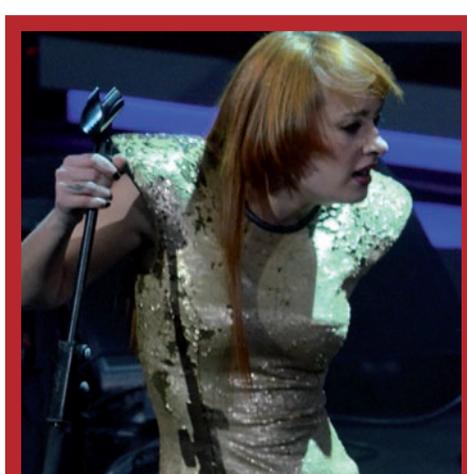


**COMITÉ EUROPEU  
DA CISAC EM LISBOA**  
“Colocar o autor  
no coração  
da nossa estratégia”

**OLIVIER HINNEWINKEL**  
Novo director-geral da CISAC

**FERNANDO LOPES E BERNARDO SASSETTI - UM IMENSO ADEUS**

# SEM AUTORES NÃO HÁ CULTURA



**87 anos em defesa  
dos seus direitos**



N.º: 34  
Abril/Junho 2012  
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: José Jorge Letria

Direcção Executiva e Coordenação:  
José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA,  
Edite Esteves (EE), Álvaro Cassuto, António  
Carlos Cortez, José Jorge Letria e Urbano  
Tavares Rodrigues

Direcção de Arte e Design: José Maria  
Ribeirinho

Fotografia: Arquivo da SPA, Alfredo An-  
tónio, DR, Inácio Ludgero e Jaime Seródio

Design e tratamento de imagem:  
JM Design&edições  
www.jm-designedicoes.com

Propriedade:  
Sociedade Portuguesa de Autores  
Av. Duque de Loulé, 31  
1069-153 Lisboa  
Tel: 21 359 44 00  
Fax: 21 353 02 57  
email: geral@spautores.pt  
site: www.spautores.pt

NIF.: 500257841  
ICS: 100206  
Tiragem: 3000  
Periodicidade: Trimestral  
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:  
António Coelho Dias, S.A.

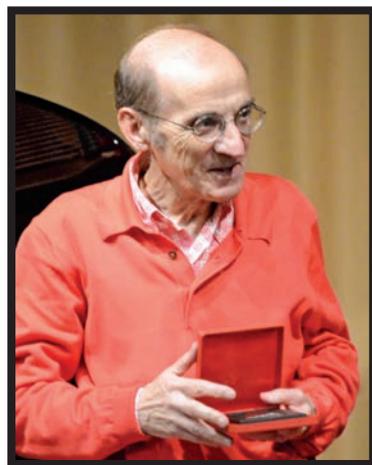
Depósito Legal: 224 872/200

## SPA 87 anos

A nossa casa  
A nossa causa

## Sumário

A celebração do 87.º aniversário da SPA e, simultaneamente, do Dia do Autor Português é um dos momentos altos deste período. Como sempre acontece, a homenagem prestada pela cooperativa a autores e entidades que difundem a obra dos autores e os seus direitos constitui um marco, no dia 22 de Maio, data da fundação desta casa. O programa da festa, que culmina com a atribuição do Prémio Consagração de Carreira 2012 ao músico baterista, maestro, arranjador e editor musical Jorge Costa Pinto, encontra-se delineado nas páginas desta edição, bem como a Mensagem do Dia do Autor Português, assinada este ano, a convite da cooperativa, pelo maestro Álvaro Cassuto. A reportagem pormenorizada desta celebração deverá ser publicada na próxima revista. Para a história da SPA fica aqui registado um dossiê especial sobre a realização em Lisboa, pela primeira vez, da assembleia-geral anual do Comité Europeu da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores), a 19 e 20 de Abril, que bateu o recorde de presenças com 100 participantes de 56 sociedade de autores de 35 países. Considerado “muito bem organizado” por todos os dirigentes, este importante acontecimento veio



credibilizar ainda mais a SPA, a nível do seu prestígio internacional. De destacar neste dossiê uma entrevista ao novo director-geral da CISAC, Olivier Hinnewinkel, cuja estratégia vai ao encontro da política defendida pelo presidente da SPA, que aqui faz o balanço do evento, reafirmando a necessidade de investir na comunicação e imagem das sociedades de autores no mundo. Aliás, a instalação definitiva do SGS, o novo sistema informático adquirido à SGAE, de Espanha, que deverá passar a denominar-se provisoriamente SPA Digital, é um instrumento fundamental para o futuro, em termos de negócio com as outras sociedades de autor, nomeadamente com as dos países lusófonos, e com a possibilidade do incremento de internacionalização dos autores. Este período de reconhecimento do prestígio da SPA a nível internacional culminou no dia 10 de Maio, em Bruxelas, com a eleição da Sociedade Portuguesa de Autores, na pessoa do seu CEO, José Jorge Letria, para a primeira Direcção do GESAC (Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores), que agrupa 34 das maiores sociedades de autores na UE, na Noruega e na Suíça. Na sequência da defesa dos direitos dos autores, e ponderando sobre a transposição formal das directivas europeias para o ordenamento jurídico português, a SPA proporcionou em Lisboa e no Porto duas sessões de debate e esclarecimento com bibliotecários da rede pública de leitura sobre a necessidade de revisão da Lei do Comodato.

A jovem autora, compositora e intérprete Susana Félix é a entrevistada nacional desta edição.

De destacar o anúncio, ainda sem data marcada de início de transmissão, do retorno do programa “Autores” à TVI 24, de novo com apresentação de Paulo Sérgio Santos, e das “Notas de Autor” à TSF, ambos da responsabilidade da SPA. Urbano Tavares Rodrigues assina neste número da revista mais um conto – “A Chave Dourada”. A Autores publica na íntegra a apresentação académica que António Carlos Cortez, Prémio Autor 2011 para o Melhor Livro de Poesia, fez à antologia poética de Albano Martins, lançada na SPA. De destacar

ainda a sessão de lançamento da edição em forma de livro de “As ilhas desconhecidas”, produzida pelo fotógrafo Jorge Barros, que assina as fotos ali incluídas, concomitantemente com a exposição de fotografia do mesmo autor – “Aproximações”. Jorge Barros receberia por antecipação a Medalha de Honra da SPA nessa sessão. Também o jovem fundador dos Sitiados, João Aguardela, evocado por Ricardo Alexandre, que aqui lançou também o seu livro sobre a “Vida e Obra de João Aguardela”, foi distinguido, a título póstumo, com a Medalha de Honra da SPA. A entrega da primeira edição do Prémio Pedro Osório a Jorge Palma foi um momento alto deste período. Em foco, a recente atribuição à bailarina e coreógrafa Olga Roriz do Prémio Latinidade “João Neves de Fontoura” 2012, pela União Latina. Na lista de Os que Partiram, esta edição assinala as mortes do cineasta Fernando Lopes, do músico e compositor Bernardo Sasseti e do escritor italiano Antonio Tabucchi.

A recente eleição da SPA para a Direcção do Grupo Europeu das Sociedades de Autores e Compositores, com sede em Bruxelas, representa mais um passo para o efectivo reconhecimento internacional da nossa cooperativa que, agora integrada nesta estrutura directiva, poderá intervir de forma mais dinâmica na luta pela defesa dos direitos dos autores junto de instâncias tão relevantes como a Comissão Europeia. A SPA, através da participação do seu presidente, passa a integrar uma estrutura com nove dirigentes de representativas sociedades europeias e, nessa condição, irá tentar assegurar equilíbrios e dinâmicas de diálogo que evitam a subalternização dos criadores e dos seus repertórios, num continente atingido por uma crise de dimensão global.

O reforço desta presença internacional tinha já ficado patente na realização em Lisboa da assembleia anual do Comité Europeu da CISAC, a mais importante estrutura daquela confederação. Em Lisboa, onde se conseguiu a maior participação de sempre de sociedades de autores numa assembleia deste comité, a SPA teve oportunidade de falar da reali-

## SPA REFORÇA PRESENÇA NA CENA INTERNACIONAL

dade nacional e internacional, destacando a urgente necessidade de as sociedades de gestão colectiva melhorarem os seus níveis de comunicação com os próprios autores que a elas estão ligados, com a opinião pública, com os representantes do poder político, com o público jovem em fase de formação e com os média. Foi também sublinhado o facto de, mais do que nunca, neste mundo global, as sociedades de autores deverem estar unidas, funcionando em rede, para



A SPA, LUTANDO PELA  
MODERNIZAÇÃO  
DAS SUAS ESTRUTURAS  
E MÉTODOS, TUDO  
CONTINUARÁ A FAZER  
PARA QUE O DIREITO  
DE AUTOR TENHA FUTURO  
E PARA QUE OS CRIADORES,  
DESIGNADAMENTE  
OS DAS GERAÇÕES MAIS  
JOVENS, SE SINTAM  
PROTEGIDOS NUMA  
INSTITUIÇÃO QUE NASCEU  
PARA OS REPRESENTAR  
E DEFENDER.  
É ESSE O NOSSO CAMINHO,  
O NOSSO COMPROMISSO  
E A NOSSA ESTRATÉGIA

melhor poderem resistir a uma tendência preocupante para a contestação por parte dos poderes públicos dos fundamentos do direito de autor. Recorde-se que a SPA, além de estar presente nos comités técnicos da CISAC, integra o Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos e Audiovisuais e teve a iniciativa de criar os Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores, já a caminho da quarta edição. Nunca as sociedades de gestão colectiva e os autores que as integram estiveram sujeitos a um ataque tão persistente e sistemático que, a médio prazo, poderá mesmo pôr em causa o futuro do direito de autor e da sua gestão. A SPA, lutando pela modernização das suas estruturas e métodos, tudo continuará a fazer para que o direito de autor tenha futuro e para que os criadores, designadamente os das gerações mais jovens, se sintam protegidos numa instituição que nasceu para os representar e defender. É esse o nosso caminho, o nosso compromisso e a nossa estratégia.

*Maio de 2012  
A Direcção  
e o Conselho de Administração*

JORGE PALMA E ISABEL DO CARMO JUNTOS NA PRIMEIRA GRAVAÇÃO

## SPA VOLTA A ESTAR PRESENTE NA PROGRAMAÇÃO DA TVI 24 E DA TSF

A TVI 24 está já a gravar os primeiros programas da nova série “Autores”, que deverá começar a ir para o ar ainda neste mês de Maio, em data e horário a anunciar. Segundo procurámos saber junto da produção, a nova série de seis meses do programa “Autores” na TVI 24, deverá ser transmitida às sextas-feiras à noite, durante uma hora, e repetida aos sábados à tarde.

Como aconteceu nas séries anteriores, o programa, da responsabilidade da SPA e daquela estação de televisão, tem apresentação do cooperador e membro suplente da direcção da cooperativa Paulo Sérgio Santos, que já deu voz e rosto às presenças da SPA na RTP 2 e na TVI 24.

O cenário do programa é da responsabilidade de Catarina Amaro, como já aconteceu também anteriormente. Uma das modificações registadas aqui, em relação à série anterior, é a substituição, nos painéis luminosos verticais que rodeiam a cena, dos rostos de alguns autores por elementos instrumentais ligados às diversas áreas criativas cobertas pela SPA e em foco ao longo dos episódios.

### ENTROSAR GERAÇÕES E DISCIPLINAS

A nova série vai ter um conteúdo semelhante à anterior. Segundo o seu mentor, José Jorge Letria, “basicamente, a lógica das presenças, das participações e das entrevistas, duas em cada emissão, é semelhante, ou seja, dar voz a cooperadores de diversas gerações e de diversas disciplinas, tentando entrosar o mais possível as gerações mais velhas com as mais novas e ligar diversas áreas criativas, misturando a música com o teatro, o teatro com as artes plásticas, as artes plásticas com a dança, a literatura com o cinema, e assim por diante”.

“Vai ser um programa mais interdisciplinar do que foi e vai sublinhar mais o papel da SPA na sociedade portuguesa, em termos da defesa dos direitos dos criadores e também o papel social e de promoção cultural que a sociedade tem e que faz parte da sua identidade”, acentuou à nossa revista o responsável máximo da Sociedade Portuguesa de Autores.

Os convidados do primeiro programa gravado desta nova série (que não são necessariamente os da lista de transmissões) foram o conhecido cantor Jorge Palma, distinguido com a primeira edição do Prémio Pedro Osório e a médica, professora universitária e autora de vários livros Isabel do Carmo, ambos cooperadores da SPA. O afamado compositor e professor da Escola Superior de Música de Lisboa Luís Tinoco e Paulo Furtado, *The Legendary Tiger Man* de seu nome artístico, vocalista e músico blues, num estilo singular de homem-orquestra (One-man-band) foram os dois autores musicais em estilos diferentes convidados para o segundo programa gravado. Outros pares de entrevistados já gravados, até à hora de fecho desta edição, foram: Tozé Brito e Carlos Alberto Moniz, também dois homens da área musical; Luísa Amaro e mestre Chainho, um especialista na guitarra de Coimbra e outro na de Lisboa; Jorge Leitão Ramos e Paulo Filipe, duas gerações de criadores ligados ao cinema (na foto); e a afamada cantora de jazz Maria João e a jovem Márcia, intérprete da conhecida canção “A pele que há em mim”.

### “NOTAS DE AUTOR” NA RÁDIO

Entretanto, a SPA voltará a ter no ar, na antena da TSF, a partir deste mês de Maio e nos próximos meses, a série “Notas de Autores”, que, em



apontamentos diários de poucos minutos, de segunda a sexta, dará voz a cooperadores de todas as disciplinas, que falarão do seu trabalho e da obra de outros autores,” com um predominante critério de actualidade”.

“A ideia é uma semana um autor”, adianta José Jorge Letria, especificando: “Ao longo da semana, cada dia um autor destaca obras de outros autores que ele considera merecedoras de realce. No primeiro dia desses apontamentos de três minutos, esse autor fala de uma obra sua nova e nos quatro apontamentos seguintes da semana, fala de obras de outros autores, com um dia para cada autor.”

Em relação à eventual colaboração com a SIC, “não há nada definido ainda”. Por enquanto, segundo José Jorge Letria, “há perspectivas abertas para se vir a fazer um programa na SIC Notícias ou na SIC Radical, mas até ao momento, ainda não avançámos com esse projecto ou com essa possibilidade”.

Deste modo e segundo uma nota divulgada pelo Conselho de Administração, no passado dia 7 de Maio, “a SPA volta a garantir a sua presença regular e prestigiante no espaço mediático, divulgando o trabalho dos seus associados, difundindo os valores e princípios do direito de autor e prestigiando a imagem da nossa cooperativa, que completa 87 anos de existência a 22 de Maio, Dia do Autor Português”.

“Esta presença em programas de rádio e televisão tem contribuído, comprovadamente, para que a opinião pública em geral, mas também todos aqueles que lidam com os autores e com os seus direitos, tenham uma imagem mais moderna, dinâmica e aberta da SPA”, garante o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da cooperativa. *EE*

### RELATÓRIO E CONTAS DA SPA

## APROVADO COM VOTAÇÃO RECORDE

O Relatório e Contas da SPA relativo ao ano de 2011 foi aprovado, na assembleia geral ordinária realizada no passado dia 30 de Março, com 190 votos a favor, seis abstenções e um voto contra. As contas foram fechadas com um resultado líquido positivo de 532.406 euros.

Foi esta a maior votação de sempre num Relatório e Contas, na história da SPA, o que a Direcção considera uma expressiva prova de confiança e apoio à actual gestão da cooperativa.

O Presidente da Direcção e do Conselho de Administração, José Jorge Letria, sublinhou os desafios que a SPA e o Direito de Autor estão a enfrentar

em Portugal e no mundo, apelou à unidade de todos os cooperadores e anunciou o reforço de medidas destinadas a reduzir o impacto da crise em curso.

Foi também anunciada uma tomada de posição da SPA relativamente à Lei da Cópia Privada, cuja aprovação no parlamento os autores portugueses desejam ver assegurada no mais curto prazo, em nome dos seus legítimos e inadiáveis direitos e interesses.

Lisboa, 2 de Abril de 2012  
O Conselho de Administração

EM CARTA ABERTA ENDOSSADA À NOSSA COOPERATIVA E AO SEC



## A EUROCONCERT MANIFESTA AGRADO PELA VIA DE DIÁLOGO ABERTA PELA SPA

Após o comunicado emitido no dia 8 de Novembro de 2011 pelo Conselho de Administração da SPA, transcrito na revista Autores de Outubro/Dezembro passados, em que esta cooperativa de gestão colectiva de direitos de autor desmente a versão da Euroconcert sobre o cancelamento dos dois concertos da Glenn Miller Orchestra, marcados para Lisboa e Porto, esclarecendo pormenorizadamente toda a situação criada, a Sociedade Portuguesa de Autores recebeu, no passado dia 20 de Março, da empresa Euroconcert Suisse SARL uma carta aberta, endossada igualmente ao secretário de Estado da Cultura, em que reconhece que “os acontecimentos ocorridos (...) poderão ter sido motivados por alguma falta de eficaz comunicação”. Aquela empresa promotora de espectáculos manifesta, ainda, o seu “desejo de continuar a trazer muitos espectáculos a Portugal, esperando que as relações com a SPA” (através da sua abertura de diálogo) “sejam profícuas e que estes novos desenvolvimentos possam ser um efectivo iniciar de um novo capítulo na história das relações entre ambas as instituições”. É o seguinte, o teor integral da missiva:

Carta aberta ao Exmo. Sr. Secretário de Estado da Cultura publicada em Dezembro de 2011 e resposta pública da SPA à mesma missiva.

A Euroconcert Suisse SARL (doravante apenas Euroconcert) com referência ao assunto em epígrafe, vem por este meio manifestar o seu agrado pela posição da Sociedade Portuguesa de Autores (doravante SPA) no sentido da abertura ao diálogo com este promotor de espectáculos. Efectivamente, a Euroconcert considera que os acontecimentos ocorridos e que acabaram por culminar com o cancelamento de um concerto e a publicação de uma carta aberta dirigida ao Exmo. Sr. Secretário da Cultura, alvo de resposta pela V. cooperativa, poderão ter sido motivados por alguma falta de eficaz comunicação, reconhecendo que tal não terá sido de todo desejável ou intencional por qualquer das partes envolvidas. Cumpre, ainda assim, acrescentar que a Euroconcert não foi orientada por qualquer pretensão de atentar contra a imagem da SPA, tendo publicado o referido comunicado por entender, tão só, que se encontrava legitimamente a exercer os seus direitos.

A actividade da Euroconcert é produzir espectáculos e levá-los aos palcos, tendo sempre como princípio norteador da sua actividade o respeito pelos direitos de autor respeitantes às obras que executa. A Euroconcert não tem qualquer interesse em litigar privilegiando, sempre, as boas relações com as entidades de gestão colectiva de direitos de autor em todo o mundo, não sendo, naturalmente, a SPA uma excepção. Nesta sede, a Euroconcert manifesta o seu desejo de continuar a trazer muitos espectáculos a Portugal esperando, assim, que as relações com a SPA não sejam apenas cordiais, mas sim profícuas e que estes novos desenvolvimentos possam ser um efectivo iniciar de um novo capítulo na história das relações entre ambas as instituições.

REFORÇANDO A LIGAÇÃO AOS AUTORES

## SPA LANÇA TELEVISÃO CORPORATIVA

A Administração da SPA lançou no primeiro dia de Fevereiro a TV Corporativa nos espaços públicos dos seus edifícios, “com o objectivo de fazer chegar mais rapidamente e com melhor qualidade, a informação aos autores e às diversas entidades que visitam a SPA”. Através deste actual conceito de interacção multimédia, conteúdos relativos ao dia-a-dia da cooperativa, à divulgação cultural, assim como orientações destinadas aos autores e clientes SPA estarão disponíveis de forma permanente nas áreas de atendimento e de recepção (salas de espera), conforme se pode apreciar desde essa altura.

“A TV Corporativa permitirá ainda, num futuro muito próximo, o funcionamento em rede com as várias delegações da SPA, emitindo, em sintonia com a sede ou com especificidades locais, conteúdos para todo o território nacional”, refere uma nota emitida no dia 1 de Fevereiro passado pelo Conselho de Administração

Esta forma mais eficaz de comunicação, interagindo com o Portal e abrangendo as redes sociais, “reforçará significativamente a presença da SPA junto dos autores e das diversas entidades com que a cooperativa se relaciona, no seu dia-a-dia de actividade”, salienta o comunicado da cooperativa.

ALERTA!

## FALSA MENSAGEM NA INTERNET

Chegou ao conhecimento da SPA que estão a surgir em computadores pessoais mensagens que alertam para o facto de terem sido efectuados “downloads” ilegais nesses computadores e, por esse motivo, a SPA teria mandado bloqueá-los, com a exigência dum pagamento correspondente a essa utilização. A SPA nega categoricamente a validade dessa mensagem, que é falsa e lesiva do seu bom nome pelo que, de imediato, foi comunicada a ocorrência à Polícia Judiciária, solicitando a sua rápida intervenção. Não devem os visados por esta mensagem fraudulenta proceder a qualquer pagamento que lhes seja exigido por esta via, devendo informar outros eventuais visados da natureza desta acção criminosa. A SPA aproveita, no entanto, para lembrar que, nada tendo a ver com este procedimento abusivo, o “download” ilegal não deve ser efectuado, pois prejudica seriamente os autores.

Lisboa, 15 de Maio de 2012

PRIMEIRO PRÉMIO DO CONCURSO

## “ZON CRIATIVIDADE EM MOVIMENTO 2011”

Tendo tomado conhecimento da atribuição do 1º prémio do concurso “Zon Criatividade em Movimento 2011” à série de animação “Ginjas”, e tendo em conta a informação veiculada, designadamente no site da Zon, a Sociedade Portuguesa de Autores veio esclarecer, num comunicado emitido a 14 de Fevereiro último, que o respectivo guião, grafismo e realização foram criados pelo autor José Pedro Cavalheiro, que também usa o nome artístico “Zepe”, sendo o autor Humberto Santana co-realizador da citada série.

## CARTA DA SPA SOBRE A CÓPIA PRIVADA PARA OS DECISORES POLÍTICOS

Dirigida ao Conselho de Ministros, ao secretário de Estado da Cultura e aos presidentes dos Grupos Parlamentares, a direcção da SPA enviou aos decisores políticos nacionais, no passado dia 3 de Abril, uma carta sobre a revisão da Lei da Cópia Privada, tema que tem vindo a preocupar profundamente a cooperativa de autores portuguesa, conforme demos conta pormenorizada na edição da Autores do primeiro trimestre deste ano. É o seguinte o teor integral dessa importante missiva, em que “a SPA apela à maioria parlamentar para que rapidamente apresente um projecto de lei alternativo ao que foi retirado, o qual, reunindo um amplo consenso, dê satisfação aos interesses de quem produz cultura neste país”:

Exmos Senhores,

A Lei da Cópia Privada - Lei nº 62/98 e mais tarde desenvolvida pela Lei nº 50/2004 - que tornou possível a cobrança da compensação lá prevista por Autores, Artistas e Editores, é um dos elementos fundamentais para o equilíbrio económico e social destes agentes culturais. Na altura em que foi discutida, ficou claramente demonstrada a justeza da sua existência, já com largos anos de atraso relativamente à maioria dos países europeus. Não obstante, num primeiro momento, a oposição dos representantes da indústria de aparelhos e suportes sobre os quais iria incidir este tipo de compensação, foi a Lei implementada sem que o consumidor viesse a ser penalizado, como defendiam aqueles com argumentos que se revelaram falaciosos. E tanto assim foi, como aliás já o revelava a prática noutros países onde os preços baixaram para equilibrar a verba compensatória, que a referida indústria acabou por aceitar pacificamente o pagamento dessas importâncias, celebrando contratos de boas práticas com a Associação (AGECOP) a quem compete a referida cobrança.

Julgamos ser neste momento um dado inquestionável que a Lei se encontra desactualizada – recorde-se que apenas se aplica aos aparelhos analógicos e aos suportes analógicos e digitais mais utilizados em 2004 ( Cassetes, CDs e DVDs nas suas várias formas) – e que urge revê-la sob pena de a vermos encaminhar-se para a total inaplicabilidade.

Foi assim sem surpresa e correspondendo a uma reivindicação há muito manifestada pela totalidade dos agentes culturais, de onde se destacou a SPA com a legitimidade que lhe conferem os seus 25 mil associados e os mais de três milhões que representa do mundo inteiro, que foi apresentada a proposta do PS de revisão da Lei da Cópia Privada, o tão falado PL 118. Este projecto era isso mesmo, um projecto, com virtudes e alguns defeitos que a SPA desde logo apontou, mas que tinha essencialmente como fundamento actualizar uma lei que continua a revelar-se inaceitavelmente obsoleta.

Alguns agentes sem escrúpulos aproveitaram a actual conjuntura económica para combater o referido projecto, não como seria legítimo esperar num estado democrático num ou noutro ponto onde a SPA também admite poderem ser feitas correcções, mas antes focalizando a sua crítica nos aspectos ontológicos da sua natureza. Não foi este projecto de lei que basicamente se discutiu, foi toda a filosofia subjacente à existência de uma Lei da Cópia Privada. Foi a demagogia e o populismo mais primários, que a reboque dos profundos sentimentos da população relativamente à conjuntura sócio-económica, tentou fazer passar a mensagem de um novo aumento dos bens de consumo para nessa base defenderem a sua retirada e o conseqüente adiamento da respectiva actualização. A actualização da Lei da Cópia Privada é absolutamente vital para Autores, Artistas e Editores, os primeiros, que a SPA empenhadamente representa e defende, a sofrerem os efeitos da crise, porquanto o produto do trabalho intelectual, não sendo um bem de primeira necessidade, é por um lado preterido em detrimento de outros e, por outro lado, um alvo fácil de consumo sem a devida compensação aos seus titulares.

É, pois, da mais elementar justiça que o governo dê urgente cumprimento ao anunciado no seu programa e faça aprovar uma lei que há muito deveria estar em vigor, corrigindo a grave situação em que vivem estes agentes culturais.

Apela-se à maioria parlamentar para que rapidamente apresente um projecto de lei alternativo ao que foi retirado, o qual, reunindo um amplo consenso, dê satisfação aos interesses de quem produz cultura neste país.

A SPA anuncia a sua firme determinação de se bater por todos os meios que a lei põe ao seu alcance para que este e outros diplomas não fiquem no limbo do incumprimento, tornando ainda mais penosa a vida dos criadores intelectuais e prejudicando a própria vida cultural portuguesa, que todos sabemos ser essencial para a recuperação económica do país, para a criação de emprego, de receita fiscal e para a coesão interna e para prestígio internacional do país.

Lisboa, 3 de Abril de 2012  
A Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores



## 87 ANOS DA SPA

# MAESTRO JORGE COSTA PINTO AGRACIADO COM PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA

O músico baterista, maestro, arranjador e editor musical Jorge Costa Pinto, que tem assinado nestas páginas da revista Autores algumas crónicas sobre uma das suas múltiplas especialidades, a música bandística, de que é um dos grandes divulgadores (o seu recente livro “Coreto”, lançado na SPA, produto do seu popular programa na Antena 2 com o mesmo nome, é prova disso) e que na III Gala SPA/RTP realizada a 27 de Fevereiro último conduziu uma orquestra de 15 elementos em homenagem ao falecido maestro Pedro Osório, é a figura central do Dia do Autor Português 2012, celebrado a 22 de Maio, quando a Sociedade Portuguesa de Autores comemora os seus 87 anos de existência.

Jorge Costa Pinto, cuja obra de jazz, música de câmara e música sinfónica está, em parte, publicada em partitura e gravada em disco, em Portugal, França, Espanha, Brasil, Japão, USA, Inglaterra, Venezuela, Jugoslávia e Grécia e que, entre muitas outras distinções nacionais e internacionais, recebeu a Medalha de Honra da

SPA, em 2005, é agraciado este ano com o Prémio Consagração de Carreira da SPA, entregue no ano passado ao realizador, romancista e radialista Luís Filipe Costa.

Como é habitual, na cerimónia que todos os anos celebra a criatividade e o aniversário da SPA, e que decorre na Sala-Galeria Carlos Paredes do edifício 2 da SPA, entre outras distinções e para além do prémio já referido, são também atribuídas as Medalhas de Honra da SPA, bem como os Prémios Pro-Autor (ver lista dos premiados).

A primeira distinção, criada em 2005, é destinada a autores, já em fase avançada da sua carreira criativa, que se têm destacado pela obra realizada. Quanto ao Prémio Pro-Autor, instituído em 2010, consagra a acção de pessoas individuais e colectivas no tocante à difusão e dignificação do trabalho dos autores portugueses.

### GRANDE PRÉMIO DE TEATRO PORTUGUÊS NO SEGREDO DOS JURADOS

É ainda anunciado e entregue o Grande Prémio de Teatro Portu-

guês, como habitualmente numa parceria da SPA com o Teatro Aberto, este apenas desvendado publicamente na altura em que é atribuído.

Por outro lado, como vem sendo habitual na cerimónia comemorativa do aniversário da SPA, esta casa de autores faz questão também de premiar a antiguidade dos seus funcionários. Assim, com 20 anos de trabalho na SPA serão distinguidos 21 trabalhadores, com 25 anos 3 e com 30 anos 2. (ver lista de distinguidos)

Além da intervenção de fundo do presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria, que abre a sessão solene, será lida também a Mensagem do Dia do Autor Português, cujo texto, este ano, é da autoria do maestro Álvaro Cassuto, figura proeminente na divulgação da música portuguesa a nível internacional, e cujo aturado trabalho temos vindo a dar notícia nesta revista. (ver textos integrais neste dossiê de aniversário)

A entrega do Prémio António Alçada Baptista, atribuído pela primeira vez pela SPA, ao radialista Antó-

nio Cartaxo pela sua obra “Quase Verdade como São Memórias” não poderia ter melhor “palco” do que este da celebração do Dia do Autor Português e concomitantemente do aniversário da cooperativa.

A Sociedade Portuguesa de Autores costuma assinalar também a data com o lançamento de livros distinguidos anteriormente, como é o caso de “Londres”, de Cláudia Clemente e de “Não há vozes não há prantos” de Mário Carvalho. Samuel encerra a cerimónia, com uma actuação evocativa dos 25 anos da morte de Zeca Afonso, o cantautor da sua eleição, e seu amigo. Foi ele quem o impulsionou para gravar o conhecido “Cantigueiro”, para além da participação, logo a seguir ao 25 de Abril, nas 7500 sessões de Canto Livre, de borla, em cima de tractores, de fardos de palha, de palcos improvisados, por todo o lado.

Na edição de Setembro próximo, a Autores reportará em pormenor toda a cerimónia, revelando, nessa altura, os detalhes relativos à selecção do Grande Prémio de Teatro Português, por agora no segredo dos jurados. EE

## INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA SPA

# NO DIA DO AUTOR PORTUGUÊS DE 2012

A SPA completa hoje 87 anos de vida, recordando as circunstâncias de instabilidade económica, social e política em que foi criada, com o estatuto de cooperativa, um mês antes do golpe militar que derrubou o regime republicano. As circunstâncias são hoje muito diversas, mas a instabilidade e a incerteza não são necessariamente menores. Os autores portugueses e a instituição que os representa enfrentam a mais grave crise de sempre, sem que haja uma perspectiva optimista quanto ao modo como ela irá ser superada.

Apesar disso, a Direcção e a Administração da SPA tudo têm feito para reduzir o inevitável impacto das condições adversas em que o país vive e os autores desenvolvem o seu trabalho quotidiano. Continuaremos a apostar na modernização das estruturas internas, dos serviços e dos procedimentos, tendo sempre em vista o interesse daqueles que representamos e que são a razão de existir desta cooperativa. Está concluída a instalação do novo sistema informático que garante maior agilidade, transparência, rigor e eficácia. Foi consolidada a integração da SPA no movimento cooperativo, a que por natureza pertence, de forma a reforçar as vantagens de um alinhamento com os conceitos com a economia social, segmento e conceito essenciais para a superação da crise.

Refira-se, por outro lado, o claro reforço da presença da SPA na cena internacional, designadamente com a sua eleição para a Direcção do Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores (GESAC), com sede em Bruxelas, e com a realização em Lisboa, em Abril, da assembleia anual do Comité Europeu da CISAC. Presente em vários comités internacionais, membro do Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais (CIADLV) e principal dinamizadora e criadora da ideia de lançar os Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores, já a caminho da quarta edição, a SPA é hoje respeitada pelo modo como se reorganizou e como intervém nos grandes debates internacionais sobre o futuro do direito de autor, na Europa e no mundo.

Por outro lado, não foram afectados os postos de trabalho nem quaisquer dos compromissos decorrentes da ligação da SPA aos diversos sectores da vida nacional. Tem vindo a ser significativamente melhorada a qualidade da comunicação com o universo dos cooperadores e restantes associados e com o público em geral, designadamente através de uma presença regular e prestigiante da SPA na programação televisiva e radiofónica. Pode afirmar-se que hoje a visão que os portugueses têm da nossa cooperativa, do seu papel e acção é mais posi-

que a SPA una os autores e garanta o futuro e a estabilidade da casa que os representa e defende. É cada vez maior o número daqueles que sabem que sem autores não há cultura e que, por trás de cada obra, existe pelo menos um criador cujos direitos devem ser salvaguardados.

É com esta determinação e serena convicção que celebramos o aniversário de hoje, evocando e honrando todos os que nos precederam, designadamente os fundadores de há 87 anos, os criadores de todas as disciplinas que honram e projectam internacionalmente o melhor da

cultura portuguesa, as novas gerações de autores que são a garantia do amanhã da SPA, exigindo ao poder político que cumpra integralmente as promessas eleitorais que fez e dizendo a Portugal e aos portugueses que a cultura é dos poucos sectores que, além de criarem riqueza e emprego, devem integrar uma clara visão estratégica quanto ao nosso futuro na Europa e no Mundo. Não deixaremos que a incerteza venha ensombrar a hora da festa, mas também não cairemos na tentação de acreditar que algum poder superior nos protege do estado de carência e dúvida que afecta esta pátria.

Evocando e homenageando Fernando Lopes, cooperador e grande realizador, que agora nos deixou e do qual queremos sempre matar saudades, poderemos garantir, tomando de empréstimo títulos de filmes seus, que não vamos perder o fio de horizonte e que tudo continuaremos a fazer, para um dia podermos dizer, confiantes: “Nós por

cá todos bem”.

Unidos e mobilizados em torno daquilo que acreditamos, continuaremos sempre a lutar, orgulhosos do legado que engrandece esta casa, por uma SPA cada vez mais moderna, solidária, justa e aberta aos ventos da mudança

neste irreversível mundo global.

*Maio de 2012 José Jorge Letria  
Presidente da Direcção  
e do Conselho de Administração*



tiva, aberta e dinâmica do que alguma vez foi. Hoje é tempo de distinguir aqueles que são credores do nosso reconhecimento e admiração, tanto autores como difusores exemplares do trabalho autoral. Esta é, em boa parte, a sua festa, por ser a hora do merecido aplauso.

Por todas as razões, aqueles que respondem pelos destinos desta instituição sabem que não podem alterar um destino colectivo marcado pela incerteza e pela adversidade, mas estão conscientes de que tudo tem sido e continuará a ser feito para



## COMEMORADO A 22 DE MAIO

### MEDALHAS DE HONRA

Eduardo Geada  
Maria Estrela Serrano  
Lauro António  
Francisco Nicholson  
Jorge Barros  
Isabel do Carmo  
João Manuel Borges Antão  
Mário de Carvalho

### PRÉMIOS PRO-AUTOR

Carmen Dolores  
Antena 2  
Centro Nacional de Cultura  
Silvina Munich  
Museu do FADO  
Plano Nacional de Leitura  
Câmara Municipal de Odivelas – Encontros Lusófonos

### PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA

Jorge Costa Pinto

### PRÉMIOS ANTIGUIDADE PARA FUNCIONÁRIOS

#### 20 anos

Jorge Manuel Carvalho Caldeira  
Raimundo Henriques Prudêncio Alves  
Paulo Jorge Gomes Dos Santos  
Carlos Vaz de Almeida  
António Manuel Matias Simplício  
João Pedro Fernandes Canteiro  
Ana Maria Rodrigues S. Pereira  
Ivo Oliveira Lucas da Silva Pádua  
Vitor Jorge Alves Cardoso

Joaquim Bernardino Pereira Rego

Florabela da Conceição da Silva

Ana Rita Monteiro Duarte

Ana Paula A. Lima Furtado Santos

Jorge Manuel Carriço Mendes

Paula Maria Ferreira R. Silva

José Carlos Antunes Garcia Gomes

Carlos Manuel Jesus Silva Lucas

Carla Isabel Santana Galvão Faria

Luís Manuel Casto Cepinha

Nuno Miguel Pinto Cardana

Jorge Manuel Gonçalves Pacheco

#### 25 anos

Paulo Jorge Marques Rodrigues Reis

Vanda Maria Constantino Guerra

Maria Teresa Diniz Santos

#### 30 anos

Vitor Manuel Marques de Lemos

Maria Rosa Barbosa Martins

# “AOS CRIADORES DE BENS CULTURAIS IMATERIAIS”

SINTO-ME PROFUNDAMENTE HONRADO pelo convite do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores para redigir a mensagem alusiva ao Dia do Autor de 2012.

Infelizmente, e por muitas vezes que tenha dado à minha imaginação, não me ocorre qualquer ideia original que mereça ser transmitida àqueles que são afinal os profissionais da criação e do desenvolvimento de ideias: os autores.

Mas a que autores se destinam as minhas palavras? Como nem todos são iguais, convém especificar que estas palavras se dirigem aos criadores de bens culturais imateriais.

É precisamente este aspecto que diferencia o autor de um romance do inventor de um computador, o autor de uma ópera do construtor de uma auto-estrada. E ao celebrarmos o Dia do Autor, homenageamos aqueles que nos enriquecem com bens que, infelizmente, na sociedade contemporânea essencialmente materialista em que vivemos, são os menos valorizados.

São os menos valorizados, e este aspecto tem consequências importantes para quem os cria. Uma das mais relevantes consiste no facto de os seus autores serem necessariamente obrigados a transformá-los em bens materiais, para sobreviverem e para poderem continuar a criar.

**SE EXISTEM INSTITUIÇÕES QUE APOIAM A CRIAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL MATERIAL DE UMA SOCIEDADE, É ÓBVIO QUE O PATRIMÓNIO IMATERIAL NÃO DEVE SER SECUNDARIZADO**



E como aquela transformação se processa pela troca, e porque a troca se processa pela compra e venda, e uma vez que a compra e venda se concretiza pelo dinheiro, é este, o dinheiro, o bem material em que os autores têm de transformar os bens imateriais que produzem.

Só que na sociedade de consumo, essencialmente materialista, em que vivemos, os bens intelectuais têm claramente menos procura do que os bens materiais. Por outro lado, nem sempre aqueles que têm talento para escrever poemas ou romances, compor sinfonias ou óperas, possuem o dom e os meios com vista a promover e, assim, comercializar as obras que criam.

Daí a incontornável importância de entidades que os guiem e os apoiem, e que promovam as suas obras. Tanto mais, porque estão em causa autores e obras que consubstanciam a identidade cultural de uma sociedade, e isto no mundo globalizado em que vivemos e em que cada vez mais as diversidades culturais se tendem a diluir.

Aliás, se existem instituições que apoiam a criação e preservação do património cultural material de uma sociedade, é óbvio que o património imaterial não deve ser secundarizado. Mas a quem cabe assegurar aquele apoio? Cabe obviamente aos destinatários daqueles bens, à sociedade e às diferentes entidades, públicas e privadas, que dela emanam. Neste contexto, o Estado deve exercer um papel proporcional à sua intervenção na economia

**MAS A QUEM CABE ASSEGURAR AQUELE APOIO? (...) O ESTADO DEVE EXERCER UM PAPEL PROPORCIONAL À SUA INTERVENÇÃO NA ECONOMIA E AO NÍVEL DOS IMPOSTOS QUE EXIGE**

e ao nível dos impostos que exige. Quanto às entidades privadas, de entre estas têm particular relevo as instituições como a Sociedade Portuguesa de Autores. Efectivamente, enquanto representantes da voz colectiva dos autores, elas são os interlocutores privilegiados entre os autores e as entidades que os devem apoiar e difundir as suas obras. Assim sendo, a celebração do Dia do Autor, ao ser promovida pela Sociedade Portuguesa de Autores constitui uma prova insofismável de que a Administração desta cooperativa tem plena consciência da importância do papel que lhe cabe e que o desempenha com a mais elevada dedicação e eficácia.

Álvaro Cassuto



## Dia do Autor Português

### 87º Aniversário da SPA



**SPAUTORES**

## CONVITE / PROGRAMA

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

A Sociedade Portuguesa de Autores convida  
V. Exa. a estar presente nas Comemorações do

### Dia do Autor Português 87º Aniversário da SPA

22 de Maio de 2012 | 18h  
Sala | Galeria Carlos Paredes.

## Programa

Recepção aos convidados

Abertura

Intervenção do Presidente da Direcção e do Conselho  
de Administração da SPA

Leitura da Mensagem do Dia do Autor da autoria do  
Maestro Álvaro Cassuto

Homenagem aos trabalhadores por antiguidade

Entrega do Prémio António Alçada Baptista  
a António Cartaxo

Entrega do Grande Prémio de Teatro Português  
SPA / Teatro Aberto - 2012

Lançamento de livros

*Londres* de Cláudia Clemente

*Não há vozes não há prantos* de Mário Carvalho

Entrega dos Prémios PRO-AUTOR

Entrega das Medalhas de Honra da SPA

Entrega do Prémio Consagração de Carreira

Actuação de Samuel, evocativa dos 25 anos da morte de Zeca Afonso

COCKTAIL

# BIBLIOTECÁRIOS SENSIBILIZADOS PARA APOIAR REVISÃO URGENTE DA LEI DO COMODATO

PASSARAM JÁ 20 ANOS sobre o reconhecimento no seio da UE do direito dos autores serem compensados pelo empréstimo público dos originais ou cópias das suas obras. Apesar da Directiva comunitária nº 92/100/CEE, do Conselho, de 19 de Novembro de 1992, sobre a matéria ter sido formalmente transposta para o ordenamento jurídico nacional, a forma dessa transposição tem vindo a impedir que os autores portugueses recebam a compensação prevista na referida directiva, mantendo-se assim numa situação de desfavor em relação aos seus pares europeus.

Perante esta injusta situação, a SPA considerou fundamental dinamizar duas sessões onde bibliotecários e autores puderam expressar a sua opinião e debater os seus pontos de vista contribuindo assim para que venha a ser encontrada uma solução para o impasse que se verifica.

A primeira reunião decorreu no Auditório Maestro Frederico de Freitas, na sede em Lisboa, a 3 de Abril, e a segunda, no dia 4, na delegação do Porto da Sociedade Portuguesa de Autores. Com uma duração de três horas cada sessão de informação, esclarecimento e debate – foram distribuídos aos participantes exemplares das Actas da VII Conferência Internacional sobre o Direito de Comodato, organizada pela SPA em Lisboa -, o tema congregou quatro dezenas de bibliotecários da rede pública de leitura, basicamente de bibliotecas municipais, de vários pontos do país, desde o extremo norte até à Horta, nos Açores.

A Lei do Comodato traduz-se na existência de uma directiva europeia que foi transposta e mal, como frequentemente acontece, para o ordenamento jurídico português e “é uma lei que determina que a utilização de livros, de discos, de DVDs por parte dos utentes das bibliotecas deve ser remunerado em moldes a definir para que o empréstimo e a utilização livre por parte das bibliotecas não se transforme numa maneira de não se pagarem direitos e de alimentarem a própria pirataria, dado que há muita gente que vai a lojas de fotocópias ou vai para casa e reproduz CDs e DVDs e faz fotocópias de livros”, explica o presidente da SPA.

## “HÁ UMA COMPREENSÃO E UMA SENSIBILIDADE MUITO MAIORES”

Aquilo que se verificou é que a atitude dos bibliotecários hoje é muito diferente da que era, por exemplo, há seis ou sete anos atrás, quando se fez a transposição da directiva. “Há uma compreensão

e uma sensibilidade muito maiores – adiantou - para perceberem que, na realidade, sem desincentivarem a leitura pública ou sem deixarem de fomentar o interesse pelo livro, aquilo que acontece é que há da parte dos bibliotecários a noção de que deve haver um contributo para que os autores sejam recompensados e ressarcidos. Porque, sobretudo num momento de crise, se ninguém paga a utilização do livro nas bibliotecas – que irá ser cada vez maior -, obviamente, os autores vão ser prejudicados”.

E, quando José Jorge Letria fala aqui de autores só de livros, está a pensar em escritores – autores literários e científicos -, mas também em tradutores, fotógrafos e ilustradores, além dos artistas plásticos, cujas obras são reproduzidas. O mesmo é válido também para os autores de videogramas e fonogramas, que também são prejudicados pelo mesmo motivo.

Por outro lado, há da parte deles também o reconhecimento e a constatação que a situação das bibliotecas públicas é extremamente precária e preocupante. “Se as câmaras tiveram cortes globais na ordem dos 40%, isto pode representar cortes na ordem dos 80 a 90% na área da cultura”, adverte o presidente da SPA. “O que quer dizer que se vão adquirindo menos livros, que as edições vão sendo mais pequenas e mais baratas e, portanto, os autores estão, naturalmente, descompensados”. Estas duas reuniões tiveram também como objectivo amparar ou apoiar a posição da SPA de exigência junto da Secretaria de Estado da Cultura, no sentido de que venha a haver uma revisão da Lei do Comodato.

A Lei do Comodato foi feita com um conjunto tão largo, tão vasto de excepções, que, praticamente, as excepções se transformaram na regra. Qualquer biblioteca escolar ou biblioteca pública, que preste serviço público, foi considerada no rol das excepções. O que é que escapa a isto? As bibliotecas dos institutos culturais e linguísticos estrangeiros, as bibliotecas de fundações e as bibliotecas das ordens.

“Foi um passo que a SPA deu. Não que destas reuniões tenha saído nenhuma decisão, nenhum projecto especial que vá mudar substancialmente a situação, mas, pelo menos, alargou-se o grau de sensibilidade dos bibliotecários em relação a isso, e nós temos todo o interesse em ter uma boa relação com os bibliotecários”, afirmou.

É de notar que Portugal está na cauda das caudas da



Europa comunitária e não comunitária, dado que países como a Finlândia, os países escandinavos em geral, a Inglaterra – a Grã Bretanha tem a Lei do Comodato desde 1971, mas Dinamarca, Noruega e Suécia têm desde os anos 50-60 – portanto, é um assunto que está há muitos anos resolvido nestes países e não é por isso que se vendem menos livros, nem é por isso que as pessoas lêem menos, pelo contrário. Não se trata de países ricos, são países com um nível de cidadania, aplicada também à cultura, que faz com que haja esta compreensão por parte do poder político, que é completamente diferente.

## “ESTADO DEVE ATRIBUIR UM VALOR A UMA ENTIDADE AUTÓNOMA”

“Aquilo que nós defendemos é que haja um valor estimado por parte do Estado em cada ano que passa, um valor de referência, que seria atribuído, não à Sociedade Portuguesa de Autores, dado que tem de ser uma entidade autónoma que faz a gestão do comodato nacional e não a SPA”, refere, para esclarecer: “As associações nacionais que tratam do chamado PLR funcionam de acordo com percentagens e critérios diferentes. A parte maior do valor cobrado do comodato é atribuído aos autores e a quem os representa. Portanto, esta estrutura autónoma cobra e depois distribui. À Sociedade Portuguesa de Autores, aos editores, à associação de ilustradores. Eles é que cobrem, gerem e distribuem. Os destinatários, portanto, não são os autores em si, são quem os representa. A SPA, uma vez instalado este sistema, se ele não for tão ridiculamente desajustado da realidade como é hoje, irá ser o garante da cobrança e da distribuição pelos autores que são abrangidos.”

“E o que é vergonhoso para mim, que tenho acompanhado este processo nos últimos anos – declara - é ver que os países que estiveram presentes em reuniões connosco em 2004, 2005, 2007 e estavam atrasados – o caso de Itália, da Irlanda, da Polónia, da Roménia e até a própria Espanha estava atrasada – todos eles nos ultrapassaram. E nós ficámos com uma situação ainda pior, que é uma situação de total ambiguidade. Ou seja, na prática, temos a directiva transposta, mas transposta de uma forma tão errada e tão injusta, criando um volume tão grande de excepções, que é como se não existisse directiva.”

“Actualmente, não há cobrança. O comodato, na

PABLO HERNANDEZ DA SGAE CONTENTE COM "ALIANÇA" COM SPA

# “AGORA PORTUGAL JÁ PODE SOZINHO APOIAR OS PAÍSES LUSÓFONOS COM O SGS”



O DIRECTOR DOS SERVIÇOS JURÍDICOS da SGAE, Sociedade Geral de Autores e Editores, de Espanha, a estrutura que forneceu o novo sistema informático SGS, que já está a funcionar em pleno na SPA, esteve em Lisboa por ocasião da reunião do Comité Europeu da CISAC, onde ministrou uma palestra subordinada ao tema “A remuneração dos autores em comparação com o que se paga aos produtores musicais de discos”. Aproveitando a sua presença, num

momento em que a instalação do novo sistema informático está definitivamente concluída na SPA, como podemos ver em pormenor noutra local, a Autores não podia deixar escapar a oportunidade de recolher a sua opinião sobre o projecto que, durante cerca de quatro anos, esteve a ser instalado com a ajuda da SGAE na nossa cooperativa. Fica aqui, *ipsis verbis*, o seu comentário:

“Para nós, foi um desafio poder satisfazer os

pedidos da Sociedade Portuguesa de Autores relativamente ao SGS. Sendo uma ferramenta no campo digital com a qual temos vindo a trabalhar há mais de 20 anos, na sua transposição para a SPA tivemos que efectuar várias alterações, visto que a sociedade portuguesa tinha requerimentos novos, peculiaridades novas. Logo, fomos desafiados a partilhar uma série de exigências com a SPA, impostas pelas suas especificidades. Para além de fornecermos o

# SISTEMAS INFORMÁTICOS SGS E ERP DEFINITIVAMENTE INSTALADOS

sistema, os excelentes profissionais da Sociedade Portuguesa de Autores ajudaram-nos, por seu turno, a melhorar os seus requerimentos para os desenvolvimentos desejados e para o seu ajustamento às respectivas características, de modo a dar resposta às novidades tecnológicas. “Eu creio que funcionou muito bem esta ‘aliança’ para ambos e nós aprendemos muito, pois, apesar de sermos duas sociedades generalistas, a SGAE só cobre os repertórios de música, audiovisual e teatro, enquanto a SPA tem todas as disciplinas artísticas, e foi a partilha para encontrar soluções para as outras áreas, que nos proporcionou uma excelente experiência. A tal ponto que eu creio que, inclusivamente, poderemos fazer projectos comuns, no sentido de ajudar outras sociedades a implementarem esta ferramenta.

“Agora, Portugal já pode mesmo sozinho ser mestre nesta matéria para apoiar as sociedades das suas antigas colónias portuguesas, com as quais tem afinidade linguística. A SPA tem umas peculiaridades muito mais exigentes do que países como Angola e Moçambique, que não necessitam de um sistema tão completo, mas ela pode agora ajudá-los na sua evolução, pois tem todas as ferramentas, tanto de documentação como de distribuição, como qualquer sociedade europeia, podendo ligar-se à rede de documentação internacional da CISNET (o banco de dados da CISAC) sem problemas.

## ACESSO À REDE INTERNACIONAL DE BASE DE DADOS

“Cada sociedade não está obrigada somente com os seus autores, está obrigada com a comunidade internacional de autores ligada à CISAC. Então, como vamos poder fazer bem o nosso trabalho, se não tivermos uma base de dados, onde os nossos autores estejam acessíveis para toda a rede de sociedades, assim como as nossas sociedades possam utilizar todas as bases de dados de autores de cada um dos países da CISAC?

“Quando recebemos informação, comparamos os dados com a base de dados não somente dos nossos autores, mas de todos os autores de todas as sociedades. Para isso, portanto, necessitamos de ter esta rede internacional de base de dados, que o SGS proporciona. É um trabalho de muito pormenor e que necessita de estar continuamente a ser actualizado, corrigindo-o e melhorando-o.

“Cada sociedade deve ter os melhores especialistas no seu repertório e confiar neles é a melhor garantia para que os autores e as obras da sociedade também participem na rede internacional, de modo a que, por exemplo, quando uma obra portuguesa se utiliza na Alemanha está documentada e o autor português, através da SPA, vai receber os seus direitos, a justa recompensa”. EE

A INSTALAÇÃO DO SISTEMA INFORMÁTICO, SGS, está definitivamente concluída desde o passado dia 30 de Março, encontrando-se todas as funcionalidades já asseguradas e desenvolvidas. A entrega final do programa de software “SGS v4.0” foi efectuada oficialmente através de um documento enviado pela SGAE (Sociedade General de Autores e Editores) à Administração da SPA, o qual formaliza o encerramento do “Contrato de Licença e Instalação do SGS”, na sua última versão.

Também na área financeira, o software ERP, Oracle eBusiness Suite, se encontra definitivamente instalado e já com a migração da informação de dados devidamente concluída. A Administração salienta a importância deste passo essencial para a modernização tecnológica da SPA, num esforço de quatro anos que envolveu praticamente todos os seus serviços, e que coloca a cooperativa no grupo das sociedades mais avançadas a nível mundial. Deste modo, o SGS, em articulação com o ERP, permitirá, desde logo, um conjunto de ganhos significativos na qualidade e tratamento da informação, melhorando fortemente a eficiência dos processos e das operações correntes. Esta realidade deixa em aberto a criação de novas formas de organização dos serviços permitindo uma redução global dos custos e da despesa. O SGS possibilitará ainda a melhoria de aspectos tão importantes, e já em funcionamento, como a ligação às bases de dados internacionais ou a publicação automática das obras dos autores da SPA na CISNET - base de dados da CISAC.

Nas áreas de cobrança, assunto primordial para a Administração, o sistema possibilita um conhecimento mais detalhado da informação de clientes e uma reorganização do modelo de negócio. Esta alteração encontra expressão, desde logo, na importante reforma, em curso, da Execução Pública e Delegações ou na cobrança de direitos no ambiente digital. Também na área da Distribuição serão determinantes a simplificação e a maior qualidade e rapidez dos processos.

Outra importante dimensão que decorre deste investimento tecnológico e de modernização da SPA, é o lançamento da plataforma de atendimento electrónico - online - através da qual os autores poderão interagir com os serviços, nomeadamente, em matéria de consulta de contas correntes, declaração de obras, pagamentos e recebimentos e todo o restante tratamento de dados em rede. Esta ligação permitirá um estreitamento da relação entre os autores e a cooperativa com uma evidente

poupança de recursos.

A Administração congratula-se ainda com a resposta positiva dos serviços da SPA, particularmente do Departamento de Informática, que, através do conhecimento existente, ajudou a empreender um conjunto de melhorias significativas e novas adaptações do SGS a áreas que não estavam inicialmente previstas. Este upgrade resultou na criação de uma versão superior (v4.0) do referido sistema, que agora se conclui, a qual se encontra já em funcionamento noutros países como sejam a Colômbia ou, brevemente, a Argentina.

A SPA fica assim mais bem preparada e dotada dos meios tecnológicos necessários para enfrentar os inúmeros desafios e ameaças que se colocam hoje às sociedades de gestão e ao Direito de Autor num mundo em permanente mudança, a par das sociedades dos países mais desenvolvidos.

*Lisboa, 13 de Abril de 2012  
O Conselho de Administração*

## AS VANTAGENS DO NOVO SOFTWARE NA VERSÃO FINAL 4.0

“A entrega final do programa de software “SGS v4.0” foi efectuada oficialmente, formalizando o encerramento do “Contrato de Licença e Instalação do SGS”, na sua última versão

“Também na área financeira, o software ERP, Oracle eBusiness Suite, se encontra definitivamente instalado e já com a migração da informação de dados concluída

“Este foi um passo essencial para a modernização tecnológica da SPA, num esforço de quatro anos, que coloca a cooperativa no grupo das sociedades mais avançadas a nível mundial

“O SGS, em articulação com o ERP, permitirá, desde logo, um conjunto de ganhos significativos, melhorando fortemente a eficiência dos processos e das operações correntes

“Esta realidade deixa em aberto a criação de novas formas de organização dos serviços permitindo uma redução global dos custos e da despesa.

“O SGS possibilitará ainda a ligação às bases de dados internacionais ou a publicação automática das obras dos autores da SPA na CISNET - base de dados da CISAC

“Nas áreas de cobrança, assunto primordial, o sistema possibilita um conhecimento mais detalhado da informação de clientes e uma reorganização do modelo de negócio

“O lançamento do atendimento electrónico vai permitir também que os autores consultem contas correntes, façam declaração de obras, e pagamentos e recebimentos em rede

“Esta ligação permitirá um estreitamento da relação entre os autores e a cooperativa com uma evidente poupança de recursos.

TALVEZ JÁ NO PRÓXIMO ANO, EM LUANDA

# DEVERÁ SER CONSAGRADO O COMITÉ LUSÓFONO DA CISAC



A ACEITAÇÃO POR PARTE da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (CISAC), em Paris, da criação de um Comité Lusófono integrado naquela estrutura máxima do direito de autor a nível mundial, deverá ser consagrada talvez já no próximo ano, em Luanda, no decorrer dos IV Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores. Esta a convicção do presidente da SPA, no balanço da terceira edição dos Encontros Lusófonos, que se realizaram em Maputo, em Moçambique, a 5 e 6 de Março último, conforme noticiámos na Autores do primeiro trimestre deste ano. (ver foto)

**FORAM CRIADAS  
CONDIÇÕES PARA QUE  
A SPA VENHA A COOPERAR  
COM A SADIA, DE ANGOLA,  
ATRAVÉS DO NOVO  
SISTEMA INFORMÁTICO,  
COM POTENCIAL PARA  
CUMPRIR O PROGRAMA  
DE INTERNACIONALIZAÇÃO**

“Há vários comités na CISAC - há o Comité Africano, o Comité América Latina, o Comité Ásia -, mas é a primeira vez que aparece um comité de base linguístico-cultural”, realçou à Autores José Jorge Letria, lembrando que a criação de um Comité Lusófono naquela estrutura de topo foi uma proposta feita por si em Washington ao então director-geral da CISAC, Éric Baptiste, a cuja assembleia-geral anual ele presidiu pela última vez.

“Éric Baptiste esteve aqui na SPA, em Lisboa, em 2009, nos I Encontros Lusófonos, o que representou também para nós o aval da estrutura máxima do direito de autor a este projecto”, acentuou, fazendo ver que a própria SPA, que foi também a responsável pelo nascimento dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores a partir de uma proposta feita aos nossos amigos brasileiros, em Seul, em 2004, optou por deixar consolidar e amadurecer o projecto. “Neste momento, há conteúdos e deve haver comité”, declarou.

Para o presidente da SPA, os III Encontros Lusófonos realizados em Maputo “vieram consolidar ainda mais as excelentes relações que nós temos com as sociedades irmãs lusófonas, tanto do Brasil, como Angola, Moçambique e Cabo Verde”, tendo-se avançado mais concretamente na criação de estruturas mais operativas, como a criação de um comité jurídico e de vários grupos de trabalho para usar a bilateralidade dos contratos, como o Conselho de Administração teve já oportunidade de divulgar num comunicado publicado na edição anterior da Autores.

## COOPERAÇÃO EM LINHA COM A SADIA DE ANGOLA

De salientar que na reunião de Maputo (os II Encontros decorreram no Rio de Janeiro, em Dezembro de 2010) foram criadas condições para que a SPA venha a cooperar com a SADIA, de Angola, através do novo sistema informático ora totalmente instalado na sociedade portuguesa, o qual tem potencial para cumprir este programa de internacionalização, com as vantagens materiais daí resultantes.

“Para além destas trocas de experiências, há coisas muito positivas, como sejam, por exemplo, parcerias artísticas, ou seja, a possibilidade da Sociedade de Autores Angolana nos contactar para o desenvolvimento de projectos artísticos, em que eles estão envolvidos e nós também”, revelou ainda José Jorge Letria.

Basta dizer que nestes encontros em que a SPA está presente, normalmente as delegações que vão – a delegação portuguesa em Maputo foi constituída por Vanda Guerra, directora das Relações Internacionais, pelo administrador e membro da Direcção Pedro Campos, Alexandre Mirante, director da Distribuição e Vítor Amorim, director de Informática – costumam levar discos portugueses de vários autores, nomeadamente do Fundo Cultural, e isto acaba por fazer o seu caminho. Os próprios encontros são momentos de partilha de experiências artísticas, há sempre um ou mais artistas que actuam – houve no Brasil várias actuações, em Lisboa também houve no jantar no CCB e em Maputo também -, portanto isto tem tendência a materializar-se e a prolongar-se também no plano de cooperação artística e cultural. “Temos de ter presente que este projecto tem um potencial imenso, que é a força da língua e da cultura que nos une. E sobretudo na situação em que os equilíbrios de forças estão alterados, em que o Brasil é já uma grande potência mundial – é uma das dez economias mais pujantes do mundo -, em que Angola está a crescer a olhos vistos, até no espaço económico português, nós temos que acompanhar aqueles que estão a crescer, a desenvolver-se e que são o futuro”, sustentou o presidente da SPA, para acrescentar:

“E, acima de tudo, temos de pensar no que será o mundo daqui a 15, 20 ou 30 anos, em que eu acredito que as sociedades de autores destes espaços linguístico-culturais só sobreviverão se tiverem parcerias sólidas. Eu tive esta visão já em 2004 e não me arrependo, porque acho que isto só consegue ganhar asas para voar, se nós percebermos estratégica e globalmente o que é que vai ser a realidade.”

E José Jorge Letria concluiu, a propósito da estratégia que defende para a SPA: “Do mesmo modo que, em relação à realidade interna, tenho definida uma aposta muito maior na economia social, no cooperativismo, defendo também que, em relação à realidade internacional, não basta estarmos presentes nos grandes fóruns internacionais, temos que procurar parceiros, companheiros de viagem, gente que tenha afinidades connosco para trabalharmos juntos, senão ficamos pelo caminho.” *EE*

**HÁ VÁRIOS COMITÉS NA CISAC  
- HÁ O COMITÉ AFRICANO,  
O COMITÉ AMÉRICA LATINA,  
O COMITÉ ÁSIA -, MAS É A  
PRIMEIRA VEZ QUE APARECE  
UM COMITÉ DE BASE  
LINGUÍSTICO-CULTURAL –  
O COMITÉ LUSÓFONO**

# JOSÉ JORGE LETRIA SALIENTA A IMPORTÂNCIA DO **SGS** A NÍVEL DE NEGÓCIO INTERNACIONAL

O PRESIDENTE DA SPA, José Jorge Letria, fez questão de pormenorizar para os leitores da Autores todos os passos por que passou “o processo de grande complexidade” de aquisição, instalação e entrada em funcionamento do sistema informático importado da SGAE de Espanha, o qual se iniciou em 19 de Junho de 2008, salientando a importância deste novo software “SGS v4.0” já à disposição da cooperativa, e que provisoriamente deverá tomar o nome de SPA Digital. Importância não só a nível interno, como o comunicado do Conselho de Administração refere, mas especialmente a nível das portas que ele abre para “uma maior cooperação e negócio com outras sociedades de autores estrangeiras que possam querer utilizar este sistema informático, naturalmente com a necessária retribuição que compense a nossa intervenção”.

Para dar uma ideia destas potencialidades, especificou que, neste momento, “o SGS já serve 25 sociedades de autores em várias partes do mundo” e que “a curto e a médio prazo vai ser possível utilizarmos o SGS designadamente no mercado africano lusófono”.

“Um aspecto importante para nós é a possibilidade de o novo sistema, cuja capacidade não fica esgotada naquilo que são as funções internas da SPA – tem um potencial que ultrapassa os 60 ou 70% que são utilizados internamente pela cooperativa – nos dar a possibilidade de intervirmos em termos de cooperação e negócio com outras sociedades estrangeiras que possam querer utilizar este sistema informático, naturalmente com a necessária retribuição que compense a nossa intervenção”, salientou o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA.

O sistema que a SPA importou, disse, já serve, neste momento, 25 sociedades de autores em várias partes do mundo, a mais recente das quais é a da Argentina, sendo que essa sociedade já beneficiou da experiência realizada pela SGAE com a SPA.

## “QUEREMOS RENTABILIZAR ESTA FERRAMENTA”

“De qualquer maneira, nós consideramos que, a curto e a médio prazo, vai ser possível utilizarmos o SGS designadamente no mercado africano lusófono”, acrescentou. Conforme refere ainda no comentário que faz nesta edição, relativamente aos III Encontros Lusófonos realizados em Março em Maputo, neste momento, estão bem encaminhados os contactos preliminares às negociações com a SADIA, a sociedade de autores angolana. “Nós queremos rentabilizar esta ferramenta, que para nós é absolutamente essencial e que nos vai permitir, através das relações bilaterais com estes países que possam precisar de vir a utilizá-la, gerarmos mais receitas e mais riqueza para a SPA, o que faz todo o sentido num mundo globalizado, onde as fronteiras convencionais deixaram de existir e onde as coisas têm hoje outro ritmo,

outra dinâmica, outra forma de fluir”, assegurou José Jorge Letria.

## “VAI SER A ESPINHA DORSAL DA GESTÃO DA SPA”

Este foi um processo de grande complexidade, em primeiro lugar, porque a sua instalação, segundo precisou, seguiu-se a um desaire, resultante da aposta feita no SIGDA, que era um sistema informático de origem portuguesa, cuja instalação era assegurada por uma empresa, correspondendo a uma etapa da administração anterior que não correu bem. “O SIGDA representou expectativas goradas, um gasto considerável e em grande parte inútil e, sobretudo, a constatação de que o sistema que ia ser instalado não estava minimamente adequado à especificidade da SPA enquanto sociedade de autores”. É que uma sociedade de autores hoje no mundo só pode modernizar-se e ser operativa se tiver um sistema informático moderno e operativo. E o tipo de negócio de actividade de uma sociedade de autores exige uma estrutura informática que não tem nada a ver com outras empresas, porque há uma especificidade e um grau de exigência que não há em qualquer outra estrutura.

Portanto, a opção que a SPA fez, e que foi devidamente avalizada pelos órgãos sociais e sobretudo pela direcção, no sentido de mudar para o modelo espanhol, teve a ver, em primeiro lugar, com o facto de ser um modelo criado para uma sociedade de autores, de raiz, tendo afinidades com a natureza do negócio com o qual se adapta. Em segundo lugar, também a circunstância de vir de um país que, devido à sua grande proximidade geográfica, permitiu à SPA, como de resto agora aconteceu, estar em contacto permanente com os seus parceiros e com os fornecedores deste software e, assim, poder agilizar certos procedimentos e ter o processo instalado.

“Não foi o processo tão célere quanto desejaríamos – admitiu -, mas esta etapa está cumprida, os receios infundados que alguns tentaram lançar estão completamente desmentidos e ultrapassados e, neste momento, temos uma ferramenta essencial que nos vai permitir agilizar muita coisa, desde a distribuição à gestão de pessoal, à financeira, a avaliação de gastos, despesas, investimentos, vai ser realmente a espinha dorsal da gestão da SPA”. Os gastos, garantiu, estão dentro do caderno de encargos previsto e, neste momento, a SGAE, na própria carta de formalização do sistema confirma a garantia de dois anos relativamente ao sistema, que “poderá depois ter outros desenvolvimentos, outras valências, outros aperfeiçoamentos, mas que são vistos pontualmente e todos eles com incorporação exclusiva de mão-de-obra e de esforço interno da SPA ou de portugueses”.

Considerando que “a conclusão da instalação do SGS é um dos objectivos de mandato que está plenamente cumprido”, o presidente da SPA sublinhou: “Agora dispomos dos meios técnicos



## O NOVO SISTEMA INFORMÁTICO JÁ SERVE 25 SOCIEDADES DE AUTORES NO MUNDO

necessários para encarmos o futuro com mais objectividade e com melhor conhecimento da realidade, sabendo que temos uma ferramenta poderosa para alargarmos horizontes e podermos melhorar o nosso funcionamento interno e a nossa prestação em relação ao estrangeiro. É preciso tirar o máximo partido possível deste ganho. Agora, o grau de execução é de 4.0, ou seja, 100%, o que quer dizer que é a totalidade.”

## “UM INSTRUMENTO NA RECUPERAÇÃO DA PRÓPRIA SPA”

Ainda sobre a situação da informática na SPA, José Jorge Letria esclarece que “é importante dizer que nós estamos hoje a congratular-nos com esta etapa que foi cumprida, porque, durante muitos anos, a SPA acumulou um atraso inexplicável e intolerável, que vem dos finais dos anos 80 e da década de 90, em que a administração da época não levou em conta a necessidade de modernizar informaticamente uma sociedade que não podia passar sem essa modernização”. E faz questão de explicar: “É a administração seguinte que inicia a sua actividade a partir de Setembro de 2003 que percebe que é preciso fazer esse investimento mas, devido a erros de avaliação e a um controlo de projecto que era assegurado pelo então director-geral, a gestão do projecto fracassou redondamente e esteve na origem da sua demissão, porque ocultou informação fundamental à administração, porque não nos manteve ao corrente das derrapagens e dos desaires que o sistema ia tendo”.

E ficaram, então, abertas as portas para esta nova etapa, a escolhida, diz o presidente da SPA, que salienta aqui o papel desempenhado por Pedro Osório em todo este processo. Foi ele que coordenou todo o arranque de contratação deste sistema informático em Espanha, foi ele que, enquanto a saúde lhe permitiu, foi marcando os prazos e as negociações com a Espanha e depois, numa segunda etapa, o também administrador Zé da Ponte, até muito recentemente, até à situação de saúde que o afectou.

“Mas o sistema informático está devidamente instalado, operacionalizado e já não é hoje uma preocupação para nós, pelo contrário, as preocupações são outras. Resta agora que ele seja também, sobretudo no contexto de crise grave como este que estamos a viver, um instrumento na recuperação da própria SPA”. EDITE ESTEVES



# COMITÉ EUROPEU DA CISAC EM LISBOA

19 E 20 DE ABRIL 2012



ENCONTRO EM LISBOA CLASSIFICADO COMO "MUITO BEM ORGANIZADO"

## Batido recorde com 100 participantes de 56 sociedades de autores de 35 países

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES recebeu, pela primeira vez, em Lisboa, nos dias 19 e 20 de Abril, o Comité Europeu da CISAC, que é a segunda reunião anual mais importante da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, porque é aquela que tem uma tradição histórica maior e um maior número de presenças. Embora outros continentes sejam maiores que a Europa, o número de nacionalidades na Europa é maior que na Ásia ou que na África e, portanto, este encontro congregou uma centena de participantes de 56 sociedades, provenientes de 35 países. O que foi, realmente, um grande acontecimento. "Foi o Comité Europeu com maior número de participações até agora, tanto em número de sociedades como em número de dirigentes dessas sociedades", confirmou à Autores o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, anfitrião da reunião. Este comité caracteriza-se pela multidiscipli-

ridade: estão representantes de todas as áreas, desde a música ao audiovisual, desde as artes visuais até à literatura e ao teatro, é completamente abrangente, o que significa que a SPA se revê neste modelo, dado que a Sociedade Portuguesa de Autores é das poucas sociedades no mundo completamente transversal. "Em quase todos os países, Espanha, França, Itália, há sociedades musicais, para o audiovisual, nós somos multidisciplinares. Cobrimos as áreas todas. Nem me parece que haja condições para haver uma sociedade sectorial para uma destas áreas", considerou José Jorge Letria.

O encontro, unanimemente classificado como "muito bem organizado", abriu com um cocktail de boas-vindas na tarde do dia 18, prolongando-se os trabalhos por todo o dia 19 e a manhã do dia 20 de Abril no Hotel Altis. E, no final do primeiro dia de reunião, realizou-se um jantar no Museu do Azulejo, oferecido pela SPA a todos os participantes, no final do qual actuou o autor,

compositor e cantor Janita Salomé, considerado pelos presentes como um símbolo daquilo que é o objectivo da estratégia da CISAC.

José Jorge Letria salientou que a escolha de Janita Salomé para fazer a actuação foi acertada, pois foi uma presença diferente de quase tudo o resto que normalmente há nestes eventos. "Foi uma presença de muita qualidade, de muita originalidade, de muito bom gosto. As pessoas gostaram muito e ficaram com vontade de conhecer mais música portuguesa", salientou o anfitrião.

No jantar no Museu do Azulejo, e à semelhança do que a sociedade anfitriã já havia feito com o anterior director-geral, Éric Baptiste, foi também atribuída a Medalha de Honra da SPA ao novo dirigente máximo da CISAC, Olivier Hinnewinkel, em funções há menos de seis meses e que, pela primeira vez, esteve em Portugal.

Do mesmo modo, a SPA também presenteou, em nome do comité, Christianne Ramonborderes, que se aposentou e foi durante mais de



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

**“FORAM ANALISADAS QUESTÕES RELACIONADAS COM TODAS AS DISCIPLINAS DE CRIAÇÃO ALI REPRESENTADAS, DESDE A MÚSICA AO AUDIOVISUAL, PASSANDO PELA LITERATURA, PELO TEATRO E PELAS ARTES VISUAIS**

**“O NOVO DIRECTOR-GERAL DA CISAC CHAMOU A ATENÇÃO PARA A NECESSIDADE DE UNIR E MOBILIZAR AS SOCIEDADES MEMBROS DA CISAC, NUM PERÍODO QUE TODOS SABEM SER PARTICULARMENTE DIFÍCIL**

**“A SPA FOI A ANFITRIÃ DE DEZENAS DE DIRIGENTES DE MAIS DE MEIA CENTENA DE SOCIEDADES DE AUTORES PROVENIENTES DE MAIS DE TRÊS DEZENAS DE PAÍSES**

20 anos a pessoa mais influente na CISAC, a nível das políticas das artes visuais, que dirigiu também a EVA (European Visual Arts) e que foi a presidente, durante muito tempo do Comité Internacional para as Artes Visuais da CISAC. Significativamente, a sua despedida também foi em Lisboa. “Recebeu um presente do comité que foi dado pela SPA, uma faiança portuguesa da Vista Alegre. Quando ela se quiser recordar da sua despedida, vai ter um objecto que representa sobretudo Lisboa, as suas ruas, o fado”, congratulou-se José Jorge Letria.

O presidente da SPA abriu a sessão inaugural com uma intervenção em que definiu sob todos os aspectos a sociedade que dirige e apresentou as suas metas, falando, ainda, sobre a crise europeia, que afecta naturalmente os consumos culturais. Teve, também, duas pequenas conversas com o novo director-geral da CISAC e, em seu entender, ficou “perfeitamente convencido de que ele saiu muito agradado com aquilo que viu”. “Ele é um homem na casa dos 40 e tal anos, especialista na área da radiodifusão, que, depois de passar por vários países, vem de Singapura. Tem um currículo brilhante e pertence a uma geração jovem de pessoas muito ligadas às novas tecnologias e aos novos modelos de comunicação, que nos interessa que conheça bem a realidade portuguesa. A vinda dele a Portugal tem um significado grande para nós”, explicou o presidente da SPA. *EE*

O ENCONTRO MAIS PARTICIPADO QUE SE REALIZOU ATÉ HOJE

SPA e CISAC fazem balanço muito positivo do Comité Europeu em Lisboa

A CISAC (Confederação das Sociedades de Autores e Compositores) e a Sociedade Portuguesa de Autores fazem um balanço muito positivo da realização em Lisboa, nos passados dias 19 e 20 de Abril, da assembleia anual do Comité Europeu daquela confederação, que reuniu na capital portuguesa, tendo a SPA como anfitriã, dezenas de dirigentes de mais de meia centena de sociedades de autores provenientes de mais de três dezenas de países, do Reino Unido à Turquia, da Rússia à Itália. A afirmação foi veiculada numa nota final emitida pelo Conselho de Administração da SPA no dia 26 de Abril.

Ao longo de dois dias de intensos debates limitados às personalidades e estruturas inscritas, a Administração da SPA informou que foram analisadas questões relacionadas com todas as disciplinas de criação representadas na reunião, desde a música ao audiovisual, passando pela literatura, pelo teatro e pelas artes visuais. Em grande destaque estiveram também as intervenções em que foram analisados temas como o combate à pirataria, as leis da Cópia Privada no continente europeu, a coabitação do direito de autor com os direitos conexos, novas formas de impacto na gestão colectiva das tecnologias mais avançadas e ainda a apresentação da nova estratégia global da CISAC, agora com o novo director-geral, Olivier Hinnewinkel. “O novo director-geral da CISAC, nas suas intervenções, chamou a atenção para a necessidade de unir e mobilizar as sociedades que são membros da CISAC, num período que todos sabem ser particularmente difícil para os autores e para quem os representa”, salienta o comunicado. Olivier Hinnewinkel, que elogiou o trabalho da SPA em geral e o esforço organizativo patente nesta reunião de Lisboa, fez neste Comité Europeu a sua estreia em reuniões internacionais.

A intervenção de abertura do Comité Europeu esteve a cargo do presidente da SPA, José Jorge Letria, que falou da “história da cooperativa, da realidade portuguesa em termos culturais e de gestão de direito de autor e ainda da estratégia da SPA para o futuro, que passa por uma ainda maior modernização das suas estruturas e procedimentos, pelo aproveitamento a todos os níveis do novo sistema informático e por uma política de comunicação e imagem capaz de atrair novos autores e de tornar a SPA ainda mais credível junto da opinião pública e dos utilizadores de repertórios”. Apelou também à unidade e à mobilização de todas as sociedades em torno da CISAC e dos objectivos comuns que norteiam as estruturas representativas dos autores. Saudou ainda o novo director-geral e desejou-lhe as maiores felicidades no desempenho das suas funções.

A nota do Conselho de Administração da SPA dá conta de que, durante os trabalhos do Comité Europeu, se procedeu à entrega da Medalha de Honra da SPA a Olivier Hinnewinkel e de um presente de despedida, em nome de todos os participantes neste Comité Europeu, a Christiane Ramonbordes, que, durante anos, presidiu às mais importantes estruturas internacionais ligadas às artes visuais.

No final, foi escolhida a cidade de Bratislava, capital da Eslováquia, para acolher o Comité Europeu da CISAC em 2013. A nota sublinha, entretanto, que o Comité Europeu de Lisboa foi o mais participado que se realizou até hoje.



# COMITÉ EUROPEU DA CISAC EM LISBOA

19 E 20 DE ABRIL 2012

**PRESIDENTE DA SPA COMUNGA DA POLÍTICA DE CREDIBILIZAR A IMAGEM DAS SOCIEDADES**

## “APOSTAR CADA VEZ MAIS NA COMUNICAÇÃO PARA SE CRIAR UMA NOVA MENTALIDADE”

“AQUILO QUE SE VERIFICOU neste Comité Europeu, e que tem um certo significado histórico, dado que é o primeiro realizado já numa fase mais aguda da crise europeia e mundial, é que realmente as sociedades têm que estar unidas, mobilizadas, a apostarem fortemente na modernidade, sendo que a modernidade passa por uma estratégia de comunicação e imagem que as credibilize junto da opinião pública, junto dos operadores, enfim, junto das entidades que operam com o direito de autor, sejam forças policiais, sejam magistraturas”. Esta a conclusão mais relevante retirada da assembleia-geral anual do Comité Europeu da CISAC, Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, que decorreu em Abril, em Lisboa, e que foi transmitida à Autores pelo presidente da anfitriã SPA.

Para José Jorge Letria, que relatou o evento e comentou a importância das intervenções dos muitos participantes, o objectivo é “apostar, cada vez mais, numa política de comunicação e numa estratégia de comunicação e imagem, que ajudem as sociedades europeias e de uma forma particular a Sociedade Portuguesa de Autores a ter uma imagem credível e uma acção persuasiva junto da opinião pública, particularmente junto dos media e da população

em idade escolar, a fim de se criar uma nova mentalidade”.

Conforme pudemos constatar pelo vasto programa e ouvindo alguns presentes, o comité foi muito abrangente do ponto de vista temático, cobrindo áreas tão diferentes como a cópia privada, o combate à pirataria, desde a música no espaço digital até à pirataria na área da edição literária. Discutiu-se também o equilíbrio dos direitos primários, que é o direito de autor com o direito conexo, falou-se, forçosamente, do futuro das sociedades num tempo de crise, tendo em conta que o direito de autor está a atravessar um momento muito delicado. “Tudo isso esteve presente, mas de uma forma muito serena, muito objectiva, muito virada para a solidariedade”, comentou José Jorge Letria.

O grande problema que pode surgir nestas reuniões é haver uma críspação tão grande que faça com que o diálogo não seja frutuoso e, neste caso, pelo contrário, “havendo representantes dos produtores, dos editores e dos criadores houve um clima geral muito positivo que mostra, realmente, que as pessoas estão mobilizadas para encontrarem soluções”.

Aquilo que ficou patente em muitas intervenções, assegurou o dirigente máximo da SPA, é que o direito de autor, em termos europeus e



mundiais, está a atravessar um dos momentos mais sombrios de sempre, como resultado do avanço das novas tecnologias e dos novos equilíbrios que as novas tecnologias impõem. “É preciso, pois, neste momento, harmonizar os interesses dos chamados criadores de conteúdos com os interesses dos intermediários, os interesses dos consumidores-utilizadores com os interesses dos autores, e houve aqui um apelo no sentido das sociedades defenderem estes interesses, estes direitos, mas de uma forma mais dinâmica, mais aberta, mais flexível, sem cedências consideráveis e sobretudo com um aspecto que me parece importante e que é a nossa visão, que é apostar cada vez mais numa política de comunicação e numa estratégia de comunicação e imagem, que ajudem as sociedades europeias a criarem uma nova mentalidade”. Esta foi a posição da SPA e também a do novo director-geral da CISAC. Também houve uma intervenção da secretária-geral do GESAC, Grupo Europeu das Sociedades de Autores e Compositores, Véronique Desbrosses, que chamou a atenção para o momento particularmente difícil que o direito de autor enfrenta em Bruxelas, junto da Comissão Europeia, porque é um momento de incerteza, de recuo, um momento de críspação também.



**“É preciso harmonizar os interesses dos criadores de conteúdos com os interesses dos intermediários, os interesses dos consumidores-utilizadores com os interesses dos autores (...)**

José Jorge Letria esteve na Feira do Livro de Londres numa palestra proferida pela directora do direito de autor na Comissão Europeia, Maria Martin-Pratt, que é espanhola, uma grande especialista em direito de autor, que disse que os momentos difíceis ainda estão para vir.

#### **“O COMITÉ VEIO AUMENTAR A NOSSA COTAÇÃO INTERNACIONAL”**

A SPA investiu bastante neste comité. Lembrando que foi uma candidatura que a SPA lançou em Abril do ano passado, em Praga, e que foi imediatamente aceite, José Jorge Letria fez notar, com orgulho: “O nosso investimento foi um investimento organizativo que, parecendo que não, é essencial para prestigiar a imagem internacional da SPA. Com poucos meios, tivemos capacidade para acolher mais de uma centena de pessoas de uma forma competente, amável e também muito orientada no sentido de criar uma imagem muito positiva do país, que é absolutamente essencial. Na despedida, verificámos que o índice de agrado foi muito elevado – as pessoas estavam muito contentes com a forma como foram recebidas, com a eficácia dos serviços. Estas coisas que parecem ser apenas coisas de relações-públicas, são muito importantes para prestigiar uma sociedade,

que é pequena, multidisciplinar mas periférica como é a SPA”. “Para já – frisou - consolida o prestígio que temos vindo a conquistar nestes últimos anos e, em segundo lugar, abre-nos as portas para uma presença ainda mais forte em organismos internacionais em que estamos já representados”.

Recorde-se que a SPA, neste momento, está representada na efectividade, desde há muitos anos, no GESAC e na CISAC, de que é membro, através de José Jorge Letria no Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais (CIADLV), do qual faz parte desde Abril/Maio de 2005, é a dinamizadora dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores, tem uma presença constante nos comités de maior importância, que são os comités CIS, os Comités de Informação, que se baseiam na partilha de informação sobre a qual a acção das sociedades se desenvolve dentro da sua reciprocidade dos contratos, a presença nos Comités Técnicos, a presença no Comité Jurídico, entre outros e, a 10 de Maio último, foi eleita em Bruxelas, na pessoa do seu presidente da Direcção e do Conselho de Administração, José Jorge Letria, membro da agora criada Direcção do GESAC, Grupo Europeu das Sociedades de Autores e

Compositores. (ver texto correspondente).

. Por isso, a SPA e Portugal, intrinsecamente, é hoje um país de referência entre os 20 a 30 que, normalmente, fazem parte da primeira linha desta actuação, sendo que a CISAC tem mais de 200 sociedades de mais de 120 países. “Fazemos parte deste pelotão da frente”, disse José Jorge Letria, sublinhando: “Este Comité Europeu veio fortalecer essa perspectiva e foi também nessa perspectiva que nós nos candidatámos e, portanto, veio aumentar a nossa cotação e o nosso reconhecimento internacional. É muito agradável saber, por exemplo, que a primeira participação internacional do novo director-geral da CISAC, Olivier Hinnewinkel - uma pessoa determinante para a política do direito de autor em todo o mundo – aconteceu em Portugal.”

O presidente da SPA considera que “é muito importante para nós, até em termos de estímulo para a SPA, e para os seus corpos sociais, podermos acolher, num contexto de crise tão grave que estamos a viver, um acontecimento com esta importância”. “Satisfaz-nos verificar que, num momento em que o país está deprimido, em queda em vários níveis, dirigentes de grandes sociedades, como o PRS do Reino Unido ou a GEMA da Alemanha ou a BUMA/STEMRA



# COMITÉ EUROPEU DA CISAC EM LISBOA

19 E 20 DE ABRIL 2012



**“(...) MAS DE UMA  
FORMA MAIS  
DINÂMICA,  
MAIS ABERTA,  
MAIS FLEXÍVEL  
SEM CEDÊNCIAS  
CONSIDERÁVEIS  
E APOSTANDO  
NUMA ESTRATÉGIA  
DE COMUNICAÇÃO  
E IMAGEM**

da Holanda venham a Portugal, certamente ficarem bem impressionados com o país, pois isto ajuda a promover a imagem e o prestígio de Portugal, e verem também que houve uma sociedade aqui que não fez despedimentos até agora – das poucas sociedades europeias que não fez despedimentos – uma sociedade que está organizada, que se está a modernizar, que aposta na modernização e não está à espera de ver passar os comboios para depois tomar decisões”.

De notar que o Comité Europeu em Lisboa constituiu também um momento importante como formação e esclarecimento de dirigentes da SPA. Além do presidente, estiveram presentes nove dirigentes de sectores nevrálgicos da SPA, que desta forma se familiarizaram com os conhecimentos, os valores, os critérios, as medidas tomadas. Entre outros aspectos, discutiu-se muito o combate à pirataria e a cópia privada, mas ainda a contratualização das obras, os modelos de contratos de representação recíproca, a questão do passaporte das pequenas e médias sociedades que permite a defesa de repertórios de outros países.

## **“SÓ UMA CISAC FORTE DEFENDE E TORNA FORTES AS SOCIEDADES”**

Olivier Hinnewinkel, o novo director-geral da CISAC, segundo precisou José Jorge Letria, é um homem

importante: vindo de Singapura, foi especialista durante anos e ainda é na área da radiodifusão, tem uma vasta experiência noutras áreas e, neste momento, está a concentrar os seus métodos na CISAC. “Nós encaramos com forte expectativa e optimismo a sua prestação – declarou -, parece ser uma pessoa com grande visão estratégica, até um pouco visionário, com capacidade de diálogo, é um indivíduo sereno, sensato, com uma boa capacidade de apreender os sinais e estamos convencidos que a CISAC fez uma boa escolha.” O presidente da SPA disse que, nas intervenções que fez, chamou sempre a atenção que “só uma CISAC forte defende e torna fortes as sociedades, porque houve também, durante algum tempo, por interesse oportunista de algumas grandes sociedades europeias, uma certa tendência para esvaziar e desvalorizar a CISAC”. “Nós temos uma visão exactamente ao contrário”, afirmou, sustentando: “A CISAC é pluricontinental e transnacional e se tem a abrangência de uma estrutura que envolve 232 sociedades de 121 países, representando três milhões de criadores e de editores de obras culturais, então é à volta desta sociedade que nós temos de estar unidos. Não é à volta do GESAC, é à volta da CISAC. É que o GESAC tem intervenção natural junto da União Europeia, mas a CISAC pode ter um papel fundamental a nível mundial, a nível da OMPI

em Genebra, a nível das Nações Unidas, do reconhecimento do direito de autor como um direito do homem, um direito constitucional dos vários países.”

Um outro aspecto importante foi a presença em Lisboa do representante da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), David Uwemedimo, que foi um dos dirigentes de topo da CISAC e que se retirou há cerca de dois anos, sendo, neste momento, uma figura central da política da OMPI em Genebra. José Jorge Letria explica porquê:

“A OMPI representa a propriedade intelectual em sentido lato, incluindo as patentes dos medicamentos, dos automóveis, da roupa de marca, enquanto o direito de autor representa 5/6% dos valores que a propriedade intelectual representa, mas este homem que vem com mais de 15 anos de experiência da CISAC está muito interessado em valorizar o papel do direito de autor dentro da OMPI. O que nos permite, por exemplo, candidatar projectos à OMPI, que envolvam sistemas informáticos e outros projectos que eles, aliás, já apoiaram noutros tempos. Eles apoiaram Espanha, nomeadamente, na difusão do sistema SGS.” No Comité Europeu da CISAC, em Lisboa, ficou votado que o próximo Comité Europeu será em Abril do próximo ano em Bratislava, na Eslováquia. *EDITE ESTEVES*



**JANITA SALOMÉ CONSTITUIU UM SÍMBOLO  
PARA OS PARTICIPANTES DO COMITÉ EUROPEU**

**“É este artista extraordinário  
que que é preciso proteger”**

Com a sua voz única – os críticos consideram que é a melhor voz masculina portuguesa – e as suas composições singulares, Janita Salomé cantou para os participantes na reunião anual do Comité Europeu da CISAC, Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, após um jantar oferecido pela SPA no Museu do Azulejo, em Lisboa, no passado dia 19 de Abril. Cantou e encantou de forma unânime todos os representantes máximos dos autores e compositores ali concentrados. O próprio novo director-geral da CISAC, Olivier Hinnewinkel, fez dele o símbolo daqueles que as sociedades de autores por todo o mundo devem proteger, conforme sustentou numa entrevista

que aqui publicamos. Classificando-o como “um artista absolutamente extraordinário”, frisou: “Ele fez com que se relevasse acima de tudo a importância do artista no mundo da criação, no mundo cultural e na sociedade em geral.” E defendeu, convicto, dando-o como exemplo de uma das alíneas do seu plano estratégico para a CISAC: “É este artista que é preciso proteger.” A actuação de Janita Salomé, com os seus músicos, reuniu condições especiais porque, além dele ter uma voz fantástica, é também representante da world music, que agrada muito a estas sociedades, sendo que “o conceito da world music está a expandir-se hoje na Europa e no mundo, sobretudo através das feiras internacionais de exportação



da música étnica.” “A world music é uma música alternativa que está a transformar-se em mainstream. Há o mainstream do pop rock, o mainstream das canções, mas a música étnica, que é um nicho, hoje é um caminho cada vez mais dominante”, referiu o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, dando assim razão à opinião do director-geral da CISAC, expressa na entrevista que concedeu à Autores.

Janita Salomé, como os portugueses muito bem sabem, é um artista multifacetado e versátil. Deveras singular. Envolvido numa mística de imagem popular que, em simultâneo, toca as elites, cedo criou uma identidade própria, que o distingue no contexto musical. A sua música é um misto de influências de cantares populares, especialmente alentejanos, e de sonoridades orientais.

A credibilidade que lhe advém do valor próprio como compositor e cantor de capacidades únicas, é sublimada pela sua aura de ser o discípulo em quem Zeca Afonso mais esperanças depositava pelas suas capacidades técnicas únicas de interpretação e canto e a quem confiava as obras de mais difícil execução.

A sua ligação aos temas de raiz popular, que explora e canta, traduz a sua forte ligação à terra e às pessoas que transmitem os seus sentimentos e a sua vida através da tradição oral do canto e da canção. Mas, desta sua particularidade, não pode ser dissociada a sua vertente de músico e compositor, de autor de diversos temas que fazem história na música portuguesa... EE



**Atribuída Medalha de Honra da SPA  
ao novo director-geral da CISAC, Olivier Hinnewinkel**



**Christianne Ramonbordes presenteadas  
na sua despedida com faiança portuguesa**



# COMITÉ EUROPEU DA CISAC EM LISBOA

19 E 20 DE ABRIL 2012



**OLIVIER HINNEWINKEL DEFENDE ESTRATÉGIA MISTA DE BUSINESS E SOCIAL**

“Colocar o **autor** no coração da CISAC é o objectivo central do nosso projecto”

Especialista na área da radiodifusão, com um currículo brilhante e passagem por vários países, o último dos quais Singapura, Olivier Hinnewinkel fez a sua estreia em reuniões internacionais como novo director-geral da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (CISAC), na capital portuguesa. Nos dias 19 e 20 de Abril passados, este jovem de 48 anos, que pertence a uma geração muito ligada às novas tecnologias e aos novos modelos de comunicação, veio apresentar a nova estratégia delineada por ele para a CISAC, no decurso da assembleia geral anual do Comité Europeu daquela importante estrutura. Finda a reunião, que juntou uma centena de participantes de 56 sociedades, provenientes de 35 países no Hotel Altis, em Lisboa, Olivier Hinnewinkel concedeu um tempo extra de conversa com a Autores. E resumiu de forma objectiva e muito directa o seu plano para as 225 sociedades de autores que a CISAC representa em todo o mundo: “É preciso ter uma iniciativa de business, mas, ao mesmo tempo, lembrar que os direitos de autor são o centro da sua actividade.”



**Um dos temas principais da agenda desta assembleia geral do Comité Europeu da CISAC, que decorreu em Lisboa, foi a apresentação da nova estratégia da CISAC, agora dirigida por si, face ao momento de crise que o mundo atravessa. Pode resumir as linhas gerais da estratégia que estruturou para esta situação? A primeira coisa que quero é agradecer à SPA este encontro em Lisboa, que foi organizado da melhor forma e que, ontem à noite, teve o contributo de um artista [Janita Salomé] absolutamente extraordinário, que fez com que se relevasse acima de tudo a importância do artista no mundo da criação, no mundo cultural e na sociedade em geral. É este artista que é preciso proteger. E esta é, sem dúvida, a primeira iniciativa do desenvolvimento da estratégia da CISAC: colocar o autor no coração do projecto da CISAC e no centro da sua actividade. Portanto, o autor deve ser defendido e protegido e nós devemos defender os seus interesses. Interesses em termos de dinheiro e interesses em termos de direitos de autor. É o essencial da actividade da CISAC no mundo: defender os autores, aquele cantor e compositor que ouvimos ontem à noite e todos os outros.**

**De que forma concreta pensa levar por diante essa estratégia, dado os obstáculos que as novas tecnologias interpõem nessa acção?**

Eu penso que hoje as sociedades de autor têm uma função dupla. Têm uma função social, de estar à disposição dos autores ou de prestar serviços de ordem social aos autores e, ao mesmo tempo, uma função de actividade comercial, de colectar dinheiro para depois o distribuir. Acho que, actualmente, as



# COMITÉ EUROPEU DA CISAC EM LISBOA

19 E 20 DE ABRIL 2012

**“EU PENSO QUE HOJE AS SOCIEDADES DE AUTOR TÊM UMA FUNÇÃO DUPLA. TÊM UMA FUNÇÃO SOCIAL, DE ESTAR À DISPOSIÇÃO DOS AUTORES OU DE PRESTAR SERVIÇOS DE ORDEM SOCIAL AOS AUTORES E, AO MESMO TEMPO, UMA FUNÇÃO DE ACTIVIDADE COMERCIAL, DE COLECTAR DINHEIRO PARA DEPOIS O DISTRIBUIR**

sociedades ainda não se deram bem conta da evolução ou revolução que está a bater-lhes à porta. É o que chamamos a criação de um business case e um business model. É verdadeiramente importante que a CISAC ajude as sociedades a adoptarem um novo comportamento, em virtude da evolução do mundo de hoje. Uma evolução fortemente tecnológica no domínio do produtor que é atacado por forças visíveis e invisíveis que fazem lobbies para defender os seus interesses e, ao mesmo tempo, desenvolvem ferramentas tecnológicas que permitem à sociedade despende menos dinheiro, aumentar os recursos em conjunto, a fim de poderem prevenir-se contra os tempos que aí vêm e que vão ser difíceis financeiramente, porque as crises vão fazer com que as sociedades ganhem menos dinheiro.

## **“OS NÚMEROS MOSTRAM IMPORTÂNCIA DA CULTURA”**

A crise financeira preocupa imenso a CISAC, é um facto, mas o estudo económico mundial anual publicado pela confederação que dirige e que foi divulgado no MIDEM, em Cannes, no final de Janeiro deste ano, reflecte um crescimento considerável nas colectas brutas dos direitos de autor obtidas durante o ano de 2010. Apesar da difícil situação económica, as colectas das



**Nemad Marce, presidente do Comité Europeu, com Olivier Hinnewinkel, novo director-geral da CISAC**

232 sociedades de autores membros da CISAC, provenientes de 121 países, que representam mais de três milhões de criadores e editores de todos os géneros artísticos, atingiram um recorde de 7.500 milhões de euros, registando um crescimento de mais 5,5%... Como comenta? Realmente, as sociedades de autores reunidas na CISAC obtiveram resultados muito positivos no total de todos os reportórios que representa, sendo que o grosso dos ganhos foi

derivado de sociedades musicais. De acordo com o nosso estudo, 86% do valor arrecadado em 2010 provém do repertório musical, o que representa muito, e 61% do total das colectas foi obtido na Europa.

Mas é preciso explicar aos nossos políticos que têm interesse em escutar os eleitores, que, por vezes, os eleitores que escutam as forças invisíveis não têm necessariamente razão, por isso devemos bater-nos para motivar os eleitores

para os números. Números que mostram a importância das sociedades na indústria cultural. A importância em termos de ganhos, mas também em termos de criação de emprego. A segunda coisa que devemos empreender é fazer um plano de comunicação que vá permitir explicar a esses eleitores quais são os interesses de defender os direitos de autor, em especial para quem navega na internet. Não se trata de interditar a liberdade sobre a internet, não é, contrariamente ao que se diz, matar a criação, não é, como contestam os piratas, criar barreiras, mas simplesmente que o autor ganhe razoavelmente a sua vida. É tudo.

#### E com dignidade.

Com dignidade é um requisito e faz parte integrante das convenções de base que encontramos em todo o lado.

#### “A CULTURA É QUE DIFERENCIA AS SOCIEDADES”

##### Está confiante no futuro?

Eu acredito no futuro, porque um país, uma sociedade sem criação cultural, uma sociedade que viva com uma criação cultural que esteja sob a autoridade de qualquer força empresarial internacional, é uma sociedade que morre. Uma sociedade vive graças à sua cultura e a sua cultura é essencial, é o que a diferencia das outras sociedades. Todas as comunidades têm necessidade de cultura.

#### Sem cultura não há autores e sem autores não há cultura...

E sem cultura a vida não tem interesse.

O senhor tem apenas 48 anos. É um jovem, sobretudo no cargo que desempenha como director-geral de uma Confederação Internacional. E isso é muito bom, pois sabe-se que, com os avanços tecnológicos, as sociedades de autores, um pouco por todo o mundo, têm necessidade de atrair para a sua causa a juventude, que sabe manejar com à-vontade as novas ferramentas e adaptar-se com mais facilidade às realidades de hoje. Pensa da mesma maneira?

Penso que há uma mudança de geração que está a começar a emergir em certas sociedades. Parece-me interessante que não seja forçosamente uma nova geração que surja e tome o poder. Também é preciso haver experiência. É preciso fazer uma mistura: juntar as pessoas



**“É PRECISO FAZER UMA MISTURA: JUNTAR AS PESSOAS EXPERIENTES QUE CONHEÇAM O AMBIENTE E UMA FORÇA MAIS JOVEM QUE CHEGUE COM UM ENTUSIASMO E TALVEZ NUMA VERSÃO MAIS BUSINESS, QUE VÁ PERMITIR CRIAR NAS SOCIEDADES UMA MAIOR EFICÁCIA**

experientes que conheçam o ambiente e uma força, digamos, mais jovem, que chegue com um entusiasmo e talvez numa versão mais business, que vá permitir criar nas sociedades uma maior eficácia.

#### Como empresa?

Uma empresa que, ao mesmo tempo, tem uma utilidade fantástica que é o direito de autor.

**Crê que o cooperativismo, a matriz da nossa Sociedade Portuguesa de Autores, pode entrar nesse jogo importante de business?**

Sim, claro. A dificuldade de uma cooperativa, como diz, ou de uma organização, está sempre entre fazer um jogo de negócios e, não sendo completamente privada, fazer apenas negócios. A vantagem de uma organização, como por exemplo, a SPautores, é ser uma cooperativa. Porque, se a SPA fosse privada, com o objectivo de ter de ganhar todos os anos dinheiro e de atingir a meta do desenvolvimento com uma administração altamente exigente, penso que nunca defenderia os direitos de autor. Portanto, é preciso ter uma iniciativa de business, mas, ao mesmo tempo, lembrar que os direitos de autor são o centro da sua actividade.

EDITE ESTEVES



# COMITÉ EUROPEU DA CISAC EM LISBOA

19 E 20 DE ABRIL 2012

SPA ELEITA EM BRUXELAS PARA A RECÉM-CRIADA DIRECÇÃO DO GESAC

## “É UM CLARO RECONHECIMENTO DO NOSSO PRESTÍGIO A NÍVEL INTERNACIONAL”



O presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria, foi eleito no passado dia 10 de Maio, em Bruxelas, para a agora criada Direcção do Grupo Europeu das Sociedades de Autores e Compositores (GESAC), que passa, desta forma, a integrar nove dirigentes máximos de outras tantas sociedades de autores europeias. Para além da SPA, fazem parte desta nova estrutura directiva CEO de sociedades como a SABAM, da Bélgica, que preside; a PRS, da Grã-Bretanha; a KODA, da Dinamarca; a AKM, da Áustria; a GEMA, da Alemanha, a ARTISJUS, da Hungria; e a SGAE, de Espanha.

Esta nova estrutura directiva, que dirigirá nos próximos dois anos os destinos de uma das mais importantes superestruturas do direito de autor a nível internacional, foi votada por unanimidade por mais de três dezenas de representantes de sociedades.

De destacar, que o GESAC, criado em Dezembro de 1990 sob a forma de um EEIG (European Economic Interest Grouping – Grupo Europeu de Interesse Económico), agrupa, neste momento, 34 das maiores sociedades de autores na União Europeia, na Noruega e na Suíça, representando 700 mil autores ou titulares de direito na área da música, artes gráficas e plásticas, obras dramáticas e literárias, e audiovisual, bem como publishers de música.

“A eleição da SPA para a Direcção do GESAC representa, naturalmente, um factor de grande satisfação, uma grande responsabilidade, um grande desafio e também uma forma de claro reconhecimento do que é a presença da SPA em termos internacionais”, comentou para a Autores José Jorge Letria, manifestando grande orgulho e satisfação por mais esta manifestação de reconhecimento do prestígio alcançado a nível

internacional pela sociedade de autores portuguesa, a que preside. Reconhecimento que, aliás, já havia sido confirmado pelo êxito da realização em Lisboa, em Abril, do Comité Europeu da CISAC e verbalizado pelo próprio novo director-geral desta confederação, Olivier Hinnewinkel.

### A PRIMEIRA VEZ QUE HÁ UMA DIRECÇÃO ELEITA NO GESAC

É a primeira vez, desde a sua criação, que há uma direcção eleita no GESAC. Até agora, o GESAC tinha um presidente, dois vice-presidentes e uma secretária-geral e, neste momento, passa a ter uma direcção constituída por nove elementos. No debate que se estabeleceu na reunião do dia 10 de Maio, em Bruxelas, em torno desta mudança de estrutura dirigente, os presentes propuseram primeiro que a Direcção fosse composta por sete membros, mas depois passou-se a nove, o que permitiu o alargamento a sociedades de pequena e média dimensão, sendo esta última o caso da SPA.

“A SPA situa-se, mais ou menos, no meio do “ranking” dos elegíveis”, disse José Jorge Letria, para acrescentar que a SPA tem tido uma participação regular ao longo dos anos no GESAC e uma participação muito activa no debate das grandes questões sobre as quais o grupo se debruça, nomeadamente as relações com a Comissão Europeia e a produção das directivas europeias, que é, neste momento, a questão central, daí que também por isso mesmo, tivesse sido tomada a decisão de se criar uma direcção com bastante representatividade, na qual ela se incluía. Portanto, agora há um presidente e três vice-presidentes, enquanto, antigamente, havia um presidente, dois vice-presidentes e uma secretária-geral, que agora se mantém, mas que passou a assumir o cargo de directora-geral.

A nova direcção do GESAC ora eleita compreende, para além do presidente, Christophe Depreter, CEO da SABAM, da Bélgica, que sucede a Bernard Miyet, no cargo desde 2005, três vice-presidentes - R. Ashcroft (PRS), do Reino Unido, A. Lassen (KODA), da Dinamarca e J.N. Tronc (SACEM), de França; e G. Graninger (AKM), da Áustria; H. Heker (GEMA), da Alemanha; J.J. Letria (SPA), de Portugal; A. Szinger (ARTISJUS), da Hungria; e Anton Reixa TBC (SGAE), de Espanha. Véronique Desbrosses, antes secretária-geral, mantém-se, agora com o cargo de directora-geral.

### CONTRA DIRECTIVAS EUROPEIAS PREJUDICIAIS PARA AUTORES

Esta estrutura directiva passará a reunir de forma ordinária seis vezes por ano e o que compete ao GESAC é, precisamente, definir as regras de funcionamento inter-sociedades, mas também o modelo de funcionamento com a Comissão Europeia. Tanto que nesta assembleia em que a SPA foi eleita pela primeira vez para estas funções esteve presente a directora-geral do Direito de Autor da Comissão Europeia,



O GESAC AGRUPA 34 DAS MAIORES SOCIEDADES DE AUTORES NA UNIÃO EUROPEIA, NA NORUEGA E NA SUÍÇA, REPRESENTANDO 700 MIL AUTORES OU TITULARES DE DIREITO NA ÁREA DA MÚSICA, ARTES GRÁFICAS E PLÁSTICAS, OBRAS DRAMÁTICAS E LITERÁRIAS, E AUDIOVISUAL, BEM COMO PUBLISHERS DE MÚSICA



Maria Martin-Pratt, que, segundo revelou o presidente da SPA, “anunciou coisas preocupantes para o futuro do direito de autor na Europa e sobretudo na Europa da União, sendo que, cada vez mais, há uma atitude de pressão sobre as sociedades de autores em benefício, teoricamente, dos consumidores-utilizadores, mas que, na realidade, nós entendemos que é, acima de tudo, uma forma de ir ao encontro dos interesses dos grandes operadores e dos grandes interesses que estão constituídos na internet.”

“É, aliás, com esta realidade que vamos lidar, numa altura em que o direito de autor na Europa está, claramente, em recuo”, reforçou.

“Portanto, espera-se do GESAC, que representa cerca de 40 sociedades de toda a Europa, da União e de fora da União, um estudo, uma análise muito rigorosa dos dossiês, uma capacidade de intervenção que tem de ser muito afinada e apurada”, declarou o CEO da Sociedade Portuguesa de Autores.

A ratificar esta expectativa do dirigente português, o agora eleito presidente do GESAC, Christophe Depretter, falando em nome da nova estrutura directiva do grupo, anunciou “o seu propósito de unir os autores e as sociedades contra directivas emanadas de Bruxelas que possam prejudicar os criadores europeus em grave contexto de crise internacional”.

#### **POSIÇÃO PREOCUPADA MAS NÃO ALARMISTA DA SITUAÇÃO**

A SPA, com esta eleição que é nominal e para a qual só contam presidentes de direcção ou de administração e José Jorge Letria junta as duas funções, é como ele próprio o disse, “o reconhecimento de uma presença e de uma capacidade de intervenção da SPA e é também o alargamento da nossa presença nos organismos internacionais”.

A SPA já está presente em todos os Comitês Técnicos da CISAC, José Jorge Letria já está, desde 2005, a representar a SPA no Comité Executivo do CIADLV (Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais). A SPA, hoje, tem, portanto, uma presença e uma respeitabilidade que, na opinião do seu dirigente máximo, “foi bastante aumentada com a criação dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores, que nos trouxe prestígio, e com a recente realização do Comité Europeu da CISAC em Lisboa que é a assembleia cimeira, além da assembleia geral anual, que vai ser em Dublin nos próximos dias 7 e 8 de Junho.”

Para além da eleição para a Direcção do GESAC em Bruxelas, em Maio,

José Jorge Letria referiu-se ainda à assembleia do Comité Executivo da CISAC, realizada em Abril, em Lisboa, sob a organização da SPA, como tendo sido “o momento mais alto” da intervenção da sociedade portuguesa em termos internacionais. “Conseguimos uma participação recorde de pessoas de diferentes sociedades de todas as áreas – justificou - e isso para nós tem uma importância grande, porque mostra que, estando o país a viver uma situação grave de crise, apesar disso e dos reflexos que isso tem na vida da própria sociedade, conseguimos ter uma presença respeitada e referencial” E ainda “porque, por exemplo, não fizemos despedimentos até agora, coisa que as outras sociedades têm feito, e temos uma visão preocupada mas não alarmista da situação, isto só reforça a nossa posição”, garantiu.

“Estão a perseguir as sociedades - reflectiu - porque, dando voz aos inimigos do direito de autor e das sociedades de autores, consideram que há pouca transparência, que toda a gente está a multiplicar os licenciamentos, que dizem que é uma coisa que penaliza os utilizadores, o que não é verdade, pois uma coisa são os licenciamentos dos autores, outra são os dos artistas, outra são os dos produtores, coisas que não são passíveis de confusão.”

#### **CONSEGUIU-SE UM EQUILÍBRIO REPRESENTATIVO NA EUROPA**

De qualquer maneira, o presidente da SPA considera: “Isto é um passo importante, responsabiliza-nos bastante, vai exigir mais trabalho meu do Departamento Internacional e, sobretudo, um acompanhamento e um aprofundamento ainda maior das questões de natureza jurídica do direito internacional em relação ao direito de autor, que, naturalmente, nos vai obrigar a uma atitude mais interventiva, mais analítica, mais combativa ainda do que temos vindo a ter.”

A SPA, nas palavras do seu presidente, defende, acima de tudo, a grande unidade das sociedades em torno dos autores e dos objectivos comuns. Por isso, neste momento, conforme explicou, “uma das razões porque estamos satisfeitos com esta eleição é porque nos batemos para que a Europa do Sul que não estava praticamente representada no GESAC – a presença é, essencialmente, da Europa de Leste e da Europa de Centro-Norte – conseguisse entrar, para que houvesse um equilíbrio”. “E nós conseguimos reforçar esta presença, o que, em termos de relações internacionais e de equilíbrios é fundamental, porque uma Europa que esteja representada de uma forma desigual e assimétrica é uma Europa mal representada”, assegurou. *EDITE ESTEVES*



# “Procura-se”

## Para que o tempo cure

Susana Félix

Para a jovem responsável e multifacetada Susana Félix, de apenas 36 anos, o segundo single do seu último álbum “Procura-se”, lançado em Maio do ano passado, constitui “um assumir de vida”, “a procura de algo de novo”. A autora, cantora, compositora, produtora e directora artística – isto apenas no que respeita ao campo musical, porque muitas outras áreas são do seu imenso interesse – releva que “a arte em geral é o seu motor” e que nesta sua nova produção, em que trabalha com outros artistas, nomeadamente com o premiado uruguaio John Drexler, numa adaptação de “La idade del ciel”, voltou à utilização dos instrumentos electrónicos, numa evidente oposição ao seu conceito artístico anterior dominado pelo acústico, brinca com a música e joga com a estética, “mas não com a essência”, adverte. Ao cantar “calma, tudo está em calma, deixa que o beijo dure, deixa que o tempo cure”, no tempo de crise que atravessamos, Susana declara-se em contracorrente. Porque, afirma convicta, “estamos a passar por um momento extremamente importante” e “pânico é a última coisa que pode acontecer agora”.

### **Tu procuras-te, Susana?**

Eu estou à procura... Acho que viver é uma procura constante. “Procura-se” é um assumir de vida.

### **O título deste teu álbum é curioso e chama muito a atenção, como um cartaz...**

Mas toda a gente estranha, porque acha que procurar é estar à procura de alguma coisa que perdeu... Eu não tive qualquer problema em assumir que é uma procura, uma procura minha. A procura pressupõe que nós estejamos dispostos a encontrar algo de novo e foi essa a disposição para este disco: procurar algo de novo.

**Esse algo de novo que encontraste identifica-se com quê? Uma música muito diferente? Um ritmo muito diferente? Uma instrumentalização**

### **muito diferente? Um canto muito diferente? Uma autoria muito diferente?**

É diferente a nível musical. Os arranjos das canções são francamente diferentes. Procurámos trabalhar com sons e instrumentos com os quais nunca tínhamos trabalhado e abraçámos essa aventura de fazer qualquer coisa de novo sem ter experiência disso. Sem ter essa segurança.

### **Portanto, é um risco.**

É um risco, corremos um risco. Mas assumir essa aventura e essa descoberta do novo é o que este disco tem de saboroso. É extremamente estimulante.

### **E gostaste daquilo que encontraste?**

Gostei imenso. E gostei de voltar a brincar com a música. Eu acho que só conseguimos descobrir

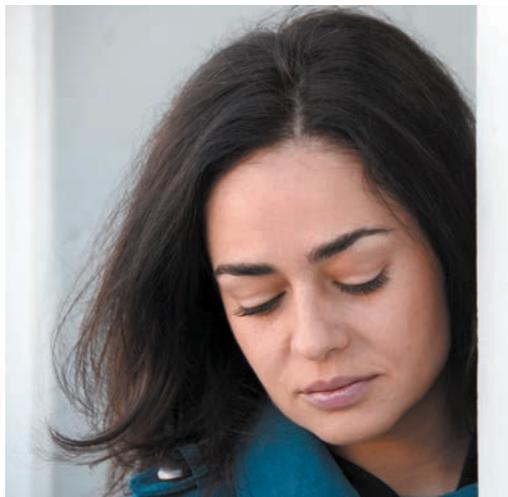
algo de extraordinário quando nos permitimos errar. E isso é difícilíssimo para todos nós. Mas foi uma inconsciência muito saborosa!

### **Concretamente, em que é que difere?**

A nível sonoro, musical, estético, é totalmente diferente.

### **Há uma orquestração mais volumosa em termos electrónicos.**

Nítidamente, larguei um conceito acústico, que é todo o disco anterior, o “Pulsção” (2007), para o oposto, que é assumir os instrumentos electrónicos. Ele até é um bocado revivalista nesse aspecto, porque vai buscar parte da sonoridade dos anos 80, que, às tantas, nos anos 90 e agora nestes últimos dez anos, se



FOTOS: ALFREDO ANTONIO

abandonou, porque se voltou à acústica, voltou-se à orgânica das coisas...

**Tudo é orgânico, neste momento.**

Até eu já estava a ficar demasiado orgânica. Então fomos buscar essa estética e assumir isso. Porque, se a orgânica é crua, a electrónica é muito mais. Como não existe o elemento natural das coisas, é inerte, torna-se mais crua ainda. É um material completamente diferente para se moldar. A estética é diferente. Tudo é diferente.

**BRINCAR COM A ESTÉTICA, NÃO COM A ESSÊNCIA**

E em que é que isso mudou na composição musical e na autoria das letras? ►





Na ponta da língua  
**“A ARTE É O MEU MOTOR”**

**A imagem que temos de ti, Susana, é que és muito responsável, quer a nível pessoal, quer profissional. É verdade, o que não quer dizer que não tivesse as minhas lutas. Eu tenho a profissão que os meus odiaram que eu tivesse.**

**O que é que eles queriam que tu fosses?**

Queriam que tirasse um curso superior. Até há uns tempos, eu era considerada uma irresponsável. Hoje, já toda a gente acha que eu é que fiz bem.

**É que tu, em termos musicais, além de intérprete, compositora e letrista, também és produtora...**

Eu sou criativa.

**Fazes de tudo um pouco. Achas que, no mundo da canção, tem que se fazer um pouco de tudo? Produção, edição, arranjos...**

Eu não acho, tenho essa curiosidade. Interesso-me pelas coisas, ao ponto de aprender.

**E também já fizeste a direcção e coordenação artística de diversos espectáculos.**

Sim. O musical “Sexta-feira 13”, nomeadamente, foi uma ideia minha. Desafiei o António Feio e o António acaba por me dizer “Andas a ler-me os pensamentos; também ando a pensar nisso”. Está bem, já somos dois, vamos lá. E, a partir daí, em 2006, chateámos meio mundo até fazermos um musical estruturado nas canções dos Xutos e Pontapés, a que demos aquele nome.

**Pois, tu tens uma multiplicidade de curiosidades na tua vida.**

Eu sou super-curiosa! Essa é das maiores qualidades. O que me chateia um bocado, porque depois quero ser muito boa nas coisas todas, o que não é possível.

**Procuras a perfeição?**

Não. Eu procuro melhorar as coisas, sou exigente, muito exigente. É uma trabalhadeira.

**Mas o que é que tu gostas mais de fazer: direcção artística, vozes para filmes animados, cantar, tocar guitarra eléctrica, representar, fazer arranjos, compor, fazer letras para canções...? Gostas de teatro, de patinagem artística, de desenhar jóias...?**

Não se pode saber tudo, mas isso dá-nos uma bagagem para conseguirmos andar por muitos sítios e fazer muitas coisas, o que me permite viver muita coisa diferente. É essa a mais-valia que eu levo da minha vida. E permite-me conhecer pessoas muito diferentes e perceber o que é a grandiosidade. Perceber que não há limites para coisa nenhuma e que cada pessoa é um universo. Que extraordinário!

**E tens decerto aquela sensação incrível de que “afinal, eu não sei nada...!”**

Eu não sou nada...

**Todavia, como és uma pessoa de força, teimas em desafiar a vida: “Mas eu quero saber.”**

E acabo sempre por descobrir qualquer coisa. Por exemplo, eu fico a olhar para um quadro e de repente vejo uma forma que nunca imaginei, com uma conjugação de cores que nunca escolheria e tudo aquilo faz sentido. Agora, se este sentimento me leva a ter curiosidade de agarrar numa tela em branco e perceber qual é a forma que me apetece fazer e arranjar uma conjugação minha para fazer, se isso me dá o mesmo prazer, eu pinto.

**Também pintas?**

A arte de uma forma geral interessa-me.

**Vives pela e para a arte?**

A arte é o meu motor.

**Não sabia que pintavas...**

Eu não pinto nada, faço umas coisas em casa, mas dá-me gozo, dá-me prazer. É isso que eu procuro. Pintar é como musicar: é a mesma coisa que utilizar não as sete notas, mas as sete cores. EE



Nada, nada. Se há coisa que eu não abduco é da essência. Eu só brinco com a estética, porque a essência é a mesma.

**A essência é o núcleo de todo o conceito.**

Eu não sei modificar a minha essência, nem quero. Demorei tanto tempo para a encontrar... Tenho um percurso tão grande! Esteticamente, nós podemos cortar o cabelo, mas não deixamos de ser as mesmas pessoas. Como autora, portanto, não mudou nada. (Ler mais em REWIND)

**Como autora das músicas e também como autora das letras... És autora de todas as letras das canções que interpretas e que compões?**

De todas não, da maioria. Eu gosto muito de escrever, mas gosto, essencialmente, de uma boa letra. Não canto só as minhas canções. Se a canção me dá vontade de cantar, ela tem de ser cantada por mim.



**Então, quem são os outros autores deste trabalho?** Há uma letra do Carlos Tê, há duas músicas que não são portuguesas – uma é de um autor brasileiro, Marcelo Camelo, e outra é “A Idade do Céu”, cujo original é do uruguaio John Drexler.

**Essa é uma adaptação de “O Outro Lado do Rio”?** Não, essa é a música com que ele ganhou um Oscar em 2005, para a melhor canção original no filme “Diários de Che Guevara”. É a adaptação de “La Idade del Ciel”, que também é dele.

**Que era um sonho teu interpretar...**

É daquelas canções que, quando ouvi a primeira vez, pensei “adorava ter sido eu a escrever isto!” E, já que não fui, porque é que não hei-de ser eu a cantá-la? Se o autor deu autorização, porque é que não havia de fazê-lo?

**E sorte a tua, o autor e intérprete acabou mesmo por cantar contigo.**

É verdade, deu-me esse brinde fantástico! Uma oportunidade única. Foi uma oportunidade grande cantar com ele, mas foi uma oportunidade igualmente importante conhecê-lo e perceber que existem pontos em comum. O trabalho de autor, às vezes, é demasiado solitário. Ou somos nós que o tornamos ainda mais solitário. Ter companhia nesta viagem é muito bom!

**Gostas de trabalhar em equipa?**

Gosto de trabalhar em equipa, mas há momentos em que tenho de trabalhar sozinha, porque preciso mesmo dessa concentração, preciso de ter as coisas bem claras para nunca perder o conforto das minhas convicções quando vou trabalhar com outras pessoas. Dessa maneira, elas só me dão mais-valias. Tem de haver uma troca. E para haver essa troca – e a troca tem de ser justa - todos têm de saber o que é que têm para dar. Tenho de fazer o meu trabalho de casa e depois tudo acontece bem.

**ESTAR ATENTA É PROCESSO CRIATIVO**

**Como é que, geralmente, compões? Começas pela letra ou pela música? Ou é simultâneo?**

Todos os artistas têm processos diferentes. Ou não se tem processo nenhum. Acontece de todas as maneiras.

**O que é que te sensibiliza?**

Ah, o que me sensibiliza... é quando o momento se torna maior do que nós. Agora, se isso acontece com a música ou com a letra, não há regra.

**O quotidiano é uma coisa que te inspira ou é mais o lado místico e espiritual da vida?**

Tudo me influencia. É o todo. O único processo ao qual eu não posso fugir é o de estar atenta. E perceber quando é a altura de não deixar passar os momentos de me sentar e escrever. Essa é a minha obrigação. Porque tem de haver inspiração e trabalho. ▶



**É evidente que inspiração só não existe.**

Não, não existe. Eu sei que se existe uma ideia qualquer, aí eu tenho de estar atenta e tenho de ter um bloco de notas para escrever. Depois, vou ter a transpiração de transformar aquilo em algo que, tematicamente, seja possível ser cantado sob um compasso. Mas não posso pensar que tenho uma ideia agora, e só amanhã, às oito, é que me vou sentar para escrever, por uma questão de disciplina. Não.

**Às vezes, digere-se só na cabeça, escreve-se só na cabeça, durante algum tempo.**

Sim, eu tenho muita coisa que sei que é minha

e que serve para mim como pessoa, agora há outras coisas que são maiores do que eu e aí é que tenho essa vontade de partilhar com alguém. É a minha realização só existe mesmo quando alguém é inspirado por aquilo que eu faço.

**E isso já aconteceu muitas vezes?**

Tenho ouvido contar histórias que me deixam bem feliz!

**Por exemplo?**

São aquelas coisas extraordinárias, como alguém que me vem confidenciar que começou a namorar com a música que eu fiz. Ou como no

outro dia, um velejador solitário português que chegou ao pé de mim, extremamente tímido, disse-me o que fazia, quem era e revelou-me que a minha música “Flutua” o acompanhava sempre nas suas viagens. E quando eu vi a imagem dele no meio do oceano, sozinho, a ouvir aquela canção, a minha motivação não foi nada, o meu ego não era nada, porque aquilo que ele me estava a dizer e a sua imagem real era muito maior do que a minha.

**Isso é muito bonito! Aliás, estas tuas últimas canções transmitem uma sensação de calma, que se opõe ao que se passa e sente um pouco por todo o mundo. É um sentimento contraditório o que tentas provocar? É que estas tuas canções denotam uma doçura, uma calma, uma flutuação, um esvoaçar... Inclusivamente, as palavras que empregas nas letras têm muito a ver com estas sensações. Têm muito a ver com andar sobre as ondas do mar.**

Sim. Mas todas essas imagens têm muito de violento... Voar é violentíssimo. Flutuar é violentíssimo. Porque nós estamos a sair do nosso elemento.

**UMA FORMA DE CONTRACORRENTE**

**Efectivamente, tu és uma mulher de grande força, verdade?**

Sim, sem dúvida. Tenho uma imagem frágil e tímida – e sou – mas a maravilha do homem é ser uma contradição pegada. Contradição implica conflito, não é? Se eu não tivesse força não tinha os anos de carreira que tenho. O querer continuar, o querer andar para a frente, o querer melhorar as coisas, faz parte da minha vida e é aí que eu exercito e exerço a minha força. Eu levo a sério a minha vida e levo-me a sério.

**A crise não te afecta? Ou esta forma de cantar agora que tu adoptaste será uma forma de atenuar os males...**

Não. Isto é uma forma de contracorrente. Eu sei que tenho um microfone à frente. Tenho consciência disso.

**E assumes que é contracorrente?**

Claro que é contracorrente. Claro que nada é calmo, mas temos que encontrar calma. Agora, vir falar de calma numa altura destas é nitidamente contracorrente. Se acham que é tonto, está ganho para mim. Já pensaram no assunto. Também não acho que seja produtivo ou útil vir para a rua dizer “vamos partir isto tudo”, mas há que dizer alguma coisa.

**E quando tu estás a dizer calma, queres decerto dizer muito mais do que aqueles que querem partir tudo.**

Deixa que o tempo cure... Vamos fazer um plano maior do que aquele que nos possa parecer à primeira vista. Vamos fazer cumprir o plano grande que temos para nós. Eu sou uma pessoa extremamente consciente e a consciência, às vezes, não nos dá muita paz. E ver tudo o que se está a passar, tanto acho que é extraordinário, como é aflitivo. Porque, realmente, mais do que uma crise, nós esta-

mos a passar um momento extremamente importante e é bom que percebamos isso.

**É um momento de mudança, de transformação.** É um momento em que as coisas que até julgávamos que eram grandes e que já estavam feitas não significam nada. A ordem de grandeza inverteu-se, completamente. E mudar é bom. Resistir à mudança é que é mau, é o desgas-

te total. Mas mudar é bom. Provoca receio. O desconhecido, o passo no vazio, é sempre difícil. Mas agora não há outra forma. Estamos a ser encostados, totalmente, à parede.

**É altura de tentarmos começar a subir degraus, um a um, para sairmos deste esmagamento.** Sim e sem pânico. Pânico é a última coisa que pode acontecer agora. *EDITE ESTEVES*



## ◀◀ REWIND

● "Eu tive a minha primeira guitarra aos 5 anos. Não pedi nada, mas o meu tio deu-me uma guitarra a sério no dia dos meus anos... Foi a melhor prenda que me deram na vida! Entusiasmei-me de tal forma - eu não sabia tocar, naturalmente - que não parava de passar o polegar nas cordas, ao ponto de ficar com uma bolha no dedo."

● "Também gosto de ópera. Quando era miúda, ia sorratamente até à sala, para ver na TV óperas e bailados, só que aquilo não dava a horas decentes para uma criança, então eu ficava mesmo junto à televisão para poder ouvir sem levantar muito o som. Era uma loucura. Estava na idade de gostar de desenhos animados e via-os, mas depois via óperas e bailados e também via os documentários de Jean-Michel Cousteau..."

● "Comecei por cantar fado. Com 12 anos de idade, comecei a cantar Amália [foi a vencedora, em 1988, da Grande Noite do Fado, no Coliseu dos Recreios de Lisboa]. Adoro fado! Mas quis descobrir o que é que eu era como autora. E naquele momento da minha vida, como autora, apercebi-me que não tinha linguagem para compor fado. Não era o momento, não era a altura."

● Comecei, então, por compor e só depois é que descobri a maravilha da escrita, da parte verbal das canções. Foi um processo de autoconhecimento. No meio de tanta linguagem a que eu tinha tido acesso na altura, descobrir a minha foi uma viagem muito mais difícil. Há pessoas que passam a vida inteira a tentar ouvir toda a música que existe no mundo. Descobrir a nossa é uma viagem igualmente grande. É um trabalho diário. E essa é a minha conquista."

## ▶▶ FORWARD

● "Tenho um projecto. Vou fazer uma coisa que nunca fiz, que foi escrever um livro. Ainda nem sei se vou por aí, porque tenho muito respeito pelos livros para estar a pensar, para já, nisso. Tinha pensado falar com a Alice Vieira..."

● "Será um livro infanto-juvenil sobre a temática que nos preocupa a todos neste momento: explicar o que é ser autor. Mas não vão fazer sem mim... Gostava de fazer isso com alguém que desse garantias que ficasse como deve ser. E gostava muito que, através de um texto, de uma história que estivesse num manual - podia ser dita num dia, não é preciso andar a falar e a fazer testes durante muito tempo - fosse feita numa forma inspiradora. Um texto ou um livro que explicasse muito claramente: afinal, o que é este acto de amor de transmitir qualquer coisa?"

● "Também poderá ser através de uma peça de teatro. Gosto tanto! O que as crianças aprendem com as peças de teatro! Imenso! Por exemplo, isso é uma coisa que vai fazer com que os miúdos corram para o auditório da escola. Mas eu já faço tanta coisa, não quero meter-me em mais uma... No entanto, eu tenho o mote."



ANTOLOGIA DE HOMENAGEM A ALBANO MARTINS LANÇADA NA SPA

## A ENERGIA LUMINOSA DE UM DESFILE POÉTICO

AQUILO QUE SERIA, em moldes tradicionais, a apresentação de uma antologia de homenagem a um autor, no caso o poeta Albano Martins, também ensaísta, tradutor e professor, intitulada “100 Poemas para Albano Martins”, transformou-se pela aura das próprias palavras – as suas e as dos muitos amigos presentes na sessão que decorreu na SPA, no passado dia 27 de Abril – num desfile poético carregado de “energia luminosa”, expressão que dominou todas as intervenções. E foram muitas. Um autêntico recital de poesia inédita, feita para assinalar a obra de Albano Martins. Poesia dita pela voz de alguns dos cem poetas que participaram nesta obra histórica, para a qual foram convidados autores de Portugal, Espanha e Brasil, e que não quiseram faltar à homenagem ao seu mestre.

“Energia luminosa” foi, inclusive, a que projectou o próprio homenageado, homem da Beira Baixa, de discurso límpido e incisivo, que perfaz 62 anos de vida literária e quase 82 de vida. Sem o dizer

explicitamente, como é seu estilo, Albano Martins, o mestre na arte do oxímoro e do paradoxo, insinuou por contraposição a Jorge de Sena, que aquela homenagem era a prova de que a conhecida afirmação deste poeta de que “Portugal é um país necrófilo” não tinha aplicação naquela sala e naquele contexto, visto que “a amizade e a generosidade existem e estão actuantes”. “Agradeço a todos os poetas que quiseram juntar-se a esta ‘mesa de amigos’ - um termo que roubei ao poeta açoriano já falecido Pedro da Silveira -, que é, verdadeiramente, o que este projecto significa”, concluiu na sua breve e mui intencional intervenção, pontuada aqui e ali por afiadas agulhas de ironia.

### OS POEMAS QUE O POETA PLANTOU NOUTROS POETAS

“Esplêndida”, o mesmo é dizer “brilhante, luminosa”, foi também como o poeta classificou a apresentação da obra, produzida por António Carlos Cortez,

de cujas palavras o homenageado disse ser leitor assíduo, quinzenalmente, no JL, e que a SPA distinguiu com o Prémio Autor 2011 para o Melhor Livro de Poesia, com a obra “Depois de Dezembro”. O extenso e analítico texto, de cariz académico, que reproduzimos de seguida na íntegra, dado o seu alto teor de conteúdos e a sua qualidade estilística e linguística, que titulou de “Albano Martins: Uma Poesia do Desejo Vertical”, parafraseando o mexicano Octavio Paz, Nobel da Literatura de 1990, reproduz, exactamente, em epígrafe uma definição da autoria de António Ramos Rosa, que lhe dá mote: “O poeta é um homem de cristalizações mágicas.” Ou seja, como sublinhou logo de início, “é lapidar e incisivo, como a poesia de Albano Martins”, que aqui se revelou “através dos poemas que o poeta plantou noutros poetas”, conforme acentuou Maria do Sameiro Barroso, “a mãe e impulsionadora deste projecto”, autora da nota de abertura da antologia e ainda de um poema.



# ALBANO MARTINS: UMA POESIA DO DESEJO VERTICAL

Por António Carlos Cortez, 25 de Abril de 2012

«O poeta é um homem  
de cristalizações mágicas»

António Ramos Rosa

**1** Falar sobre poesia é sempre tactear um discurso do impossível. Falar sobre poesia é sempre tentar chegar à compreensão dum incomunicável, pois a poesia, em si mesma, é também um impossível. Trata-se de falar sobre o incomportável da vida e o sonho do impossível que a própria existência traz consigo. Poeticamente, essa aproximação da crítica e do ensaísmo à poesia, ou a aproximação da poesia à filosofia, talvez corresponda ao seguinte: que toda a poesia, no tempo do niilismo, do relativismo cultural e da perda da aura, procura, aqui e ali, fazer regressar ao centro das preocupações estéticas uma ética da palavra. Uma verdade ática. Um dizer puro.

Afirmar-se-ia, assim, um debate que não é meramente simbólico, entre política e poética. Ou, se aceitarmos o salto, entre aquilo que é a ideologia do consumo «que tende a definir como valor absoluto o dinheiro, equivalente geral ou medida de todas as coisas», como observa Silvina Rodrigues Lopes em *Anomalia Poética* e essa outra ordem, hoje esquecida, e que para Camus corresponde à ordem da Alta Cultura - a ordem que, pela mão da poesia, se torna uma moral insubmissa e uma acção fiel em nome do humanismo. A Alta Cultura segundo Camus:

*«a única força capaz de iluminar o caminho de uma revolução verdadeiramente realista, mantendo a beleza, preparando o dia do renascimento em que a civilização colocará no centro das suas preocupações, longe dos princípios formais e dos valores aviltados da história, essa virtude viva que constrói a dignidade comum do mundo e do homem»*

Se quisermos é a força da linguagem poética, da imaginação desejante. A força do «desejo vertical», de que fala Albano Martins.

**2** Escrevemos hoje contra a ideologia do mal. Escrevemos hoje contra tudo o que, ao abrigo do consumismo larvar e estupidificante, tem como consequência, na esfera da cultura e do livro, dos bens imateriais da humanidade (da pintura ao teatro, da música à poesia), o empobrecimento dos leitores. A publicação de poesia é ainda um dos mais urgentes sinais de combate. Um combate contra aqueles



que pretendem ver-nos transformados em meros consumidores acrílicos daquilo que é uma cultura de grau zero, a qual despreza o livro, a poesia, as artes plásticas, a música (a música de facto, não o ruído da monstruosa electrónica) e toda a forma de interrogação. É de luta, de combate e de empenhamento que se trata quando falamos da mais pobre das artes, dos apátridas do mundo, os poetas.

Entre essa ideologia do consumo, tecnocrática e economicista e os vestígios de uma arte menor, de uma arte da palavra que não é palavra prática, mas língua nova que faz estremecer a fala, como quer Deleuze, a poesia transforma-se em acção dinâmica das imagens mentais que são transferidas, como linguagem, para o objecto estético, o texto poético.

Trata-se de manter vivo um homem, hoje decapitado, mas que procura, pela cidadania e pelo conhecimento, resgatar-se à cegueira destes tempos de indigência. E por isso se justifica, ao fim e ao cabo, homenagear um poeta como Albano Martins e durante algum tempo falarmos, aqui no Auditório da Sociedade Portuguesa de Autores, do que verdadeiramente importa: da urgência da linguagem com sentido contra o esvaziamento cultural e o avanço tecno-fascista em curso um pouco por toda a Europa.

Que nos sirva de pretexto a homenagem a um poeta,

A antologia “100 Poemas para Albano Martins”, que assinala a passagem do 80.º aniversário do poeta e tradutor Albano Martins, tem a chancela da Labirinto, coordenação de Maria do Sameiro Barroso e prefácio de Eduardo Lourenço – um límpido e depurado texto, quase tão minimalista como a poesia de Albano Martins e entrando na sua essência, como o homenageado gosta de fazer -, para além de capa da autoria do artista plástico Emerenciano.

A sessão foi apresentada pelo presidente da SPA, José Jorge Letria, também ele um dos poetas inscritos na lista da antologia de homenagem a este “mestre da síntese e da palavra depurada”, como o classificou Maria Augusta Silva, outra das convidadas e que colaborou estreitamente com Maria do Sameiro Barroso na organização da obra. A leitura de poemas pelos próprios poetas foi a forma encontrada com que desejaram “dar o seu abraço de apreço e carinho por alguém que, apesar da sua forma discreta de estar na vida, tem sido premiado, nacional e internacionalmente, pela grandeza da sua criatividade”. Em 2007, nomeadamente, foi agraciado pelo Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. *EDITE ESTEVES*



que é, no fundo, a homenagem que se deve fazer ao humanismo e ao projecto nascido na Europa, com a Grécia - o projecto do homem livre de tudo quanto o amarra a uma existência vil, enganado que está por essas «luzes impuras» da sociedade global, como lembra Eugénio de Andrade.

**3** Na tradição poética em que se inscreve – a que deriva das conquistas de linguagem ocorridas ao longo dos anos 50 (o primeiro livro de Albano Martins, *Secura Verde*, é nesse ano publicado) – aproximemo-nos da poesia do autor por onde é mais difícil: pela arte do paradoxo, do oxímoro. Foi pela perseguição verbal tendente a uma sageza que é sinónimo de silêncio, depuração, brevidade e rigor que esta poesia, a de Albano Martins, seguiu.

Em 1950, quando as primeiras vanguardas são, de certo modo, objecto de revisitação e o «presencismo» tem já dez anos de antiguidade, acabada a aventura do segundo modernismo da «presença» (1927-1940), a poesia portuguesa redescobre o valor da linguagem poética na própria importância que os autores conferem ao engendramento do texto e à libertação da imaginação. A afirmação de uma metamorfose, a passagem da semântica à sintaxe no fazer da poesia, entre finais do século XIX e as vanguardas (de Baudelaire a Mallarmé) torna relativamente clara a sensação não apenas da crise da representação em arte – como dizer a realidade segundo uma nova forma ou estrutura? – mas torna evidente uma mais funda crise: a do próprio Homem moderno e contemporâneo. Em Portugal, essa crise tem razões histórico-culturais conhecidas por todos, as quais não devem ser esquecidas.

O fascismo, vírus mutante e que volta sempre pela mão da economia voraz e devoradora, pela mão da ignorância feita vaidade e pela massificação da democracia deturpada que assassina a cultura e torna tirânico o poder do «homem-massa», de que fala Nietzsche; o fascismo, dizíamos, teve resposta à altura no âmbito da realização estética. Voltar a um «país perdido», como quis Pessanha, significou instaurar como real absoluto o único país possível (Ruy Belo) o da poesia como espaço de liberdade. Ontem, como hoje. Há derivações, é certo. O surrealismo em todos

influiu. A metáfora e a imagem, bem como a lógica poética, tão valorizadas em Cesariny ou O'Neill, são retemperadas ao longo dos anos de 1950, por via de poetas como António Ramos Rosa, João Rui de Sousa ou Herberto Helder.

Activa-se, por essa época (os anos 50) uma imagética centrada, parece-nos, em três grandes coordenadas ou preocupações estéticas (e éticas): qual o sentido da linguagem poética no mundo do pós-Guerra (todos se lembram do vaticínio de Adorno ou o que, muito antes dele, afirmou Hölderlin sobre a poesia nos tempos de indigência)? Quais os caminhos a percorrer após a descoberta da «galáxia Pessoa» (as suas obras completas tinham começado a publicar-se em 1942, na Ática, de Montalvor) e, terceira coordenada, que resposta dar, na poesia, com vista à superação das influências da «presença» e as que derivavam do neo-realismo? A libertação mesma da palavra de poesia, eis o projecto que, em maior ou menor grau, irá gradualmente dar lugar, nos anos sessenta, a poéticas ao serviço não de programas predeterminados, mas de uma simples e única vontade – a de que a obra literária seja surpresa e originalidade, radical na sua proposta de humanização. É, pois, o tempo de «Árvore» (1950-1953), por um lado, e é o tempo dos «Cadernos de Poesia» (publicados por séries entre 1940 e 1951), por outro. Numa linha mais classicizante, é o tempo da «Távola Redonda» (1951-1955). A todos, porém, une uma mesma vontade: a de que a poesia fosse só uma; a de que fosse um «diálogo com o universo». Vontade, enfim, de que à volta da mesma tábua da poesia todos os poetas se reunissem, guiados por um princípio geral: a poesia é «liberdade livre», lembrando Rimbaud.

Com efeito, Albano Martins, logo no primeiro livro, dará conta da singularidade do seu trabalho poético, apresentando uma força de linguagem que, longe da torrencialidade discursiva do surrealismo; longe do lirismo mais consabido dos poetas da «Távola Redonda» e distante do influxo da poética do testemunho ou da fenomenologia da arte, tais quais um Jorge de Sena tinha, entretanto, vindo a edificar na teoria e na produção literária – e com ecos evidentes nas obras de Sophia de Mello Breyner, por exemplo, ou na de Helder Macedo, ou mais tarde em Echevarría – pretendia inquirir a arte da palavra e o seu sentido. A brevidade de muitos dos seus poemas, a arte do aforismo, ou melhor, urgência de um dizer o máximo com o mínimo de recursos, são correlativos àquela mesma noção de poesia como «participação do poeta com o real», participação do «eu» nas coisas. Estamos, assim, perante poesia concreta, do concreto, saída da vida imediata, da observação dos factos, os mais humildes, os mais plenos: «Os muros. Todos / os muros. Um / só muro. E toda / a sede. E todo / o sal / do mar / no peito.» (p.138).

Logo em *Secura Verde* (1950), o autor anunciava já, não só essa capacidade oximórica da palavra e da linguagem criativa da poesia, mas também a necessidade – para além da capacidade que podia ou não levar-se a cabo num poema - de combater a pobreza da realidade humana. Aquilo que, julgo, Albano Martins não esqueceu jamais, e que reiteradas vezes os poetas nesta antologia lembram, é, precisamente, a emergência do

oxímoro, da antítese, do paradoxo e da contradição, formas tropológicas do discurso que não podem ser reduzidas a simples figuras de retórica. Essas figuras, em particular a do oxímoro, propendem à significação da própria obra literária.

Como refere Vítor Manuel de Aguiar e Silva, no prefácio a *As Escarpas do Dia* (2010), volume onde Albano Martins reúne 60 anos de vida literária, o oxímoro (e a rede semântica das figuras da contradição e do paradoxo), inscreve-se na «recusa do monocromático», que o mesmo é dizer, inscreve-se na recusa da superficialidade e do mimetismo, do igualitário e da banalidade em poesia. E se assim é:

*«O valor e a beleza do poema avaliam-se pela organicidade e pela harmonia semântico-formais alcançadas a partir dos elementos sensitivos e conflituais, tal como a qualidade da exegese [interpretação] do poema se avalia correlativamente pela capacidade e pela relevância de harmonizar*



*organicamente numa síntese de nível superior as tensões, os paradoxos e as ironias do texto.»* (Aguiar e Silva, 9: 2010) Portanto, o oxímoro é o «étimo macro-estrutural da ontologia e da dinâmica de toda a poesia», como quis Maurice Blanchot. Teremos de ver na poética do autor de *As Vogais Aliterantes* (1981-1985) uma das que melhor souberam, no novecentismo, traduzir a própria condição da obra literária como espelho dum mundo conflituante, ora perdido, ora reencontrado. Albano Martins será, bem vistas as coisas, o poeta «para quem a nomeação é um acto de criação vital e de presentificação de uma realidade física que é, na sua essência e na sua forma estética, a própria realização do desejo e a inominável presença do silêncio», como sentenciou António Ramos Rosa em *Incisões Oblíquas*. Mas o que significa essa realização do desejo e essa inominável presença do silêncio? Antes de mais, significa que se compreende o poema como aquele espaço de liberdade livre a que nos referimos; espaço onde o sujeito dos textos – umas vezes identificado com o autor empírico e outras vezes máscara ou projecção desse autor – dá a ver os modos como a linguagem poética é espelho do mundo – de um mundo tendente ao silêncio, por oposição ao ruidoso e espectacular mundo-máquina.

Poesia, reflexo do mundo por meio de uma «linguagem deslizante», espelhando um mundo sem segurança; denotando o ocaso da realidade plural e desconcertada, fria e mecânica. Só o poema, como exercício de linguagem insólito e desafiador pode, de algum modo,

dar sentido e forma originais, diz-se neste poeta, e dizendo a poesia breve e lapidar de Albano torna-se incisão, gravação, mural/moral, ático exercício do poema, ético labor que condena e é repúdio e repulsa pelas estéticas da arte pela arte.

Recusando, pois, o literal, o monocromatismo de que fala Aguiar e Silva, é em Albano Martins que labor poético se transforma, também, em «ostinato rigores»: as suas cristalizações do real são os textos entendidos como, se me é permitida a imagem, palácios cristalinos, onde nenhuma palavra significa excesso ou banalização do próprio poético. Destruir o mundo do mal, construir, dentro do poema, as pontes para um mundo essencial e elemental.

Ao lermos esta antologia muitos são os poetas que insistem no carácter sagrado da poesia de Albano Martins. Não admira. É o próprio Albano Martins quem, a respeito de uma pintura de Klimt – O Beijo – escreve sobre essa palavra escolhida – o beijo – revelada nas tintas e nos pincéis que não nomeiam, apenas tornam pressentível a «ordem da desordem» que, tal como na pintura ocorre, ocorre também na poesia – a ordem da desordem no próprio acto de dar nome às coisas, sabendo que dar nome é e não é suficiente para acolher a essencialidade dos seres, dos objectos, dos sentimentos... Assim o poema, como ensina Pessoa, provocará no leitor a «dor» jamais sentida por ele, mas que, por transferência, se figura em dor que «deveras sente» quem, lendo (ou ouvindo música ou vendo um quadro), vive uma emoção nova derivada do texto lido.

**4** Nesta antologia não são raros os poetas que dão conta dessa ordem na desordem que é a própria «queda na poesia», ou é a poesia como queda, como infinito cair na paradoxal (in)certeza da realidade da linguagem, a qual a cada poema se ordena e estabelece como único real absoluto. Tal como não se pode dizer a essencialidade do quadro de Klimt nem do beijo entre amantes que esse quadro reproduz, ficamos pelas palavras. E assim ressentimos o que autor/pintor jamais terá sentido. Assim, fotografar quem seja Albano Martins (já que se trata de homenagear o homem, o autor empírico), não é mais que dar, nos textos, conta de um nome, de uma figura: nome próprio e apelido, mas que aqui é convocado e evocado, e é também lembrança – por metonímia – da própria poesia, da pintura (tema recorrente no autor de Escrito a Vermelho), da natureza, das coisas simples que ordenam a desordem humana.

José Manuel Vasconcelos, por exemplo, no poema «A Queda na Poesia», não se limita a trazer a lição de Luiza Neto Jorge. Nem talvez seja isso o que mais o anima. A queda é, literalmente, a queda de um «velhote» que, por ter caído, e sem que ninguém o ajude a levantar-se, irá «recitar poemas na voz possível atenta a posição/do seu corpo enrodilhado» e recita Dickinson, Robert Frost, William Carlos Williams. Por recitar poesia sabe, então, que não morrerá ainda. Figura e mais que figura, a palavra de poesia assume, noutros autores que convocam Albano Martins, outra significação. Em José Jorge Letria a sinestesia, mas também o oxímoro, conferem a necessária aliança entre sujeito/poeta e o

leitor desse poeta que, tal como a figura sobre quem fala, lembra que «O poeta está sentado à beira do que escreve / e tudo quanto diz corre para diante, / para o futuro, para depois de amanhã, / que é o lugar somente imaginado / onde se juntam as palavras que nomeiam / o mistério da poesia e apontam a rota / para o que ainda nos falta escrever» (p.78).

Para outros autores aqui compilados, a poesia terá, de resto, outra propensão: por vezes o texto dedicado a Albano Martins é uma lição de vida, uma convocação a uma aprendizagem, como o poema de Liberto Cruz: «1. Há quem da vida / fuja / como se da morte fosse / 2. Quem do corpo se desfaz / julga nada ter sentido / ou é por ser incapaz / de seguir o pretendido?» (p.82) ou evocação dum passado feliz, como se vê no poema de Luís Amaro. Alguns são mais celebratórios de certos tópicos da poética do autor de As Escarpas do Dia, como se pode ler nos textos de Maria Augusta Silva, Nuno Costa Santos, Miguel Serras Pereira ou Maria Teresa Dias Furtado.

Nesta última autora, em cujo poema se recuperam semas repetidas vezes presentes em Albano – «Aloendro», «Buganvília», «Hidrângea» - as palavras que «florescem na página» e transportam consigo a «intacta intimidade» de que também a poesia de Albano Martins parece fazer-se, são palavras térreas com as quais se procura trazer o Homem ao contacto com a radicalidade da natureza. Já em Manuel Alegre (que a pretexto do poeta homenageado acaba por fazer um poema sobre a poesia e também sobre o seu mistério original, similar à morte a que se regressa sempre, ou ao caos: «Quem sabe o que na página se esconde / e se dentro do branco está um muro / e se depois do muro não há onde / e se depois do branco é tudo escuro?»), o poema será a assunção do mistério da condição humana: tanto mais poética quanto humana, e vice-versa. Nos poemas de Manuel da Silva Terra, onde está presente a mesma «imagerie» que reconhecemos em Albano Martins, ou ainda nos poemas de Jorge Reis-Sá, repercutindo o conhecido poema de Auden (versão do poeta português, na verdade) ou ainda na poesia de Joaquim Cardoso Dias, dir-se-ia que a mesma ideia do poético como linguagem de combate em nome de uma simplicidade ou de uma humanidade hoje posta em perigo é o denominador comum de vozes tão distintas. Perspasa nos textos destes cem poetas (!) o fundo ora deceptivo, ora feliz com que os dias se vivem. Da acutilância poética de



muitos destes autores se dá conta. Ora em poemas longos ou curtos, em verso branco ou em rimas de extrema engenharia, estes poetas vão dizendo da necessidade da vida na poesia de todos os dias e da poesia na vida de todos os dias.

Inês Lourenço, não por acaso, fala – dirigindo-se ao poeta em homenagem – dum «ritmo das veias / [que tange] o culto murmúrio / das raízes» (p.67). Ora, o que acontece é que o acto de tanger - pelo ritmo das veias – o oculto murmúrio das raízes, é feito pelo poeta, é órfico ofício de quem conhece «a epiderme / das palavras que amadurecem». A poesia, logo, se ensina a cair, se é queda, é queda na página, sendo a página o solo onde, lançadas as palavras, frutifica um real total. Esta é uma ideia forte ao longo de toda a antologia. Mas diremos ainda um pouco mais.

A poesia de Albano Martins, sendo terra onde frutificaram poemas de outros poetas (lançamos para a sua terra, para o seu terreno agrícola, estas palavras de homenagem), é também fecundada por outras terras – outras matérias que inspiraram o autor de Como as Algas (2000) a ser poeta-húmus. Esta é, intrinsecamente, uma poesia radical, no sentido em que procura ir à raiz de uma perda ontológica. E eis o que também não oferece dúvidas. Húmus, raiz, natureza naturada e natureza naturante. Poder-se-ia dizer que toda a poesia, procurando dar expressão ao sujeito angustiado que é o poeta, é sempre, de alguma maneira, regresso a uma radicalidade. Mas vê bem Eduardo Lourenço, no prefácio a esta antologia, ao referir a diferença marcante entre obras que linearmente são telúricas e esta obra que dilui a mensagem de um telurismo simples. Poética onde muitas vezes à terra firme do texto, subvém o «canto do efémero» e essa trágica condição do efémero é o que a distancia, por exemplo, de uma voz de compromisso que faria Albano Martins aproximar-se dum Torga ou mesmo de uma Sophia.

Esta é, bem vistas as coisas, uma poesia onde se vê uma modéstia que se relaciona com a vidência de um mistério «claro das mais comuns experiências humanas». Podendo ser – como é – um discurso sobre o real na sua banalidade mais rasa, Albano labora, agudamente, uma poesia do imponderável, uma «poesia da essência trágica» justamente porque o poema dá voz ao silêncio, não é a voz torquianamente forte ou a voz senianamente trovejante. Por sê-lo, esta é uma obra que está nos antípodas do que muita da



poesia portuguesa hoje persegue, mesmo quando se diz marginal e atenta ao banal quotidiano.

Ora bem, os poetas que escrevem sobre Albano Martins não esquecem esse fundo trágico. Essa humilidade. A par da sagesa e da simplicidade que esta linguagem patenteia, há uma atenção relativamente ao que, por ser efêmero, é trágico e que por ser trágico é, no fim de contas, humano e heróico. Voltaríamos, sem esforço, à poesia como arte do oxímoro...

**5** Num tempo, como o nosso, em que a própria poesia segue o engrajadismo e a superficialidade, esconjurando o real pelo lado mais fácil da comunicação – que é sempre um lado desprovido da dificuldade criativa da poesia oximórica, metafórica e a paradoxal – muitos dos poetas aqui reunidos falam da essencialidade em Albano Martins (Agridina Costa Marques: «Deslizam como pérolas / teus versos [...] / Tu privilegas a essencialidade»); não esquecem, como Alexandre Bonafim, Alfredo Péres Alencart, Álvaro Cardoso Gomes, Amadeu Baptista ou Ana Hatherly o «coração dos relâmpagos», ou melhor, os versos «no coração do fascínio» quando o poema «rasga as origens do mundo». Poetas que enaltecem na arte poética de Albano Martins essa existência solar (o «sol amante»), ou aquela atenção à composição textual: «E assim compõe o desgarrado rumo / dos seus versos: clâmide, esterno, punho».

A poesia aqui reunida, por outro lado, atinge um nível de significação que rompe com a mais imediata função de antologias de homenagem. Não sei se é um mero panegírico. É certo que muitos poemas são dedicados a Albano Martins. Os destinatários fazem a devida vénia ao destinatário. Mas o que sucede é muitos destes textos pensarem qual o lugar do poético no exacto momento em que ele é feito e qual o lugar reservado à tradição desse poético num tempo absolutamente rendido à banalidade do mal, à superficialidade dos dias. Hélia Correia, num soneto que leremos na íntegra, vem lembrar-nos da importância dos clássicos e, assim lembrando, coloca já na historicidade literária a obra de Albano Martins:

*Eles vivem entre nós por compaixão,  
Talvez quem sabe até por crueldade.  
Parecendo pertencer à multidão  
Guardam dentro do rosto outra verdade.*

*Pois, mais se encontram sós, a claridade  
De um outro sol divino, um sol pagão,  
Com a voz musical da antiga idade  
É que ilumina e move a mão.*

*Irmãos de Apolo, amantes de Afrodite,  
Os que herdaram de Orfeu a lira e o gene  
Poetas como tu, esses para quem*

*O céu do Olimpo é casa e não limite.  
Foram beber às águas de Hipocrene  
Como a criança vai beber à mãe.*

Se a linguagem poética, para o ser, implica uma espécie de obediência ao «obstinado rigor» do poema, como

dissemos acima, nem por isso se exime a ser, simultaneamente, um modo outro de lutar contra o império da morte, contra tudo quanto bloqueia e corrompe a natureza e o Homem. Daí que a fonte sagrada, a que vem da Grécia homérica, seja outra forma ainda de dizer da luta extrema entre Eros e Thanatos. A palavra de Poesia combate a palavra prática, como viu Ruy Belo. Luta do obtuso contra o óbvio, do metafórico e do mágico contra o literal e o que está sem magia. Disso tem também falado a poesia de Albano Martins. Disso nos falam alguns poemas de índole mais erotizante, mas de um erotismo da palavra, lembrando a justeza de uma das mais acertadas definições de poesia, a que deu Octavio Paz: «la poesia és una erótica verbal». Mesmo se, como lemos em Eugénio Lisboa, há uma paráfrase camoniana, exacerbando no poema a recordação de Moçambique; mesmo se, como no poema em prosa de Fernando Castro Branco, é sobre o princípio da incerteza que rege a poesia que se escreve; mesmo se, como no poema de Fernando Guimarães, é ainda e novamente a palavra de poesia que polariza a atenção verbal.

Trata-se, enfim, sempre de cantar a «ars erotica» contra a morte deste tempo em que às vezes só uma poesia em queda no real pode dar à escrita o sentido grego: poiesis: arte de fazer um real novo pela palavra. Quando não havia um excesso de técnica na vida dos homens viveu-se a nike grega... Heidegger falou, em 1927, do fim da língua de tradição e do perigo da supremacia da língua técnica.

«Jogo de precipícios», como fixa Fernando Esteves Pinto ou transporte no tempo, balanço existencial, como em Ernesto Rodrigues ou «sabedoria» do corpo, como em Estela Guedes, símbolo da utopia (a ilha, em



Domingo Failde) processo alquímico, como em Dolors Albeloa, o fazer da poesia é reiteradamente cerimónia, percurso de aprendizagem, humanização, solidariedade. Casimiro de Brito, cultor do haicai, oferece a lembrança de leituras, com Albano Martins, daquela forma poética oriental e sintetiza: «Escutando a terra / escrevendo poesia / - lembro o futuro» (p.45) e Carlos Filipe Moisés, desmembra o haicai, faz a sua apostasia, e polifonicamente coloca no seu poema duas ou mais vozes escalpelizando as nervuras do real tropicalista. Talvez não seja descabido, a pretexto de uma antologia de homenagem ao autor de As Vogais Aliterantes (1981-1985) recuperar um dos poemas em que de modo



mais explícito esta poesia se mostra como trabalho sobre o implícito, sobre o obtuso. Curiosamente, é pelo lado do obtuso que o poeta põe à mostra o grau de corrupção a que a civilização chegou e contra a qual a poesia vem a ser um combate pelo regresso da pureza, regresso ao sentido.

*Regresso com os diques, a limalha  
de Setembro, o bolor  
dos líquenes. Na carroça  
imóvel das colinas, no dorso  
insone dos cavalos  
decapitados*

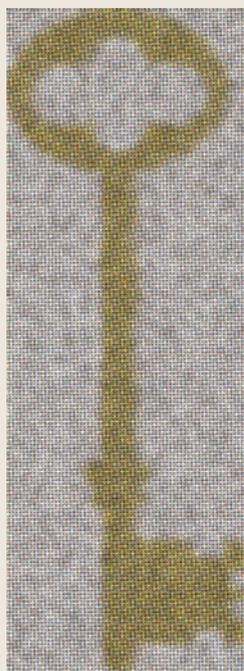
Podia, por outro lado, seleccionar ainda um breve poema de Escrito a Vermelho, colectânea de (1999) para demonstrar o modo como, para além da extrema candura da sua dicção poética, a palavra é, também, denúncia, aviso, afirmação da vida humana.

Muito se poderia dizer desta antologia em tempos de indigência. Mas vai longo o texto e a realidade lá fora chama-nos. Não pode ser lida como simples homenagem esta reunião de poetas. Claro que há a vontade da assinatura. Vivemos tempos em que não é a morte do autor, mas sim o excesso de autoria que tantas vezes anima a publicação de livros. Os jornalistas à cabeça, como sabemos. Mas para além do que possa haver dessa vontade gráfica de nos juntarmos a Albano Martins num mesmo livro, que será prenda, oferta, dedicatória, lembrança, creio que anima esta antologia o princípio vital da memória. Não esquecer o lugar da poesia na educação, no projecto humanista dum país onde ecoam os versos «eu vi a luz em um país perdido».

É certo que, ao contrário de Pessanha, a diluição da assinatura não faz parte do fito desta reunião de poetas. Porque, em última análise, uma antologia é uma celebração. Celebramos a poesia e a vida de poeta de Albano Martins. Mas celebramo-nos, nós, poetas, enquanto pessoas que querem acreditar que esperar pelo poema é não desistir de esperar pela humanidade. Acreditar que ela, a humanidade, vem e existe. Não podem ser só os bárbaros a desembarcar neste país, neste continente à deriva.

O ruído do mundo, a morte da cultura pede a acção dos poetas e dos artistas. E esta antologia é mais uma pedra - mais um sinal de que nós todos temos de regressar a essa «voz acesa» a essa «vibração húmida da palavra ardida», de que fala Rita Taborda Duarte. Regressar à ética da palavra dada, da acção justa e do pensamento claro. Rejeitar as cinzas próprias do corpo, como escreveu António Osório. Amar, do corpo, a sua máxima e bela existência. E isso é ainda o «corpoema» (a poesia como corpo a corpo, a cidade como corpo de poesia) de que um dia falou, com urgência, Herberto Hélder. Ou esse pacto com o real, o dia «inteiro e limpo» de Sophia.

# A chave dourada



QUANDO JOSÉ MARIA GANSO recebeu, como inesperada herança de seu tio Emanuel, aquele belíssimo casarão apalaçado, orgulho da zona de Carnide, levou os fins de tarde, quando voltava da sua repartição de finanças, farto de algarismos e de atender parolos, a sacudir o pó da sua nova habitação, às vezes a espreitar velharias. Assim encontrou por acaso a linda chave dourada que logo o intrigou.

Havia um cofre e José Maria até lhe conhecia já o segredo, mas a chave não entrava nele. Nem em móvel algum do aposento.

Começou a sonhar com a chave que, por alguma razão misteriosa, lhe lembrava o castelo de A Bela e o Monstro. Nada. Até que um dia, sem mais nem porquê, a sua chave dourada abriu uma porta cuja existência ele ignorava, oculta por outra porta falsa, sob um pesado reposteiro de ramagens vermelhas e cor de fogo.

Abriu assim caminho proibido e deparou-se-lhe um lóbrego corredor, húmido e mal cheiroso, por onde até hesitou em avançar.

Mas a curiosidade foi mais forte e José Maria, espreitando atentamente o traiçoeiro solo que pisava, lá foi andando, com a pouca luz que descia de alguns buracos da parede rochosa.

E o milagre aconteceu.

Pouco avante José Maria desembocou numa clareira onde — teve de esfregar os olhos para crer no que via — dançavam, muito unidas, mulheres-rosas, com pétalas de variadas cores, belíssimas, sensuais. Irreais. Tocou-as, duvidando ainda do que estava à sua frente. Sorriram-lhe. Era uma visão de absoluto onírico.

Havia ali uma espécie de clarabóia esburacada, por onde surgiam estrelas caindo de um céu afogueado, que pareciam capazes de incendiar a caverna onde as jovens ondulavam ao ritmo de uma música que ele totalmente desconhecia.

De repente foi arrastado para a dança das mulheres-rosas, todas elas jovens e impúdicas. Um sabá de loucas deliciosas? Uma amostra de que paraíso?

Em torno delas as plantas que José Maria só agora vislumbrava cresciam a um ritmo alucinante.

Outras ervas, as do céu, estavam a ficar amarelas, como numa paisagem de Van Gogh a enlouquecer.

— Beija-me — disse ternamente uma das raparigas, puxando-o para si. Foi um beijo deleitoso, mas por fim quase asfixiante.

Em que formigueiro de sonhos cáí, Santo Deus.

Despertou então completamente José Maria Ganso do seu quase delírio. Estava caído no chão, junto à porta falsa do seu novo tecto.

Que pena! Se eu pudesse lá voltar...

*Urbano Tavares Rodrigues*

## A PROBLEMÁTICA DO DIREITO DE AUTOR

### ACÇÃO DE FORMAÇÃO DE QUADROS DA PSP REALIZADA PELA PRIMEIRA VEZ NA SPA

No âmbito do plano de formação das forças policiais e das magistraturas para a problemática do direito de autor, realizou-se, no passado dia 29 de Março, no Auditório Frederico de Freitas da SPA, uma sessão em que participaram vinte elementos do Comando Metropolitano de Lisboa da PSP. Nessa sessão foram apresentados os conceitos básicos e as normas operativas do direito de autor, tendo sido prestada também uma informação detalhada sobre a história e a função da SPA. Merece destaque o facto de ter sido a primeira vez, no quadro de um plano de formação e esclarecimento em curso há alguns anos, que uma sessão desta natureza tenha decorrido na sede da SPA.

"São eles que intervêm, que promovem a acção da lei contra os prevaricadores e junto dos quais é preciso criar uma nova mentalidade, portanto, esta acção do Comando Metropolitano de Lisboa aqui nas nossas instalações foi muito importante, porque trouxe duas dezenas de elementos muito ligados ao trabalho no terreno", comentou à Autores o presidente da SPA, adiantando que "há hoje uma outra sensibilidade, uma outra atitude em relação a nós que achamos que é altamente positiva". Por outro lado, a vinda para uma acção de formação na SPA representa, em seu entender, "um outro olhar sobre esta casa, mais colaborante, pois nós não somos vistos como uma força que está no terreno e que pode ter interesses conflituantes com os interesses da indústria".

Em relação a este novo olhar sobre a SPA, muito contribuiu, nas palavras de José Jorge Letria, "aquilo que tem sido nos últimos anos a atitude do Procurador-Geral da República que, desde o início, apoiou esta intenção da SPA de ter uma acção sensibilizadora das instâncias que decidem e intervêm nesta matéria e que abriu também as portas para que sejam feitas acções de formação com os magistrados do Ministério Público".

O presidente da SPA diz recordar-se sempre de uma coisa que ele disse e que está no cerne da questão: "é preciso haver uma grande acção de formação e de esclarecimento, porque uma boa parte dos magistrados e todos os agentes da autoridade que intervêm nestes assuntos formaram-se, estudado em fotocópias ilegais". "Por isso — salientou — é muito difícil conseguir que um jovem magistrado ou um jovem oficial de polícia tenha uma sensibilidade apurada para isto, se ele próprio foi utilizador de fotocópias."

O Conselho de Administração, numa nota emitida a 30 de Março, assegura que ficou patente nesta sessão de esclarecimento e formação a disponibilidade dos representantes das forças policiais para intensificarem a sua intervenção na Área Metropolitana de Lisboa, em defesa dos direitos dos autores e no estrito cumprimento do que a lei determina sobre esta matéria,

"Outras acções de idêntica natureza estão em curso por todo o país, a um ritmo muito mais intenso do que era habitual, tendo em conta a gravidade da crise que afecta também os bens e consumos culturais", revela o comunicado da SPA. EE

## SPA APOIA PETIÇÃO QUE PEDE MONUMENTO PARA JOSÉ AFONSO

A SPA subscreveu, enquanto instituição, a petição pública dirigida ao Presidente da Câmara de Lisboa, solicitando a edificação de um monumento de homenagem a José Afonso na capital, quando se comemoram 25 anos do seu falecimento.

Numa nota emitida a 3 de Abril, a SPA considera que se trata de “um acto de inquestionável justiça e reconhecimento em relação a um dos mais importantes criadores e intérpretes do século XX e também um símbolo dos valores da liberdade, da democracia e da solidariedade”. José Afonso, que foi cooperador da SPA – acentua o Conselho de Administração – “é e será sempre um dos símbolos da criação em liberdade, num Portugal democrático”.

A petição em curso foi já assinada por algumas dezenas de cooperadores da SPA, informa ainda a nota, acrescentando que a SPA irá diligenciar junto da Câmara de Lisboa no sentido de que esta petição tenha o acolhimento que lhe é devido.



FOTO: INÁCIO LUDGERO

### NO DIA DO LIVRO E DO DIREITO DE AUTOR A 23 DE ABRIL

## A SPA CELEBROU A CRIATIVIDADE DOS AUTORES

A SPA celebrou, no dia 23 de Abril, o Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor, saudando todos os autores que representa e em particular os ligados à área da criação literária.

Este dia constituiu mais um pretexto para a reflexão sobre o papel dos criadores intelectuais na vida nacional, sobretudo num contexto de crise que tanto os afecta e tão seriamente lhes condiciona o presente e o futuro. Apesar dos pesados constrangimentos orçamentais que afectam a sociedade em geral e a criação cultural em particular, de acordo com dados fornecidos pela cooperativa, verifica-se que os autores continuam a dar um contributo decisivo para a recuperação económica do país, não se deixando neutralizar por uma dinâmica social e económica que tudo tem para os prejudicar. Num comunicado emitido por ocasião da efeméride, o Conselho de Administração da SPA sublinha, por outro lado, “o facto de a edição literária ser uma das áreas que nos últimos meses tem revelado tendência para o crescimento, em termos de valores cobrados”. E isto, justifica, “não significa que se esteja a editar mais, mas sim que a SPA está a intervir com maior eficácia neste domínio e que os autores se sentem melhor protegidos quando a SPA os representa”.

A Sociedade Portuguesa de Autores aproveitou esta oportunidade para lembrar, mais uma vez, “que se encontra atrasada a produção de legislação essencial para a defesa dos autores portugueses, compromisso que o actual governo assumiu mas ainda não cumpriu”. A título de exemplo, referiu a nova Lei da Cópia Privada, a legislação anti-pirataria e a revisão do Código do Direito de Autor, entre outros diplomas. “A SPA sublinha a importância inadiável desses diplomas e exige a sua concretização a breve prazo, em nome dos direitos e dos interesses que legitimamente defende”, frisa.

“A SPA celebra, nesta data, a criatividade dos autores portugueses em geral e dos criadores literários em particular, não tendo dúvidas de que ela constitui uma condição essencial para que Portugal fortaleça a sua soberania, a sua identidade e coesão e possa, também por esta via, ajudar a superar a crise que nos ensombra o presente e o futuro”, concluiu o texto do Conselho de Administração.

### CORRECÇÃO

Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Na última edição da revista Autores da SPA, registou-se uma incorrecção no dossiê especial dedicado à III Gala SPA/RTP Prémio Autores 2012, que decorreu no passado dia 27 de Fevereiro no CCB, em Lisboa, com transmissão directa para todo o mundo. Com efeito, na página 42 no comentário à foto 55, pode ler-se que “João Paulo Cardoso de Melo (...) em representação do Presidente da Câmara Municipal de Coimbra...”. Na verdade, quem foi receber o prémio (e como tal fotografado), foi o próprio Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, João Paulo Barbosa de Melo. Pelo lapso, que lamentamos, pedimos as nossas desculpas ao edil de Coimbra, cuja autarquia, aliás, foi distinguida ex-aequo com a de Évora, com o Prémio Melhor Programação Autárquica, durante o ano de 2011.



## 3.º ENCONTRO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL DA SPA NO PORTO

### CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM ATRAEM CRIADORES DA NOVA GERAÇÃO

“Eu Grimmo, tu Grimmas, ele Grimma” foi o título imaginado para a exposição que abriu o 3.º Encontro de Literatura Infanto-Juvenil, a decorrer na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, no dia 14 de Abril, sob organização da delegação da SPA na cidade Invicta. Doze ilustradores tiveram a oportunidade de mostrar 22 originais de sua autoria, relacionados com a temática e o espírito dos famosos contos dos Irmãos Grimm, da Alemanha. Apresentaram obra Marta Madureira, Valter Hugo Mãe, Inês Oliveira, Emílio Remelhe, Cristina Valadas, Teresa Cortez, Gémeo Luís, Evelina Oliveira, Rui Vitorino Santos, Anabela Dias, Carla Vidinhas e Pedro Pires.

O encontro, que decorreu entre as 14 e as 18 horas, incluiu uma conversa com os

ilustradores, moderada por Margarida Noronha, a que se seguiu um recital de poesia no âmbito da rubrica “Palavras para que vos quero”, com a participação de Rui Spranger, do conhecido Grupo de Teatro “Pé de Vento”, dedicado aos mais novos. Carlos Nogueira prosseguiria com a exploração das obras dos irmãos Grimm, através de uma conferência em que falou sobre “A herança dos Grimm”-

Pelas 16 hora, registou-se um encontro com dois autores da nova geração: Emílio Remelhe e João Manuel Ribeiro. Com apresentação e moderação de Sara Reis da Silva, este encontro pôde contar com leituras feitas por Rui Spranger.

Rui Spranger viria de novo à cena para mais leituras, desta feita, dando voz a personagens que Alice Veira levou na ‘bagagem’ para o encerramento destas jornadas, que já estão a fazer história. A apresentação e moderação deste encontro particular foi da responsabilidade de Ana Margarida Ramos.

Os Irmãos Grimm ficaram conhecidos como os “colectores de contos, lendas e fábulas da tradição oral”, transportando-os da sua raiz popular destinados a adultos para o imaginário fabuloso e misterioso dos mais pequenos. E ainda hoje constituem a memória colectiva de um povo, contada de forma imaginativa para as crianças.

## PRÉMIO DE COMPOSIÇÃO SPA / ANTENA 2

### JOVENS CRIADORES DE MÚSICA ERUDITA PODEM CANDIDATAR-SE ATÉ 27 DE JULHO

Com o objectivo de promover e incentivar a criação musical erudita contemporânea e de divulgar o trabalho dos jovens compositores, a Sociedade Portuguesa de Autores e a RTP/Antena 2 promovem o Prémio de Composição SPA/Antena 2, destinado a compositores de nacionalidade portuguesa ou estrangeiros residentes em Portugal há mais de quatro anos, nascidos a partir de 1 de Janeiro de 1982. Os jovens criadores de música erudita, que existem de momento em Portugal, segundo afirmam os especialistas, são muitos e de qualidade, daí esta excelente oportunidade para revelarem os seus talentos, até porque são aliciantes os prémios que os esperam. Informamos, de seguida, sobre o respectivo regulamento, lembrando que o prazo de recepção na SPA das respectivas candidaturas está fixado para o dia 27 de Julho próximo.

#### REGULAMENTO

As obras a concurso deverão ser inéditas e compostas

para a seguinte formação (na sua totalidade ou em parte): 2 oboés barrocos; 2 trompas naturais; 1 cravo; 1 alaúde; e cordas (5,4,3,2,1).

As composições deverão ser inspiradas na partitura da Área II – Eva, da oratória Morte d’Abel de Pedro António Avondano (1714-1782), disponível através do secretariado do concurso. No entanto, os candidatos têm total liberdade criativa, não sendo imposta qualquer limitação estilística quanto ao uso deste material.

Cada candidato pode inscrever uma obra (apenas) com uma duração de aproximadamente 8 minutos. As obras a concurso deverão ser enviadas em quatro cópias (partitura geral), cada cópia incluindo exclusivamente o título e pseudónimo do autor.

Juntamente com as cópias da partitura geral, deverá ser enviado também um conjunto das partes instrumentais, identificado exclusivamente com o título da obra.

Quanto aos pormenores administrativos da candidatura, os interessados poderão consultar o Portal da SPA na Internet ou o secretariado do concurso do Prémio de Composição SPA/Antena 2, através do Departamento de Actividades Culturais e Relações Externas da SPA, na Avenida Duque de Loulé, 31, 1069-153 Lisboa, para onde, aliás, deverão ser também enviadas as obras concorrentes por correio registado, até ao dia 27 de Julho próximo (data de recepção).

Os resultados deste concurso serão divulgados na primeira semana de Setembro de 2012, sendo os vencedores contactados através dos endereços indicados

no processo de candidatura.

Os compositores distinguidos com o 1.º, 2.º e 3.º prémio (não haverá lugar a um 1.º prémio ex-aequo, mas poderão ser atribuídas menções honrosas), deverão assegurar que as obras premiadas tenham a sua estreia absoluta e radiofusão no 2.º Festival Jovens Músicos, sem que para o efeito lhes seja devida qualquer remuneração por parte da SPA e/ou da RTP/Antena 2.

O júri será constituído por personalidades de reconhecido mérito.

#### PRÉMIOS

Os prémios a atribuir neste concurso são aliciantes, a saber:

1.º Prémio - Um prémio pecuniário no valor de mil euros; troféu Prémio de Composição SPA – Antena 2; edição comercial da partitura pela AvA Musical Editions; estreia da obra premiada, interpretada pelos músicos da orquestra Divino Sospiro, durante o 2.º Festival de Jovens Músicos, no Grande Auditório Gulbenkian, a 28 de Setembro de 2012; e transmissão do concerto pela RTP/Antena 2 (a anunciar oportunamente).

2.º e 3.º Prémio - Diploma Prémio de Composição SPA – Antena 2; estreia das obras premiadas, interpretadas pelos músicos da orquestra Divino Sospiro, durante o 2.º Festival de Jovens Músicos, no Grande Auditório Gulbenkian, a 28 de Setembro de 2012; e transmissão do concerto pela RTP/Antena 2 (a anunciar oportunamente).

## APT E SPA RELANÇARAM ESTE ANO

### GRANDE PRÉMIO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA

A Associação Portuguesa Tradutores (APT) e a Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) relançaram o Grande Prémio de Tradução Literária em 2012 numa parceria que sublinha a tradução como exercício de autoria em Literatura. O prazo de entrega das obras candidatas terminou no último dia de Março.

O Grande Prémio de Tradução Literária, que também conta com o patrocínio da

SPA, destina-se a galardoar anualmente uma tradução de valor reconhecido, publicada no ano anterior, podendo também contemplar o conjunto da obra de um tradutor.

Entre 1986 e 2007, as instituições promotoras deste prémio foram a APT em associação com o P.E.N. Clube Português, contando com o patrocínio do IPLB/DGLB. O vencedor da última edição, em 2007, foi

Aires A. Nascimento com a tradução da obra Utopia, de Thomas Morus e o júri foi constituído por Albano Martins, Annabela Rita e Casimiro de Brito.

O prémio terá o valor pecuniário de dois mil e quinhentos euros, acompanhado por um diploma alusivo à distinção, devendo o júri ser composto por três membros de reconhecida competência e mérito na vida cultural portuguesa, cabendo à APT a sua coordenação.

O prémio não poderá, entretanto, ser atribuído a autores que o tenham ganho num dos cinco anos anteriores.

A entrega do prémio será feita em cerimónia pública organizada pelos seus promotores, em data a anunciar oportunamente.

Quaisquer dados relativos a este prémio, nomeadamente, os vencedores das edições anteriores, poderão ser consultados nos sites das respectivas instituições parceiras: <http://www.appt.pt/> ou <http://associacao-portuguesa-de-tradutores.blogspot.com/> e <http://www.spautores.pt/>.

A Associação Portuguesa de Tradutores, que foi a receptora das candidaturas, situa-se na Rua de Ceuta, 4/B – Gar 5, 2795-056 Linda-a-Velha, Oeiras.

JORGE PALMA RECEBE EMOCIONADO PRIMEIRO PRÉMIO PEDRO OSÓRIO

## “É UMA DISTINÇÃO QUE FAZ JUSTIÇA A UM GRANDE CRIADOR DE CANÇÕES”

Ao seu estilo muito singular e desprendido, a par de uma emotividade latente que se sentiu ao longo de toda a sessão, foi com a voz embargada pela comoção e um gesto desajeitado que o genial autor e intérprete Jorge Palma recebeu das mãos do presidente da SPA, José Jorge Letria, o primeiro Prémio Pedro Osório, de que saiu justíssimo vencedor “Com todo o respeito”, curiosamente o nome do álbum ora distinguido e que foi editado em 2011. A sessão solene de entrega do galardão, ocorrida no passado dia 14 de Maio, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA, repleto de personalidades ligadas à música, à casa e aos média, constituiu, simultaneamente, mais uma homenagem ao maestro e dirigente da SPA falecido no passado mês de Janeiro.

É que, além de passar a distinguir anualmente um trabalho em qualquer área musical, de forma a promover a música portuguesa e os seus autores, o prémio criado pela SPA, ainda em vida de Pedro Osório, tem também o intuito de homenagear a obra do maestro, recordado nesta sessão com carinho, tanto por José Jorge Letria, como por Jorge Palma. “A ideia é atribuir anualmente o prémio a um trabalho em qualquer área da música, pois procuramos ter a abrangência que a obra e o trabalho musical do Pedro Osório também tiveram. Ele que foi um músico de uma diversidade e ecletismo extraordinário”, lembrou José Jorge Letria, salientando que, se ele ali estivesse, decerto, comungaria do mesmo sentimento de satisfação pelo reconhecimento da obra do seu amigo Jorge Palma.

“Infelizmente, o Pedro já não teve tempo para assistir à concretização deste projecto, que é uma homenagem que lhe fazemos”, acrescentou o presidente da SPA, considerando, também ele, “acertadíssima” a escolha de Jorge Palma como vencedor da sua primeira edição: “É uma distinção dada pelos seus pares que faz justiça a um grande criador de canções. Uma figura única e inspiradíssima, que queremos que dê continuidade a este trabalho que nos surpreende de disco para disco, de ano para ano. O valor pecuniário do prémio, ainda que simbólico, é um estímulo, nos tempos que atravessamos”.

O prémio, com periodicidade anual, e com o valor pecuniário de 2000 euros, um diploma e um troféu, foi atribuído por um júri constituído pelos membros dos corpos sociais da SPA ligados à área da música, nas suas diversas vertentes. Por seu turno, o troféu, da autoria do artista plástico Fernando Filipe, é, em si mesmo, uma homenagem ao maestro que dá o nome ao prémio: trata-se de uma peça em acrílico transparente, em forma de cristal de quartzo, que tem dentro uma imagem a preto e branco das mãos do próprio Pedro Osório ao piano.



### “TEM UM SIGNIFICADO ESPECIAL PELO NOME QUE TRAZ”

“Tem um significado especial receber este prémio pelo nome que traz”, disse Jorge Palma, visivelmente emocionado, depois de receber o galardão e de partilhar, em jeito de disfarce irónico, algumas histórias vividas com Pedro Osório, com quem começou a trabalhar na década de 60 e manteve uma “relação muito especial” durante mais de 50 anos. “O Pedro sempre acreditou em mim desde os nossos primeiros encontros no Algarve, quando eu tinha 17 anos e fazia as folgas dele no hotel Balaia. Quando me ouviu tocar disse ‘este puto é giro’ e, a partir daí, foi-me passando trabalho, que ele tinha muitas orquestrações para fazer”, recordou Jorge Palma, que fez questão de frisar que aprendeu muitas coisas com ele, em especial nesse particular e inebriante aspecto. “Tínhamos uma relação muito especial - insistiu - e há muitas, muitas histórias, mas além disso há muita admiração e compreensão”. Baixando os olhos, para conter os afectos a virem ao de cima, lamentou: “Tenho pena que ele não esteja aqui e que nunca mais o vá ver”.

Esta a ponte para o convite “puramente accidental” que José Jorge Letria lhe fez para se sentar ao piano e interpretar uma qualquer composição a seu gosto. Foi então que Jorge Palma se soltou, definitivamente, e, dedicando o tema ao seu mentor Pedro Osório, encheu o auditório e o nosso espírito com os sons intensos da sua conhecida canção “A gente vai continuar”. *EDITE ESTEVES*

OLGA RORIZ DISTINGUIDA

## COM O PRÉMIO DA LATINIDADE 2012

A bailarina e coreógrafa Olga Roriz, considerada uma coreógrafa revolucionária na história das últimas décadas da dança em Portugal, foi distinguida, por unanimidade, com o Prémio da Latinidade "João Neves da Fontoura" 2012, revelou no passado dia 17 de Maio à agência Lusa fonte da União Latina, entidade responsável pelo galardão.

De acordo com Maria Renée Pareja Gomes, representante da União Latina, o júri do galardão, presidido por Eduardo Lourenço,

decidiu atribuí-lo a Olga Roriz, já distinguida em 2008 com o Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores/Millennium BCP, "pelo desempenho de uma obra artística, como profissional e criadora reconhecida internacionalmente".

Com este Prémio criado em 2002, a União Latina visa homenagear uma personalidade ou instituição que se tenha distinguido, pela sua obra, na difusão da Latinidade, nos domínios artístico, literário ou científico.

Fundada em 1954, a União Latina é composta por 36 Estados de língua oficial ou nacional românica e tem como objectivo promover a reflexão sobre os valores culturais e linguísticos do conjunto da comunidade latina e a consciência da identidade cultural comum destes povos. A sessão solene de entrega do Prémio da Latinidade deverá ter lugar no Instituto Camões, a 29 de Maio, com a presença do ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas.

"UM AUTOR DE REFERÊNCIA A FALAR DE UM AUTOR DE TOPO"

## RICARDO ALEXANDRE EVOCA JOÃO AGUARDELA E SPA ATRIBUI-LHE MEDALHA DE HONRA PÓSTUMA



O autor Ricardo Alexandre falou do autor João Aguardela, em mais uma sessão do ciclo “Autores Falam de Autores”. O encontro deu-se, ao fim da tarde do dia 16 de Abril, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, da SPA.

Ricardo Alexandre, jornalista e autor do livro “João Aguardela – Esta Vida de Marinheiro” (Edição Quid Novi), ali lançado, proferiu uma palestra sobre a vida e obra do jovem vocalista, autor, líder e fundador dos Sitiados, “um criador com capacidades fora do comum”, que nos deixou no esplendor da vida e na subida para uma carreira, desde logo iluminada por uma luz mais do que promissora.

“Inovador e inconformado, Aguardela soube antecipar tendências e lançar projectos esteticamente inéditos, sempre numa abordagem marcada pela defesa da língua e da cultura portuguesas”, conforme anunciava o próprio programa da sessão de lançamento do livro na SPA.

“É uma honra muito grande para a SPA poder acolher o lançamento deste livro”, começou por dizer o administrador João Campos, também ele um especialista no campo musical e que foi encarregado de abrir a sessão. “Nos nossos padrões de qualidade e daquilo que conhecemos da música portuguesa – declarou - sem dúvida que o João Aguardela é uma referência de topo absoluto. Aquela personalidade intensíssima que o João tinha e que só podia redundar em qualquer coisa muito séria do ponto de vista autoral e musical. É um autor de referência a falar de um autor de topo. Estão os ingredientes para uma sessão de todo o interesse.”

Porém, antes de tomar lugar o palestrante, o administrador da SPA fez questão de entregar, a título póstumo, a Medalha de Honra da SPA a João Aguardela, a qual foi recebida pelo seu pai. Mestre em Sociedades e Políticas Europeias, pelo ISCTE (1998/2000) e licenciado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do

Porto, com seminário dedicado ao tema das “Tribos da Música – as Subculturas Juvenis e os Consumos da Música - Novas Identidades Sociais”, além de amigo do artista, Ricardo Alexandre é o biógrafo ideal para explorar toda a genialidade de Aguardela.

Director-adjunto de Informação da RTP-RÁDIO desde Novembro de 2005 e jornalista da RDP desde 1993, é indicado pela RTP para desenvolver acções de formação profissional nos PALOP, entre outras funções de cariz pedagógico, o que o coloca no cerne de um poder de investigação compatível com esta tarefa de entender a marcante passagem de João Aguardela por esta vida e pela música a que dava tonalidades e ritmos completamente fora do comum.

### “O JOÃO FOI UM CRIADOR ARROJADO, FORA DE SÉRIE”

“Não vou surpreender ninguém se disser que o João foi um criador arrojado, talentoso, contagiante, inteligentíssimo, fora de série”, começou por dizer o palestrante, após a projecção de um vídeo sobre Aguardela. “Para os que o conheceram, para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tivemos a oportunidade, a honra, o privilégio de com ele termos privado - referiu - era uma pessoa muito humana, divertido, frontal, tímido às vezes, sério às vezes, muitas vezes obstinado, normalmente com razão.”

No entanto, Ricardo Alexandre anunciou que queria centrar a sua intervenção num outro aspecto que caracterizava o João: ele era um incansável defensor da liberdade, da sua liberdade artística, criativa, da nossa liberdade enquanto povo. Não foi à toa que disse ter colocado no início do seu livro esta citação de sua autoria: “O primeiro passo para a verdadeira mudança é por baixo, pelas convenções, pelos preconceitos, pelos costumes, andar descalço na rua sem nada dizer, caminhar nu na cidade sem nada temer, será por aí que poderás começar uma verdadeira mudança”. O João escreveu isto em 1986, aos 17 anos, numa carta que enviou ao amigo comum de ambos João Nuno.

“Sabemos que o João nos deixou muito cedo, cedo demais – frisou -, mas viveu bem, fez muito e consegui ser livre, ainda que ‘pop demais para a música tradicional e tradicional demais para a música pop’, como ele dizia”.

### SEGUNDA EDIÇÃO DOS PRÉMIOS MEGAFONE EM NOVEMBRO

Para si e para aqueles que têm estado na Associação Megafone, a segunda edição dos Prémios Megafone que se vai realizar em Novembro, no

Centro Cultural de Belém, com o apoio, entre outras instituições, da Sociedade Portuguesa de Autores, como foi já ratificado, representa uma homenagem, não só ao lado artístico do João, mas também ao espírito pelo qual ele se regia e no qual trabalhava. E exemplificou: “Vamos dar espaço ou tentar divulgar projectos que, de alguma forma, cumpram esse caminho que ele foi fazendo de inovação constante e, ao mesmo tempo, de respeito pela tradição musical portuguesa”.

Esta é, em seu entender, “a melhor forma de continuar a divulgar o legado artístico do João, mas também uma forma de honrar a liberdade, enquanto valor fundamental da nossa vida colectiva, valor que ele soube usar e dignificar na vida que teve e que tanto nos marcou”.

Dos Sitiados à Naifa, a rasgar literalmente a vida de uma forma avassaladora, João Aguardela, falecido em Janeiro de 2009, aos 39 anos, “é também o retrato de uma geração que fazia quilómetros em comboios e autocarros para ver uma banda de culto”, como por exemplo os Xutos e Pontapés, e “a obra ora lançada é, igualmente, uma homenagem à vida e à obra do João”, devendo os respectivos direitos de autor reverter na íntegra para a Associação Megafone. José Aguardela, pai do homenageado,



confidenciou que “o João toda a sua vida foi só a música. A música e, sobretudo, a defesa da língua portuguesa”. E o Ricardo, que foi um grande amigo dele, em sua opinião, escreveu um livro que reflecte de uma maneira muito correcta aquilo que foi o João. “Cruzam-se os amigos, cruzam-se as histórias, também se fala das partes mais dolorosas... O João, sobretudo, teve uma dignidade muito grande”, contou, emocionado, falando de uma fotografia que ele lhe ofereceu no seu último Natal, já então muito doente, “onde está a rir a bandeiras despregadas, com aquele sorriso malandro que, por vezes utilizava”. “Ofereceu-me aquela fotografia, talvez para nós o recordarmos como ele queria: com a sua energia, com aquilo que ele fazia em cima do palco, aquela alegria contagiante. Era assim que ele queria que nós o lembrássemos.” EE

# AUTORES MAIS



100 pontos  
na adesão ao cartão FNAC  
[www.fnac.pt](http://www.fnac.pt)



Um conjunto de descontos proporcionados aos associados, seus cônjuges e filhos.  
[www.universidade-autonoma.pt](http://www.universidade-autonoma.pt)  
tel. 800 291 291



O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo.  
contactar:  
[manuel.teixeira@vodafone.pt](mailto:manuel.teixeira@vodafone.pt)



Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos.  
[www.casadaimprensa.pt](http://www.casadaimprensa.pt)  
Tel. 21 342 02 77/78



Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico. [www.optivisao.pt](http://www.optivisao.pt)



10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional. Para reservas (contrato nº 50432483) [www.europcar.pt](http://www.europcar.pt)  
tel. 351 21 940 77 90  
Email: [reservas@europcar.com](mailto:reservas@europcar.com)

“Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.



20% desconto pela utilização do estúdio.  
[www.mdlestudios.com](http://www.mdlestudios.com)  
Para marcações:  
Telm : 93 400 59 24  
Email: [celiacosta@mdlestudios.com](mailto:celiacosta@mdlestudios.com)



15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupuntura e outras Terapias Alternativas). Pacotes de serviços com um preço especial.  
Para marcações contactar: Vanessa  
Telefone: 217157010  
Telemóvel: 917448484  
[www.nipon-terapias.com](http://www.nipon-terapias.com)



Oferta de inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais 10% na mensalidade em todos os clubes do país.  
[www.holmesplace.pt](http://www.holmesplace.pt)



Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.



10% de desconto no alojamento HOTEL LISBOA CENTRAL PARK  
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4  
1050-214 Lisboa  
Email: [info@lcpark.com](mailto:info@lcpark.com)  
RESERVAS: Tel.: 21 350 2060  
FAX: 21 352 6703 / 21 356 2144



Serviço de entregas ao domicílio  
Produtos de Agricultura Biológica  
5% de desconto sobre o PVP na aquisição de produtos  
[www.biocoop.pt](http://www.biocoop.pt)  
219 410 479  
Rua Salgueiro Maia, 12  
2685-374 Figo Maduro  
Prior Velho



Fabricantes de CD's, DVD's, PENs/, USBs  
10% de desconto em todos os trabalhos  
[www.mpo-pt.com](http://www.mpo-pt.com)  
tel:218592854  
Email: [geral@mpo-pt.com](mailto:geral@mpo-pt.com)



**Ser sócio ACP é ter:**

Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!

Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade

Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.

[www.acp.pt](http://www.acp.pt)

Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço "Autores Mais", fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias.

Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA.

Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:



Pestana Sintra Golf



Pousada de Guimarães - Santa Marinha



***Dê um desconto à rotina & desfrute de umas mini-férias com 10% de desconto.***

**Marque a sua estadia num Pestana Hotel & Resort ou numa Pousada de Portugal e aproveite os 10% de desconto para leitores da Revista SPA.**

Não acumulável com outras promoções, cartões ou descontos em vigor.

Reserve através da central de reservas 282 240 001, do e-mail [reservas.portugal@pestana.com](mailto:reservas.portugal@pestana.com) ou nos sites [www.pestana.com](http://www.pestana.com) e [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt) com a inserção do código: 11210UC9D.

INFORMAÇÕES E RESERVAS

282 240 001  
[reservas.portugal@pestana.com](mailto:reservas.portugal@pestana.com)



Descubra as vantagens exclusivas para membros do programa

PESTANA  
PRIORITY  
GUEST

JORGE BARROS ASSOCIA IMAGENS A LIVRO DE VIAGENS DE RAUL BRANDÃO

## FOTÓGRAGO LANÇA “AS ILHAS DESCONHECIDAS” NA BUSCA DE UMA PONTE ÀS GENTES ATLÂNTICAS



JAIME SERÓDIO

Desassossegado, esquelético, os olhos a beberem constantes as paisagens naturais e humanas em seu redor, mãos magras sustendo a máquina fotográfica como um filho traquinas, Jorge Barros é a imagem viva da inquietação, da busca obsessiva daquela imagem única que cristaliza o momento e vai perdurar na memória, largos e largos anos. Nem no lançamento do belo objecto de culto que ele próprio produziu e editou, “As ilhas desconhecidas- Notas e Paisagens”, um livro de viagens, de capa cartonada desdobrável, sob “design” de Henrique Cayatte, cujo texto de Raul Brandão é acompanhado por fotografias magníficas de sua autoria que dialogam com as palavras “sem querer ferir o seu espírito”, nem nessa altura solene deixou de se preocupar com o registo pormenorizado de tudo o que ali estava a acontecer. O semblante ávido, encimando uma camisa vermelha de colarinhos abertos, despojado, não o deixava mentir. Aquele 15 de Maio de 2012 era só inquietação, inquietação, inquietação... E foi quase de um salto que, logo que pôde safar-se dos protocolos da cerimónia de apresentação daquela magnífica obra de arte que o levou, especialmente nos últimos quatro anos, aos Açores e à Madeira para registar com a sua objectiva paisagens, pessoas e cenas do quotidiano, abandonou a mesa e deixou de ser o principal alvo das objectivas presentes – a sua incluída, nas mãos cuidadosas de um amigo – para passar à acção do outro lado da câmara. Fazendo deslizar o seu corpo fugidio em silêncio, clicou sem parar, fotografando a cena seguinte, escudado nos cantos e recantos do auditório da SPA e no palco, onde o piano de cauda preto, um saxofone e uma viola traçavam linhas estéticas e harmonias a contracenar com os cantores que convidara para fazerem a ponte entre as gentes atlânticas e o continente. Tudo estudado, tudo encenado, para que o objectivo do evento fosse perfeito. Primeiro, o açoriano Carlos Alberto Moniz, que interpretou quatro versões do típico “Samacaio” e a “Saudade”, a pedido dos presentes, canções dos Clássicos da sua terra. Depois, o alentejano Vitorino, de voz forte, acompanhado ao piano e ao sax, respectivamente, por Sérgio Costa e Miguel Salomé, que começou por entoar o “Fado da prostituta da Rua de St.º António da Glória”, derivando depois para o “Fado da liberdade livre” e para a estreia de “Moda Revolta”, antes de terminar a actuação com uma composição com texto de António Lobo Antunes, algo depressiva, “Morre-se depressa neste país”. “É esta ponte de ligação entre os Açores e o continente, aqui simbolizada,



que eu quis construir com a ilustração fotográfica deste exemplar de ‘As ilhas desconhecidas’, a partir das belas notas de viagem que Raul Brandão escreveu ao percorrer as nossas ilhas do Atlântico, Madeira incluída”, assumiu Jorge Barros, perante uma sala a transbordar de amigos, familiares, companheiros e personalidades convidadas, designadamente, a ex-ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas.

Aliás, esta obra ora lançada e que é quase tão pesada como a imagem do muro de pedra rústica vulcânica que lhe serve de capa, aberta ao mar imenso no centro, contou com o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Autores, de que Jorge Barros é cooperador, e da Direcção Regional da Cultura dos Açores, entidade que se fez representar também na cerimónia. Conforme José Jorge Letria disse, na abertura da sessão, “esta obra a duas ‘vozes’ é fruto de uma enorme paixão que Jorge Barros nutre pelas ilhas e uma forma de as homenagear”. “Jorge Barros é um alcobacence, que gostaria de ser açoriano e esta obra é a parte viva dessa paixão”.

### “APETECE-ME FAZER-LHE FESTAS, COMO SE FOSSE UM TERCEIRO NETO”

O produto encantatório deste livro no que diz respeito a imagens e ainda à exposição, que também inaugurou na SPA, é o resultado de um levantamento fotográfico efectuado por Jorge Barros em viagens constantes de 1988 a 2011 aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, com especial relevância para o período entre 2008 e 2011.

“Estive estes quatro anos ininterruptos a fazer o meu trabalho especial para este livro nas ilhas e, estivesse onde estivesse, tive sempre guardada daquelas gentes”. Abraçado literalmente ao livro que criou com tanto empenho e paixão, as lágrimas começaram a soltar-se-lhe dos olhos, mas depressa as enxugou, depois de confessar sem pejo: “Apetece-me fazer-lhe festas [e fez, fez muitas], como se ele fosse um terceiro neto”. Oitenta e quatro anos depois de Raul Brandão ter iniciado a 8 de Junho de 1924 a sua viagem a bordo do navio São Miguel, de Lisboa para os Açores – primeiro em direcção ao Corvo – e depois para a Madeira, antes de regressar ao continente, donde surgiram as notas de viagem aqui reproduzidas em edição especial, Jorge Barros encetou também ele a sua viagem, projectando-se nos mesmos sons, nas festas, nas conversas e nas paisagens que Brandão descreveu.

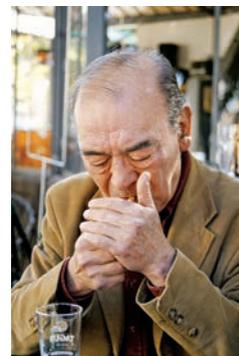
“Também sou um viajante, mas as minhas notas foram fotográficas. Projectei-me em Brandão, não querendo, porém, ferir o seu espírito”, garantiu. “Tenho consciência que fiz o melhor livro que existe sobre as ilhas atlânticas, o mais bonito, produzido nos últimos anos. Com a prosa impressionista de Raul Brandão e as fotografias que registei para a acompanhar, estou certo que, se ele aqui estivesse, me daria os parabéns.”

Para Jorge Barros, um fotógrafo obsessivo, paciente na sua impaciência – podia estar, por exemplo, dias inteiros à espera que surgisse a tal nuvem que pusesse o pico da ilha do Pico em levitação, como ele a imaginava – “este é um livro de grande ternura, que relaxa o nosso espírito” e também um bom cartaz publicitário para os arquipélagos, especialmente para o dos Açores, aqui muito mais desenvolvido e apoiado.

# OS QUE PARTIRAM

**FERNANDO LOPES (1936-2012)**  
**REALIZADOR ERA COOPERADOR DA SPA**  
**DESDE 1984**

## PAI DA GERAÇÃO DO CINEMA NOVO SAI DE CENA NO FIO DO HORIZONTE



A SPA manifesta o seu mais profundo pesar pelo falecimento, no dia 2 de Maio, do realizador Fernando Lopes, beneficiário desde 1976 e seu cooperador desde 1984, já distinguido pela cooperativa com a sua Medalha de Honra (2005). Fernando Lopes encontrava-se internado desde a última semana de Abril no Hospital

da Cruz Vermelha, em Lisboa, devido a uma pneumonia que agravou o estado de grande debilidade física em que já se encontrava, segundo consta da nota de pesar emitida no mesmo dia da sua morte, aos 76 anos, pelo Conselho de Administração da SPA. Nascido em Mações de Dona Maria, em 1936, Fernando Lopes ingressou nos quadros da RTP em 1957, ano da inauguração da estação pública de televisão, tendo-se tornado, mais tarde, realizador de televisão e de cinema, depois de ter estudado na Lon-don School of Film Technique como bolseiro do Fundo de Cinema Nacional. Realizou o filme "Belarmino" em 1964. Este filme sobre a vida do pugilista Belarmino Fragoço tornou-se uma referência do movimento que ficou conhecido como Cinema Novo.

Da sua filmografia destacam-se ainda obras como "Uma Abelha na Chuva" (1971), "Nós Por Cá Todos Bem" (1976), "Crónica dos Bons Malandros" (1984), "Matar Saudades" (1988), "O Fio do Horizonte" (1993), sobre a obra homónima de Antonio Tabucchi, cuja morte, a 27 de Março último, também o terá afectado muito, dada a amizade que mantinham, "O Delfim" (2001), sobre o romance homónimo de José Cardoso Pires, "98 Octanas" (2006), "Os Sorrisos do Destino" (2009) e "Em Câmara Lenta" (2012).

Fernando Lopes foi ainda director da revista "Cinéfilo" (1973/74), director de programas do 2º canal da RTP cuja programação autónoma é por ele inaugurada (em 1978), chefiou, entre 1980 e 1993, o Departamento de Co-Produções da RTP e foi professor do Curso de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa.

"A Direcção da SPA lamenta o desaparecimento de um dos nomes mais marcantes da história do cinema português e, durante décadas, figura destacada da nossa vida cultural", conforme acrescenta o comunicado, apresentando a sua mulher, Maria João Seixas, directora da Cinemateca Portuguesa e também cooperadora da SPA, as suas condolências, que torna extensivas à restante família do realizador.

## JOSÉ JORGE LETRIA ANTECIPA ENTREGA DE MEDALHA DE HONRA DA SPA

Mas as surpresas não se ficaram por ali, nem pelos cantares que iriam ligar, simbolicamente, as ilhas atlânticas ao continente, nem, no final da sessão, a ponte estabelecida entre o Auditório Maestro Frederico de Freitas, no edifício-sede da SPA, onde o livro foi apresentado por José Jorge Letria, e a Sala-Galeria Carlos Paredes, no edifício 2, onde foi inaugurada naquele espaço a exposição "Aproximações", também de Jorge Barros.

Aproveitando a sala cheia e o ambiente de grande enlevo e admiração espontaneamente criado, o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, fez questão de antecipar a entrega da Medalha de Honra da SPA a Jorge Barros, autor que figura na lista dos distinguidos no dia 22 de Maio, por ocasião do Dia do Autor Português e, ao mesmo tempo, dos 87 anos da cooperativa.

"Apanhaste-me em contrapé!", comentaria o agraciado autor, não podendo deixar de receber das mãos de José Jorge Letria a respectiva medalha, ante um caloroso aplauso da numerosa assistência que o aplaudiu de pé.

## PONTE ESTENDE-SE A EXPOSIÇÃO "APROXIMAÇÕES" NA GALERIA DA SPA

A dita ponte que Jorge Barros quis estabelecer, com tanta paixão e empenho, estendeu-se no final à exposição de fotografia também de sua autoria, inaugurada na Galeria Carlos Paredes da SPA, sob o título de "Aproximações".

Trata-se de uma mostra resultante de uma parceria da SPA com o Instituto Açoriano de Cultura, que, inaugurada nesse dia de 15 de Maio, ficará patente ao público até 15 de Junho, podendo ser visitada de 2ª a 6ª feira das 9 às 19 horas.

"Este trabalho salienta através da objectiva do autor a proximidade cultural, paisagística e edificada, existentes entre o território insular e continental, que justificam e fundamentam a nossa identidade nacional", reza o programa da ampla exposição de grandes e impressionistas fotos, que já esteve patente nas ilhas Terceira, Corvo, Faial, Pico e Flores, Póvoa de Varzim e recentemente em Alcobça, e que vale a pena ser apreciada em pormenor.

Jorge Barros é um conceituado fotógrafo que nasceu em Alcobça no ano de 1944. Ao longo da sua carreira fotografou o país de lés-a-lés, sobretudo na temática humana. Grande parte do seu trabalho está reproduzido em diversas publicações, onde tendencialmente se associam as suas fotos a textos em prosa de autores de mérito, como podemos, de resto, comprovar também nesta exposição na SPA pelos documentos apresentados.

O seu percurso artístico, tal como esta obra impressa em forma de livro e esta exposição, poderá resumir-se a uma expressão do próprio criador: "O mais importante foi, é, tornar gente feliz!".

EDITE ESTEVES

**"A VIDA E OBRA DE FERNANDO LOPES" A PUBLICAR EM JUNHO**

"A vida e a obra de Fernando Lopes, evocadas numa palestra realizada no dia 15 de Abril, pelo crítico e ensaísta Jorge Leitão Ramos na SPA, são o tema de um livro biográfico do mesmo autor a publicar pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e pela SPA em Junho próximo", anunciou, entretanto, o presidente da SPA. De notar que, já nessa data, por debilidade do seu estado de saúde, Fernando Lopes não pôde estar presente nesta sessão, à qual assistiram muitos dos seus amigos e companheiros de lides cinematográficas, dada a natural atracção que o seu nome espoletava.

Jorge Leitão Ramos definiu-o como "um dos maiores cineastas portugueses do nosso tempo". "Para mim, ele é uma espécie de pai da geração do cinema novo, o cineasta mais consensual, que nunca se enfeudou a grupos, que sempre fez a ponte entre os mais comerciais e os mais autorais", referiu, acrescentando que "uma coisa que falta à obra de Fernando Lopes é uma dimensão internacional, que teria merecido." Por outro lado, ele gostaria de poder ter feito um musical, mas só uma grande indústria suportaria tal desejo, por isso ficou-se por alguns assomos dentro das películas que realizou, nomeadamente em "A Crónica dos Bons Malandros".

A mesma opinião, aliás, perfilham muitos dos que com ele privaram, sobretudo a nível profissional, onde os seus méritos de montador foram também sempre muito elogiados. Aliás, ele chega ao cinema pela via da montagem na RTP. Numa entrevista concedida, precisamente, a Jorge Leitão Ramos para a revista Autores, publicada no segundo trimestre de 2008, o cineasta definiu-se como "um realizador que gosta de experimentar" e, nesse sentido, manifestou o seu grande entusiasmo "pelas vastas possibilidades de conjugar a imagem e o som, síncronos ou assíncronos". Porque, disse então, "o que tento fazer é não ser cego para os sons e não ser surdo para as imagens". Especificou: "Há sempre na imagem um som subjacente e nos sons há imagens latentes". À pergunta se "O Fio do Horizonte", o seu filme mais conhecido e premiado internacionalmente, seria o que ele escolheria para o representar, Fernando Lopes revelou que "O Fio do Horizonte" é "o filme que mais misteriosamente o revela". E acrescentou, como puxando a si a sua preocupação iminente: "Trinta e tal anos depois, é um filme que já está a lidar com a morte. O que eu sou, o meu lado 'duplo' está lá."

O pai da geração do cinema novo apagou lentamente a luz do "plateau" e saiu no fio do horizonte. Até sempre! Um imenso adeus! EE

**BERNARDO SASSETTI (1970-2012)****O DESTINO NA PONTA DE UMA FALÉSIA**

O seu destino estava escrito na ponta de uma falésia sinuosa e íngreme, recortada no mar turbulento, a caminho do Guincho. Solitário na sua busca diária das imagens que mais o seduzissem, o jovem e talentoso Bernardo Sasseti, afamado pelas suas composições musicais instrumentais doces, jazzísticas, envolventes e intensas, acabaria por ser vítima de uma das suas outras paixões: a fotografia. Na ânsia de um melhor enquadramento - assim foi dada notícia -, a queda foi-lhe fatal. O dia da morte ficaria averbado a 10 de Maio e o seu corpo só foi resgatado, no dia seguinte, à tarde, numa zona rochosa junto à Praia do Abano, no Guincho.

Tinha apenas 41 anos e uma personalidade espontânea e sensível. Nascido em Lisboa, a 24 de Junho de 1970, bisneto do Presidente da República Sidónio Pais, que foi assassinado no início do século passado, era marido da actriz Beatriz Batarda, com quem teve duas filhas, Leonor de oito anos, e Maria, de seis. Partilhava com a mulher o amor pelo meio artístico da representação, por onde também navegava com fervor, sobretudo por rotas de bandas sonoras para cinema e teatro, além de compor para canções, no que foi secundado pelos nomes mais sonantes, entre eles Carlos do Carmo.

À sua frente desenhava-se uma carreira que, não havia dúvida, seria cada vez mais brilhante e transversal.

Sasseti teria cancelado um dos seus últimos concertos, na Culturgest, por razões de saúde e estava a preparar um livro de fotografia. Ao vivo, tinha ainda um projecto de música e literatura com a mulher, Beatriz Batarda, à volta de "A Menina do Mar", de Sophia de Mello Breyner.

Foi uma tragédia que fez tremer o país inteiro de incredulidade. A televisão, com o seu poder de imagem e som logrou o pleno e, na própria madrugada do dia a seguir ao anúncio da sua morte, amenizou o choque brutal provocado pelo inesperado, transmitindo na íntegra, até às 4 horas, o último concerto no CCB, em que Bernardo Sasseti se sentou ao piano, triangulando sonoridades de magia e revolução com os mestres Pedro Burmester e Mário Laginha. Um concerto mistura de sons clássicos com jazz, que ficará para a memória histórica do exímio compositor e pianista, mas também da música contemporânea em geral, de que ele foi e continua a ser personalidade de destaque. Na despedida, foram aqueles dois músicos quem também lhe prestaram uma impressionante homenagem final, na Basílica da estrela, local onde o féretro esteve a ser velado até dia 13, quando se realizou o funeral, só para a família e amigos mais íntimos. EE

**PRÉMIO MELHOR CANÇÃO 2011 COM "RETRATO"**

A Direcção e a Administração da SPA manifestam o maior pesar pela morte trágica do compositor e pianista Bernardo Sasseti aos 41 anos. Bernardo Sasseti era associado da SPA desde Outubro de 1993, tendo sido distinguido em 2011 com o Prémio para a Melhor Canção, na Gala do Prémio Autor da SPA a peça "Retrato", com texto de Mário Cláudio e interpretada por Carlos do Carmo.

Entre os muitos prémios que lhe consagraram o talento e a carreira conta-se o Prémio Carlos Paredes, atribuído em 2002 ao disco "Nocturno".

Também autor de bandas sonoras para filmes e com uma carreira internacional em fase de consolidação, Bernardo Sasseti, nascido em Lisboa a 24 de Junho de 1970, era casado com a actriz Beatriz Batarda, que acompanhou em vários espectáculos e a quem a SPA testemunha o mais sentido pesar nesta hora de perda e de luto para a música e para toda a cultura portuguesa, numa nora de pesar emitida pela Direcção e pelo Conselho de Administração.

**ANTÓNIO TABUCCHI (1943-2012)****O ESCRITOR ITALIANO QUE ESCOLHEU PORTUGAL**

A Sociedade Portuguesa de Autores lamenta o falecimento, aos 68 anos em Lisboa, do escritor italiano António Tabucchi, "um dos nomes mais importantes da literatura europeia contemporânea, um grande amigo de Portugal e um dos grandes divulgadores internacionais da obra de Fernando Pessoa", segundo refere o Conselho de Administração numa nota de pesar datada de 27 de Março.

Casado com a escritora e tradutora portuguesa Maria José de Lencastre, António Tabucchi esteve profundamente ligado à vida cultural portuguesa, tendo mesmo alguns dos seus livros sido inspirados em factos da nossa vida nacional, como aconteceu com o romance "A Cabeça Perdida de Damasceno Monteiro" ou "A Firma Pereira".

"Em festivais, congressos e encontros internacionais, António Tabucchi nunca deixou de assumir, empenhadamente, a sua ligação afectiva e intelectual a Portugal, o que levou alguns escritores portugueses a sentirem-no como um companheiro único e mais um dos nossos", salienta a Administração da SPA. Na hora em que António Tabucchi definitivamente se despede, segundo adianta o cartão de pesar, "a SPA não pode deixar de evocar a sua vida e a sua obra, lembrando grandes escritores portugueses como Alexandre O'Neill e José Cardoso Pires, que foram seus amigos e interlocutores privilegiados".

# A SPA E OS SEUS AUTORES VOLTAM À PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO E DA RÁDIO

## “AUTORES” VOLTA À TVI 24 DEPOIS DE DUAS SÉRIES NA RTP 2

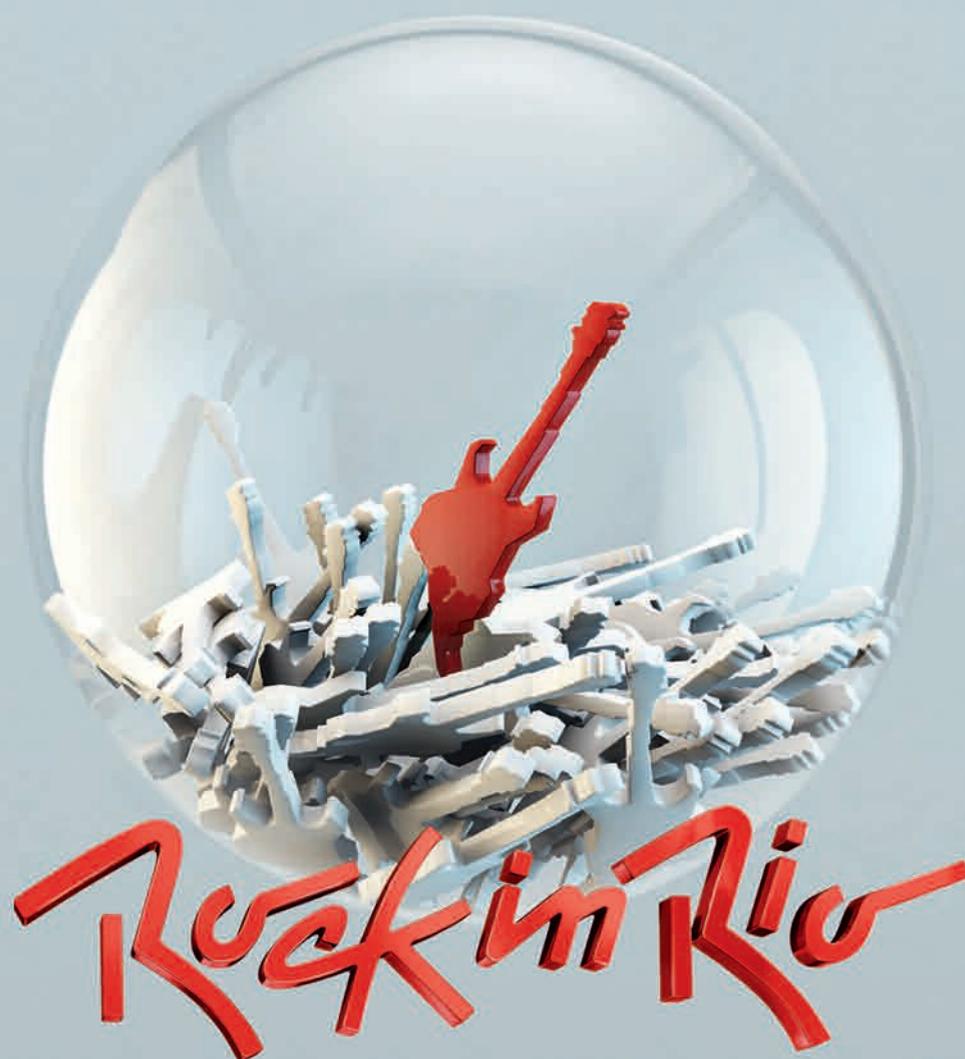
A TVI 24 está já a gravar os primeiros programas da nova série "Autores", que deverá começar a ser transmitida ainda neste mês de Maio, em data e horário a anunciar. Segundo pudemos apurar, a sua transmissão decorrerá, muito provavelmente, às sextas-feiras à noite e será repetida no sábado seguinte, devendo cada programa ocupar um período de 55 minutos. Como aconteceu nas séries anteriores, quer na RTP 2, quer também na TVI 24, o programa, da responsabilidade da SPA e daquela estação de televisão, tem apresentação do cooperador e membro da Direcção da cooperativa Paulo Sérgio dos Santos. O cenário, em que predomina o vermelho, tal como o logótipo da SPA, é, uma vez mais, da responsabilidade de Catarina Amaro.

Deste modo, a SPA retoma a sua presença naquele canal de televisão, no qual iniciou em 2010 um novo ciclo da sua intervenção no espaço mediático, exactamente com o mesmo nome do actual programa – "Autores" -, ao qual se seguiu uma série de 26 programas na RTP2, com o título "A de Autor". Os convidados do primeiro programa gravado desta nova série na TVI 24, em que participam sempre dois criadores de diversas disciplinas e gerações, foram Jorge Palma e Isabel do Carmo. Seguiram-se, até à hora de fecho desta edição, Luís Tinoco e Paulo Furtado, The Legendary Tiger Man de seu nome artístico; Tozé Brito e Carlos Alberto Moniz; Luísa Amaro e António Chainho; Jorge Leitão Ramos e Paulo Filipe; e Maria João e Márcia. (ver notícia pormenorizada)

## “NOTAS DE AUTOR” DE NOVO NA TSF

Entretanto, a SPA voltará a ter no ar, na antena da TSF, a partir deste mês de Maio e nos próximos meses, a série "Notas de Autores", que, em apontamentos diários de três minutos, de segunda a sexta, dará voz a cooperadores de todas as disciplinas, que falarão do seu trabalho e da obra de outros autores, com um predominante critério de actualidade". A ideia é "uma semana um autor". Ao longo da semana, cada dia um autor destaca obras de outros autores que ele considera merecedoras de realce. No primeiro dia, esse autor fala de uma obra sua nova e nos quatro apontamentos seguintes da semana, fala de obras de outros autores em "um dia para cada autor".





**10 EDIÇÕES :: 5 MILHÕES E 900 MIL PESSOAS NO EVENTO :: 813 BANDAS  
880 HORAS DE MÚSICA :: 200 PAÍSES IMPACTADOS PELA TV E INTERNET  
TRENDING TOPICS EM 13 PAÍSES :: MAIS DE 13 MILHÕES DE VISITANTES  
ÚNICOS NO SITE :: O MAIOR EVENTO DE MÚSICA DO MUNDO TAMBÉM NAS  
REDES SOCIAIS COM 4.8 MILHÕES DE SEGUIDORES.**

## **PRÓXIMAS EDIÇÕES**

**ROCK IN RIO - LISBOA**

**25 E 26 DE MAIO | 1, 2 E 3 DE JUNHO**

**ROCK IN RIO - MADRID**

**30 DE JUNHO | 5, 6 E 7 DE JULHO**

**ROCK IN RIO BRASIL**

**SETEMBRO 2013**

**ROCK IN RIO - ARGENTINA**

**OUTUBRO 2013**



Ainda o 25 de Abril estava longe e já o jovem Samuel se embrenhava nas canções de cantautores que marcaram aquela data, em especial o da sua eleição: Zeca Afonso. Daí aos milhares de actuações no Canto Livre foi um passo convicto. Depois, foi um quase silêncio. Hoje, ressuscitado, com jovens músicos, tem em cena em qualquer palco que suporte o seu peso, o espectáculo "É o Canto de Todos Que É o Meu Próprio Canto" (direitos de autor a Violeta Parra), título do disco que também prepara.



# O canto de todos é o seu canto

**SAMUEL**

**O que é que o Samuel está a fazer agora?**

Agora, estou a reunir coragem, assunto e canções para fazer um disco meu, finalmente, mas em que metade das cantigas não serão minhas, porque eu quero assumir num disco, pela primeira vez, a minha antiga mania de cantar as coisas dos outros de que gosto.

**Quem são esses outros?**

Pablo Milanês, Violeta Parra, por aí.

**E portugueses?**

Basicamente, vai ser Zeca e Adriano.

**Disco para quando?**

Assim que eu puder. Não faço ideia. Não tenho prazo. Não tenho editora. Ainda não pensei muito

nisso, sequer. Até agora, tenho pensado no tempo eventualmente perdido a bater à porta de editoras para, depois, acabar por fazer eu o disco. Mas pode ser que aconteça uma coisa qualquer que me faça mudar de opinião.

**Isso é o que o Samuel vai fazer. Mas o que é que está a fazer neste momento, como cantor?**

Como cantor, estou a cantar em todos os sítios onde me convidam para o fazer, com novos músicos, nova energia, a energia deles, que são todos muito novos, e estou a gostar, está a ser giro. Por exemplo, há uns tempos tive uma série bastante intensa de espectáculos, num 25 de Abril e, por essa altura, uma série deles que fiz em Montemor,

no Ciclo da Primavera, no qual eu pensava que ia fazer um espectáculo e foi preciso fazer seis nas freguesias à volta de Montemor, o que foi uma boa experiência para rodar os tais novos músicos. Foi uma série muito intensa, em que tivemos que ensaiar muito, porque foi ensaiar um repertório de cerca de 40 cantigas, visto que os espectáculos foram todos diferentes. Mas, voltando ao assunto, agora estou pronto para ir a qualquer lado, com músicos, muitos, poucos, assim-assim. É um segundo fôlego. E o disco, se calhar, vai ajudar a isso.

**RESSUSCITADO**

**Em termos de espectáculos, esse esquema vai continuar?**

Eu espero bem que sim, que haja coragem da parte dos programadores



das autarquias, que, muitas vezes, têm medo que um espectáculo assim possa correr mal e, depois, ficam sempre muito admirados, porque o espectáculo correu muito bem e as pessoas gostaram muito. E lá nas terras por onde tenho passado ficam muito admirados por isso. Tenho ido cantar a terras onde é a primeira vez que se faz um espectáculo com este tipo de canções, como aconteceu, por exemplo, em Almeida.

#### Com alma até Almeida...

Exactamente. Portanto: se houver mais programadores, a nível das autarquias e nalguns jovens – primeiro têm que descobrir quem nós somos, que é uma coisa que não sabem, infelizmente. Alguns. Muitos, se descobrirem quem nós somos e o que fazemos e que as pessoas que cantam músicas, ou do Zeca, ou do género, não morreram todas, como o Zeca e o Adriano, quando eles descobrirem que há mais pessoas a fazer isso, há muito trabalho para fazer, porque há uma grande apetência, uma nova apetência aí pelo país, há

**“ HÁ UMA GRANDE APETÊNCIA, UMA NOVA APETÊNCIA AÍ PELO PAÍS, HÁ UMA REACÇÃO MUITO MAIS EFUSIVA, MUITO MAIS CALOROSA A ESTE TIPO DE CANÇÕES DO QUE HAVIA AQUI HÁ ALGUNS ANOS QUANDO AS NOTÍCIAS DA NOSSA MORTE FORAM BASTANTE EXAGERADAS**

uma reacção muito mais efusiva, muito mais calorosa a este tipo de canções do que havia aqui há alguns anos quando, como dizia o outro, as notícias da nossa morte foram bastante exageradas.

#### O Samuel ressuscitou?

Todos. Qualquer dos cantores que tivesse tido a pachorra e a teimosia de aguentar até hoje, sem ir para aqui ou para acolá, ou até desistir de cantar, como aconteceu a outros, veria que isto está a ressurgir. Para alguns já não vai ressurgir, porque partiram para outras coisas.

#### O passado. As melhores recordações. Os festivais da canção.

Dos festivais não posso, propriamente, falar de boas recordações. Há recordações engraçadas, é evidente. Como cantor, sozinho, não tenho grandes recordações, porque sempre tive a noção de que, mais ou menos, num ou noutro festival, estava sempre a ser lixado por alguém, nalguns casos efectiva e comprovadamente, nomeadamente com o controlo da sala e não com a votação do público.

Aliás, exactamente com a votação do público é que uma vez fiquei em segundo lugar, a uma votação, só, da Maria Guinot, porque o público português estava virado para as canções bonitas e calmas. Porque noutros anos eu tive a noção exacta de que não era pessoa bem-vinda naquele certame. As recordações mesmo boas e divertidas tenho-as do SARL, que era uma coisa muito divertida.

#### SARL era o quê?

SARL era, para além de um grande poema do Ary dos Santos, um grupo, que se intitulava Sociedade Anónima Recreativa Lusitana, do qual o grande mentor foi o Pedro Osório, com o Carlos Alberto Moniz e eu. Era um trio, uma boys band alegre e descontraída, que tinha sempre no coro, conforme a disponibilidade, a Maria do Amparo, a Madalena Leal e a Joana (doutora Joana, deve ser directora de algum hospital, hoje em dia) e quando, por alguma razão de força maior, alguma não podia, a Helena Isabel também dava uma ajuda. Isso foi muito divertido.

**DETERMINADO** ▶



**EU CRESCI RAPIDAMENTE E POR CONTA PRÓPRIA QUASE SOZINHO, ENTRE A ALTURA EM QUE SAÍ DA IGREJA DOS PAIS E ESSE PRÉ-25 DE ABRIL EM QUE FIZ O "CANTIGUEIRO". FOI UM MILAGRE. ERA DE UMA INGENUIDADE A TODA A PROVA**

**Entre o "Cantigueiro" e o disco que vem aí, que diferenças tem o Samuel?**

Tirando as diferenças óbvias do cabelo e dos quilos, a diferença é que a ingenuidade ficou algures sepultada lá atrás, não sei aonde, porque o tal cantigueiro era muito ingénuo. Eu tinha vindo de uma Igreja onde até ver as coisas que se passavam fora da igreja era pecado. Eu cresci rapidamente e por conta própria quase sozinho, entre a altura em que saí da Igreja dos pais e esse pré-25 de Abril em que fiz o "Cantigueiro". Foi um milagre. Era de uma ingenuidade a toda a prova. E o crescimento rápido, logo a seguir ao 25 de Abril, quando tive de fazer aquelas 7500 sessões do Canto Livre, de borla, em cima de tractores, de fardos de palha, de palcos improvisados, por todo o lado, foi uma coisa exaltante mas, entre exaltação e exaltação, a ingenuidade foi-se ficando, foi falecendo aos poucos. O que é uma coisa boa, porque agora os princípios que formavam essa ingenuidade ficaram todos. Só a ingenuidade é que faleceu, mas foi substituída por vontade,

determinação, conhecimento de causa, que creio que é mais útil agora do que a ingenuidade dos 20 anos.

**O Samuel subscreve aquilo que o José Mário Branco diz, numa cantiga, "foi um sonho lindo que acabou"?**

Não! Isso foi um desabafo do Zé Mário. Todos nós dizemos assim uma coisa mal disposta de vez em quando. O próprio Zé Mário diz, no fim da cantiga, que "sempre que Abril aqui passar, dou-lhe farnel para o ajudar", portanto não acha nada que acabou, acha que se está a continuar a fazer. Não subscrevo, embora compreenda o desabafo.

**O futuro vai ser bom?**

Não faço a mínima ideia. Bom é estar empenhado, a trabalhar e activo a construir esse tal futuro que queremos. Isso é que é fundamental. O que vai acontecer, não faço a mínima ideia. O que eu quero, para os meus filhos e para os netos, é que também se empenhem na construção do futuro deles. E isso é que é bom.

*Nuno Gomes dos Santos*



**UM CANTIGUEIRO AO ALCANCE DAS MÃOS**

Comprova o seu BI que se chama, completamente, Samuel Leonor Lopes Quedas, e que é um indivíduo do género masculino nascido a 1 de Agosto de 1952, o que não teria importância alguma não fora, por esses anos que foram passando, terem acontecido coisas marcantes para si, para o país em que vive, para a música que aprendeu a cantar e para as canções que nos ensinou a ouvir. Ou seja: ainda Abril estava longe de ser o que foi e lá estava ele a ouvir - e a gostar de ouvir - o José Afonso, o Adriano, o Fanhais, o Manuel Freire, o Paco Ibañez, o que não era pouco e muito se tornou, porque uma sua professora de História, que fora colega de Faculdade do Zeca, o apresentou ao autor-cantor da sua predilecção: "Olá Zeca, este é o Samuel e gosta das tuas cantigas". Samuel foi, por acaso, viver para Setúbal, cidade em que José Afonso habitava, e foi ter com ele. Palavra puxa palavra, cantiga

puxa cantiga, "Também cantas", "Também e também faço cantigas", "Muito me contas", "Muito te canto"... Vai daí o debutante cantautor ficou amigo do Zeca e atreveu-se a escrever o "Cantigueiro" que, via Zeca, foi gravado em semanas. Era o primeiro de muitos discos que viriam a seguir e o pontapé de saída de muitas cantigas vividas e de muita música cantada. Estamos nisto e vemo-lo em Lisboa, fazendo música e interpretando-a (com Pedro Lobo Antunes), para a peça "D. Quixote", de António José da Silva, "O Judeu". Os poemas eram de Natália Correia e daí a frequência do Botequim, novos conhecimentos, ainda não eram as portas que Abril abriu, mas já Samuel entrava por elas. Foi morar para o comunitário da Cruz Quebrada, fundado pelo padre José da Felicidade Alves. Já aí morara o Fanhais. Um dia, estava no lugar errado à hora errada. Foi confundido com um perigoso operacional da LUAR e prenderam-no. Foi preciso uma

semana para detectarem o erro... Pouco depois gravou, com Carlos Mendes, Duarte Mendes e Tonicha, "Fala do Homem Nascido", ainda hoje o disco com o maior número de canções com poemas de António Gedeão. A música foi assinada por José Niza e as orquestrações foram de José Calvário. 25 de Abril de 1974. O então puto Samuel é bem aceite pelo público e pela crítica, desata a cantar por tudo o que é sítio, vê-lo e ouvi-lo nos Cantos Livres é fácil, hoje foi aqui, amanhã será acolá, não tarda vem à nossa terra. Mete-se o Teatro pelo meio. No Adóque participa na revista "Pides na Grelha", passa pela Comuna e é um dos fundadores de A Barraca. E sai LP. Estamos em 1979 e o seu "Ao Alcance das Mãos" fica ao dispor. Depois e antes, muitas participações em discos e em festivais da canção, muitas viagens para contentar emigrantes. Há quem diga que é do melhorzinho que a gente tem a cantar, o que poderá ser

**PERFIL**